

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO**

DISSERTAÇÃO

**SERÁ QUE REALMENTE NÃO HÁ NADA EM JAPERI – RJ?:
Uma abordagem didática da paisagem para compreensão do lugar.**

ALEXANDRE JOHAN PEREIRA SITTROP

Nova Iguaçu

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO**

SERÁ QUE REALMENTE NÃO HÁ NADA EM JAPERI – RJ?:

Uma abordagem didática da paisagem para compreensão do lugar.

ALEXANDRE JOHAN PEREIRA SITTROP

Sob a orientação da professora

Dra. Edileuza Dias de Queiroz

e Co-orientação do Professor

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**, paisagem e ensino de geografia.

NOVA IGUAÇU, RJ
2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS563s Sittrop, Alexandre Johan Pereira, 1986-
SERÁ QUE REALMENTE NÃO HÁ NADA EM JAPERI - RJ?: Uma
abordagem didática da paisagem para compreensão do
lugar. / Alexandre Johan Pereira Sittrop. - Nova
Iguáçu, 2024.
99 f.: il.

Orientadora: Edileuza Dias de Queiroz.
Coorientador: Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GEOGRAFIA - PPGGEO , 2024.

1. Paisagem. 2. Lugar. 3. Ensino de Geografia. 4.
Geotecnologia. 5. Baixada Fluminense. I. Queiroz,
Edileuza Dias de, 1967-, orient. II. D'Arrochella,
Marcio Luiz Gonçalves, 1981-, coorient. III
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGGEO . IV.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÉNCIAS



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO N° 15/2025 - IGEO (11.39.00.34)

Nº do Protocolo: 23083.013853/2025-09

Seropédica-RJ, 20 de março de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÉNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ALEXANDRE JOHAN PEREIRA SITTROP

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 16/12/2024

Edileuza Dias de Queiroz. (Dra) UFRRJ

Orientadora, presidente da banca

Marcio Luiz Gonçalves D'arrocchella. (Dr)

Examinador Externo

Cristiane Cardoso. (Dra) UFRRJ

Examinador Interno

Elizabeth Maria Feitosa da Rocha de Souza. (Dra) UFRJ

Examinadora Externa

Guilherme Preato Guimarães. (Dr) UERJ

Examinador Externo

(Assinado digitalmente em 20/03/2025 15:26)
CRISTIANE CARDOSO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matricula: ###135#6

(Assinado digitalmente em 22/03/2025 07:49)
EDILEUZA DIAS DE QUEIROZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PROEXT (12.28.01.16)
Matricula: ###63#1

(Assinado digitalmente em 21/03/2025 10:11)
ELIZABETH MARIA FEITOSA DA ROCHA DE SOUZA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.997-##

(Assinado digitalmente em 20/03/2025 21:29)
MARCIO LUIZ GONÇALVES D'ARROCHELLA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.967-##

(Assinado digitalmente em 21/03/2025 23:55)
GUILHERME PREATO GUIMARAES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.367-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 15, ano: 2025, tipo: HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, data de emissão: 20/03/2025 e o código de verificação: 7270adc496

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de uma jornada de aprendizado e superação, que só foi possível graças ao apoio e incentivo de muitas pessoas. Primeiramente, agradeço à UFRRJ e aos dedicados professores por me proporcionarem o conhecimento e os recursos necessários para concluir esta etapa.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Dra. Edileuza Dias de Queiroz, e ao meu co-orientador, Dr. Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella, minha gratidão por toda orientação e valiosas contribuições ao longo deste percurso. Vocês foram fundamentais tanto para o desenvolvimento deste trabalho quanto para meu crescimento como professor/pesquisador. Muito obrigado também aos membros da banca Guilherme Preto Guimarães, Elizabeth Maria Feitosa da Rocha de Souza e Cristiane Cardoso por se disponibilizarem e pelas sugestões valiosas.

Aos meus alunos, que participaram da minha pesquisa, oferecendo suas percepções e feedbacks. A experiência de planejar e apresentar uma aula diferenciada foi enriquecedora e transformadora, e nada disso seria possível sem o entusiasmo e a colaboração de vocês. Vocês detêm todo meu carinho e desejo-lhes tudo de bom em suas vidas, vocês merecem.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas de trabalho e à escola Santos Dumont por me acolherem nesses 10 anos de jornada.

Aos meus amigos que compartilharam essa caminhada comigo, em todos os momentos, oferecendo apoio, risadas e ajuda nos momentos difíceis. A parceria de vocês tornou essa jornada mais leve e prazerosa.

Por fim, agradeço aos meus familiares, em especial Lucinda, Rudolf, Daniela e Maria Rita, que sempre acreditaram em mim, oferecendo amor, compreensão e apoio incondicional. Suas palavras de incentivo me deram força para continuar, mesmo nos momentos mais desafiadores.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, o meu mais sincero agradecimento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

RESUMO

Para que o ensino de Geografia atinja seus objetivos, é fundamental adotar metodologias que priorizem a construção do conhecimento e estejam conectadas à realidade dos estudantes. Nesse contexto, apresentar a Geografia com base nos conceitos de lugar e paisagem é uma abordagem pertinente, pois contribui para o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade. A partir do estigma negativo e de falas depreciativas, dos próprios estudantes, de que Japeri é “feio”, criou-se a pergunta de investigação: É possível mudar a percepção negativa e deixar as aulas mais interessantes utilizando as paisagens de Japeri?”. Nesta direção, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o potencial paisagístico do município de Japeri-RJ para contribuir como subsídio ao ensino de Geografia para estudantes do sexto ano da rede pública municipal. Considerando que Japeri é um município periférico da Baixada Fluminense e enfrenta escassez de materiais didáticos específicos sobre o lugar para uso em sala de aula, optou-se por analisar os elementos das paisagens locais com o objetivo de explorá-los como recursos pedagógicos. Como apporte teórico utiliza-se a paisagem na vertente da Geografia Cultural em Sauer (1925), Berque (1984) e Cosgrove (1989) que trabalham, respectivamente, com as concepções de percepção, experiências humanas e significados. Além disso, tem-se apoio em Yi-Fu Tuan (1980) no que tange ao conceito de lugar, uma vez que trata da relação afetiva e sentimental com o local de vivência, ou seja, Topofilia. A metodologia, baseia-se na Pesquisa-Ensino de Penteado (2010), pois aborda o desejo de transformação da práxis pessoal e da investigação do processo ensino-aprendizagem, além disso houve aplicação e análise de um questionário com estudantes do 6º ano para entender a percepção que têm sobre o município, em seguida foi desenvolvida e aplicada uma atividade utilizando paisagens de Japeri através da geotecnologia *StoryMap* do ArcGis Hub. A atividade foi descrita e acompanhada pela análise de um questionário relacionado a ela, evidenciando resultados positivos. Os alunos, público-alvo da proposta, demonstraram apreço pelo uso do *StoryMap*, valorizando mais o lugar onde vivem, fortalecendo sua conexão afetiva e reconhecendo a importância da relação com a cidade.

Palavras chave: Paisagem; Lugar; Ensino de Geografia; Geotecnologia; Baixada Fluminense

ABSTRACT

For Geography education to achieve its goals, it is essential to adopt methodologies that prioritize knowledge construction and are connected to students' realities. In this context, teaching Geography through the concepts of place and landscape is a relevant approach, as it helps students develop a critical understanding of their surroundings. Motivated by the negative stigma and dismissive comments from students themselves, such as calling Japeri "ugly," the research posed the question: Is it possible to change this negative perception and make classes more engaging by using Japeri's landscapes? This study aims to analyze the landscape potential of Japeri, a municipality in the state of Rio de Janeiro, to serve as a resource for teaching Geography to sixth-grade students in local public schools. Given that Japeri is a peripheral area in the Baixada Fluminense region and lacks sufficient educational materials addressing its specific characteristics, the research focused on analyzing local landscapes to be used as teaching tools. The theoretical framework draws on the concept of landscape from the perspective of Cultural Geography, referencing Sauer (1925), Berque (1984), and Cosgrove (1989), who explore themes like perception, human experiences, and meanings. Additionally, Yi-Fu Tuan's (1980) concept of topophilia—the emotional and sentimental connection to one's living environment—provides a basis for understanding the role of place. The methodology follows Penteado's (2010) Teaching-Research approach, emphasizing the transformation of personal praxis and the exploration of the teaching-learning process. A questionnaire was administered to sixth-grade students to understand their perceptions of Japeri. Subsequently, an activity using Japeri's landscapes was developed and applied, utilizing the *StoryMap* tool from ArcGIS Hub. The activity was accompanied by a detailed analysis of a related questionnaire, revealing positive outcomes. The students, who were the target audience of this proposal, expressed appreciation for the use of *StoryMap*. This approach not only made them value their local area more but also strengthened their emotional connection to it and enhanced their awareness of its importance.

Keywords: Landscape; Place; Geography Teaching; Geotechnology; Baixada Fluminense

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Municípios que abarcam a Baixada Fluminense	40
Figura 2 - Frente da escola	46
Figura 3 - Localização da escola em relação à estação de Engenheiro Pedreira	47
Figura 4 – Refeitório	48
Figura 5 - Pátio, quadra (à direita) e rampa (à esquerda)	48
Figura 6 - Salas do primeiro andar	49
Figura 7 - Aluno com dificuldade na escrita	52
Figura 8 - Nuvem de palavras	53
Figura 9 - Locais que os alunos frequentam	54
Figura 10 - Praça do Mucajá	55
Figura 11 - Rio dos poços/valão por imagem de satélite	56
Figura 12 - Rio dos poços/valão	57
Figura 13 - Durante a aplicação do <i>StoryMap</i>	66
Figura 14 - Slide introdutório da atividade	67
Figura 15 - Slide explica o nome do município	68
Figura 16 - Slide expõe Japeri em relação aos demais municípios	69
Figura 17 - Slide demonstra um panorama econômico e social de Japeri	70
Figura 18 - Slide traz o tema conurbação	71
Figura 19 - Slide aborda o campo de golfe	72
Figura 20 - Slide traz os valores para se jogar golfe	73
Figura 21 - Slide expõe o principal atrativo da cidade	74

Figura 22 - Slide mostra o caminho da trilha	74
Figura 23 - Slide discute a água	75
Figura 24 - Slide debate os agentes produtores do espaço urbano	76
Figura 25 - Slide mostra a mudança na paisagem da praça	77
Figura 26 - Slide mostra a mudança na paisagem próximo à escola	77
Figura 27 - Slide mostra local com uma mudança drástica na paisagem	78
Figura 28 - Pergunta de número 1	80
Figura 29 - Pergunta de número 2	81
Figura 30 - Pergunta de número 3	82
Figura 31 - Pergunta de número 4	83
Figura 32 - Pergunta de número 5	84
Figura 33 - Pergunta de número 6	85
Figura 34 - Pergunta de número 7	86
Figura 35 - Pergunta de número 8	87
Figura 36 - Pergunta de número 9	88
Figura 37 - Pergunta de número 10	89
Figura 38 - Pergunta de número 11	90
Figura 39 - Pergunta de número 12	91
Figura 40 - Pergunta de número 13	92
Figura 41 - Pergunta de número 14	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: APORTE CONCEITUAIS	12
1.1 O conceito de paisagem pelas lentes da Geografia Cultural	12
1.2 O Conceito de Lugar pela Fenomenologia	18
1.3 Geografia Humanista	20
1.4 A ponte com a Geografia Escolar	23
CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	28
2.1. Operacionalização da Pesquisa	31
2.2. Breve Mapeamento bibliográfico	32
2.3. Área de Estudo - Japeri/RJ	39
2.3.1. Aspectos Educacionais de Japeri.....	44
2.3.2. A Escola Santos Dumont.....	45
CAPÍTULO III – CONSTRUINDO A ATIVIDADE.....	51
3.1. A Percepção dos Estudantes sobre Japeri	51
3.2 Geotecnologia e o <i>StoryMap</i>	61
3.3 Descrição da Atividade	63
3.4 Aplicação da Atividade.....	65
3.4.1. Relatos sobre o retorno de cada slide	67
3.5 Avaliação do Questionário pós <i>StoryMap</i>	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

APÊNDICES	103
APÊNDICE 1	104
APÊNDICE 2	106
APÊNDICE 3	111

INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida está relacionada com a área de Educação Geográfica, na qual se utilizou as paisagens (de Japeri) e lugar (dos alunos), para trabalhar conteúdo da geografia. Para que isso ocorra de maneira eficaz foi preciso compreender a percepção dos educandos acerca das paisagens locais, para assim pensar e desenvolver uma atividade que seja relevante aos discentes.

Tendo em vista as recorrentes falas depreciativas dos alunos/moradores acerca do lugar que vivem e convivem, surgiu a motivação de se trabalhar em sala de aula o referido município. Ano após ano, turma após turma, o discurso se repete: Japeri é descrito como "feio" e que "não tem nada pra fazer", com pouquíssimas menções positivas, como "legal" ou "calmo". Dessa forma, foi planejada e executada uma atividade com o uso do *StoryMap*, que combinou conceitos de Geografia com a exploração das paisagens de Japeri. A iniciativa foi implementada em uma escola pública, com o objetivo principal de destacar as paisagens locais, muitas vezes esquecidas, talvez por falta de conhecimento ou por não receberem a devida importância.

Somado a isso, tem-se a falta de material didático acerca do município, para qualquer disciplina, o que tornou relevante o conhecimento da paisagem e a sua posterior elaboração e utilização em atividades, visando um aprendizado mais engajado, contextualizado e significativo.

Nesse contexto, a hipótese é que os discentes possuem essa visão negativa pela falta de bases mais robustas acerca do lugar que vivem, portanto seria ideal descontinar essa visão, e a geografia se demonstra adequada para essa situação. Além disso, o intuito foi de levar para dentro da sala de aula e nos conteúdos de geografia o lugar em que vivem nos seus cotidianos, tendo em vista a carência de materiais didáticos que citam Japeri. Ademais, sabe-se que é extremamente pertinente as aulas serem planejadas utilizando o espaço vivido dos alunos para que o ensino/aprendizagem se torne atrativo e relevante já que valer-se de situações cotidianas mostra-se mais efetivo do que conjunturas longínquas e desconexas das vidas dos discentes.

Tendo em vista que um dos aspectos inerentes à Geografia são as relações do indivíduo com o seu meio, Cavalcanti (2005, p. 68) destaca que os professores precisam considerar a “cultura geográfica” dos alunos já que em suas práticas cotidianas constroem conhecimentos

geográficos e que precisam ser confrontados, discutidos e ampliados com o saber geográfico sistematizado das escolas.

Toda essa inquietação com o ensino vem pelo fato do autor estar há dez anos como professor da rede e nesse período ter desenvolvido uma empatia enorme pelos alunos, e com suas aprendizagens. Além disso, tantos anos exclusivamente em sala de aula gerou certa angústia devido à sensação de desatualização e desmotivação, considerando a menor necessidade de preparar aulas complexas em razão dos desafios acentuados de alfabetização e do desinteresse dos alunos. Por essa razão, a busca pela academia surgiu como uma forma de renovação e estímulo. Ademais, é fundamental que o professor mantenha o compromisso com o aprendizado contínuo e esteja aberto a novas propostas e saberes, visando o crescimento profissional e o desenvolvimento pessoal.

Essa inquietude e cuidado, ocorre pela autocrítica onde o autor reconhece que deve sempre aperfeiçoar sua prática pedagógica, bem como o próprio papel de professor em si.

Dessa forma, essa pesquisa justifica-se pela relevância de se levar o cotidiano dos alunos para as aulas de geografia, já que os livros são genéricos e distantes das suas realidades e o principal, a falta de materiais sobre Japeri que facilitariam a contextualização dos conhecimentos geográficos com seus espaços vividos. Ademais, buscou-se a contribuição para o Ensino de Geografia na periferia tendo em vista a “fama” de a Baixada Fluminense ser um local depreciativo.

Nesse cenário, a principal pergunta de investigação foi: “seria capaz mudar a percepção negativa e deixar as aulas mais interessantes utilizando as paisagens de Japeri?”. Assim, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar o potencial paisagístico do município de Japeri-RJ para contribuir como subsídio ao ensino de geografia para alunos do sexto ano da rede pública municipal. Já os objetivos específicos foram:

- 1) Entender a percepção ambiental de alunos do 6º ano de uma escola municipal de Japeri, sobre a paisagem local.
- 2) Delimitar o potencial paisagístico do município que possa contribuir para o ensino de temas de geografia.
- 3) Aplicar a ferramenta *StoryMap* utilizando a paisagem de Japeri/RJ para o aprendizado sobre o mesmo.

Como metodologia optou-se pela Pesquisa-Ensino (PENTEADO, 2010) já que essa pressupõe a constante reflexão acerca do próprio trabalho docente para alterar e melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Ademais, esta pesquisa baseia-se em alguns autores que abordam temáticas pertinentes ao tema aqui trabalhado e é importante abordá-los para a melhor compreensão da pesquisa a ser realizada, são eles: Sauer (1925), Berque (1984), Cosgrove (1989), Tuan (1980), Oliveira (2017) e Penteado (2010).

O apoio pela Pesquisa-Ensino (PENTEADO, 2010) deve-se à busca pela realização de uma intervenção transformadora na prática docente baseada no próprio trabalho docente cercado de investigações, análises e redirecionamentos que visam resolver certa questão-problema que nos incomoda. A Pesquisa-Ensino pressupõe o constante diagnóstico e reflexão sobre a práxis, questão que sempre deve estar em constante ponderação no pensamento de todo professor. As dificuldades no percurso trazem novos desafios e a autocrítica traz oportunidades de percorrer outros caminhos não imaginados, ou seja, o ato de ensinar propicia o ato de pesquisar, e que no mundo ideal todos os professores deveriam fazer e quem sabe produzir conhecimento e difundi-los.

Por essa razão, essa metodologia foi escolhida já que se busca pensar e refletir sobre a práxis e as possibilidades e desafios que estão por vir. Como fundamentação teórica, busca-se sustentação nos conceitos de paisagem e lugar, posto que refletem a natureza, o trabalho e a cultura. Esses despertam sensações e são a base de vivências, experiências e emoções.

Com o objetivo de desenvolver um entendimento de um assunto ou questão e obter informações e percepções dos discentes, aplicou-se um questionário de viés qualitativo, para posterior interpretação e análise objetiva e subjetiva do discurso dos entrevistados, com o intuito de subsidiar o levantamento de dados acerca das paisagens que julgam relevantes, para enfim delinear as paisagens a serem trabalhadas na futura atividade a ser concebida e desenvolvida. Esse questionário se mostrou fundamental para entender o que pensam e revelou locais antes desconhecidos e/ou desqualificados pelo autor. Além disso, buscou-se saber o que os vem à mente quando indagados sobre Japeri, onde costumam ir e, se possuem algum conhecimento acerca do rio (valão¹) que percorre perto da escola, tendo em vista a pretensão de utilizá-lo.

¹ Utiliza-se o termo valão, tendo em vista ser a única maneira que os alunos se referem ao rio.

Portanto, o trabalho se justifica devido ao interesse pessoal de melhorar como professor e como pessoa, em virtude de uma melhor práxis visando um ensino melhor e mais significativo para aluno/moradores de uma região com graves problemas sociais e educacionais.

A pesquisa é composta por 3 capítulos, a saber: o primeiro intitulado Aportes conceituais que discorre sobre os conceitos de lugar e paisagem pela Geografia Cultural, suas ligações com a Geografia Escolar e lida também sobre percepção. Esses conceitos e correntes de pensamento foram selecionados por tratar da experiência humana com o local em que se vive, dessa forma julgou-se significativo ao que se propôs pesquisar nesta dissertação. O segundo, chamado Caminhos metodológicos, trata dos objetivos específicos e gerais, da metodologia escolhida, no caso Pesquisa-Esino, dos questionários que se aplicou, do Estado da arte e por fim discorre sobre Japeri e alguns dos seus aspectos. Por último, intitulado Construindo a atividade, trata sobre a análise do questionário aplicado sobre a percepção dos alunos, da descrição e aplicação do *StoryMap* e análise do questionário sobre o *StoryMap*.

CAPÍTULO I: APORTES CONCEITUAIS

O objetivo deste capítulo é revisitar os conceitos de paisagem e lugar, através de autores considerados clássicos da Geografia, que são a base para o desenvolvimento dessa pesquisa.

1.1 O Conceito de Paisagem pelas lentes da Geografia Cultural

O conceito de paisagem é apropriado por diversos campos de saberes, disciplinas ou profissões como arquitetura, ecologia e literatura, e de acordo com Ribeiro (2007), fez com que o seu valor como um conceito científico fosse negado por alguns críticos em função de sua polissemia e subjetividade. Tanto que esse conceito foi renegado a uma posição secundária, suplantada pela ênfase nos conceitos de região, espaço, território e lugar (CORRÊA, 1998). Assim como a própria Geografia sofreu transformações ao longo do tempo, o conceito de paisagem também percorreu esse caminho, sendo inspirado por correntes de pensamento, geógrafos e escolas que de acordo com suas influências desenvolveram múltiplas concepções.

Foi no período entre o final do século XIX e do início século XX que a Geografia Cultural ganha destaque dentro da geografia, já que Otto Schlüter (1872-1959), Siegfried Passarge (1866-1958) e Carl Ortwin Sauer (1889-1975) principalmente, passaram a estudar a cultura dentro do método científico de análise da paisagem, indo de maneira oposta a análises tradicionais onde não se levava em consideração a influência do homem nas transformações da paisagem (CORRÊA, *op. cit.*).

Carl Sauer, nome mais expoente da Escola de Berkeley, considerava a paisagem um conceito-chave para a Geografia e em seu clássico “A morfologia da paisagem”, lançado no final do século XX, o tempo é uma variável fundamental na análise da paisagem na qual é composta por conjuntos naturais e culturais em uma certa área, integradas entre si, onde a cultura é a responsável pela modificação na paisagem natural, transformando-a em paisagem cultural, dessa forma Sauer realça o papel cultural, contrapondo-se ao determinismo ambiental que presumia a natureza como determinante no desenvolvimento das sociedades. Segundo o autor, o objetivo da ciência geográfica era a diferenciação das áreas, sendo que a paisagem era “o conceito central da geografia, conceito esse que, segundo ele, seria capaz de romper com as dualidades da disciplina (físico/humano e geral/regional)” (RIBEIRO, 2007, p. 19).

Sauer (1925) considera a paisagem como sendo algo orgânico, onde as materialidades das formas possuem funções. Além disso, as paisagens com suas individualidades, possuem relações com outras paisagens que acabam por formar um sistema geral, uma estrutura. Tempo e espaço são fundamentais em sua análise, já que, uma paisagem não é inerte e está em constante desenvolvimento no tempo e no espaço por meio da cultura.

A paisagem, portanto, é composta tanto de elementos naturais como culturais, sendo que a parte física da natureza é composta por formas como recursos naturais, topografia, drenagem e composição mineral, por exemplo. Essas formas acabam por se relacionar promovendo um conjunto e estão estreitamente associados aos fatores climáticos e vegetacionais que causam e sofrem efeitos ao longo do tempo.

Em relação aos elementos culturais, essas são as ações que transformam e/ou destroem, em que uma sociedade deixa como marcas/formas na paisagem natural. Admite-se que as paisagens sofrem com constantes mudanças de cunho natural e/ou de cunho cultural já que a intensidade de interferências varia de acordo com o nível de desenvolvimento tecnológico da sociedade ali instalada, desta maneira ao se analisar a complexidade de modificações e as formas presentes na paisagem, é possível, presumir o grau de importância da área e das atividades humanas. Mais uma vez o tempo é relevante já que a cultura pode alterar inserindo novas formas e assim rejuvenescendo a paisagem. Contudo, a cultura para Sauer era todo o conjunto da realização do ser humano e considerada como entidade abstrata, supra-orgânica, sem agentes sociais concretos (CORRÊA, 2014), onde o ser humano não passava de um simples receptor desta suposta força dada, dessa maneira havia pouca criticidade nos julgamentos da paisagem.

Sauer ([1925]1998) afirma que o visível é fundamental para se determinar a identidade de uma paisagem, sobrepondo-se ao próprio conteúdo contido nela, ou seja, são suprimidas todas as situações não materiais das atividades humanas.

O método morfológico proposto por Sauer implica na objetividade das análises puramente evidenciadas e superficiais, sendo que essas evidências são livres de suposições acerca de seus significados e explicações. Dessa maneira, as conclusões são simples, porém significativas. Isso ocorre porque em sua opinião as dimensões subjetivas da paisagem não interessavam ao método científico.

Por fim, a relevância do estudo morfológico da paisagem se manifesta na relação homem versus sítio, na significância da cultura e nas transformações no decorrer do tempo. Dessa maneira, Sauer destaca o papel da cultura em um momento histórico em que o determinismo ambiental era proeminente.

Por mais que Sauer admitisse, posteriormente, que suas teses continham várias dificuldades metodológicas como, por exemplo, a necessidade de estudos arqueológicos profundos, ficou claro sua contribuição para a consolidação da paisagem como um conceito de relevância para a geografia.

Já nos anos de 1970 ressurge o conceito de paisagem pela chamada Nova Geografia Cultural, que possui como principal característica a inserção do homem como o principal agente na organização do espaço, além de considerar a paisagem não somente palco de atividades humanas que se materializam, mas também carregadas de valores e simbolismos. Esse ressurgimento ocorre devido às grandes críticas aos trabalhos de Sauer já que este considerava a paisagem apenas como palco da cultura e realizações humanas além de suas características físicas.

Uma outra concepção para paisagem além da descrição, produção de inventários e estudos morfológicos é a inclusão da discussão sobre percepção e dentro dessa nova perspectiva da geografia se encontra Augustin Berque. Para o geógrafo francês a paisagem é o concreto, mas ao mesmo tempo é imaginação e representação destas.

Berque (1984) ao refletir sobre como as sociedades se relacionam com seus ambientes ficou curioso como isso ocorre e se dá no território. Para tais análises propôs além de enfoques geográficos enfoques filosóficos, fundamentados principalmente no filósofo japonês Watsuji Tetsurô (1889-1960). Nessa perspectiva, ele insere o ecúmeno, cujo significado é o conjunto de meios humanos que acontecem no espaço e no tempo que se interrelacionam e se influenciam mutuamente a todo instante.

Dessa maneira, o estudo da paisagem é o estudo do ecúmeno em si, já que as subjetividades das sociedades são projetadas objetivamente na superfície terrestre, tendo em vista que cada sociedade em cada um dos seus momentos históricos possui subjetividades distintas que, por conseguinte irão projetá-las no ambiente.

Para Augustin Berque (1984) pela paisagem é possível ler a relação entre sociedade e superfície terrestre, já que os objetos estão carregados de subjetividades, culturas e histórias. Essa leitura se dá de maneira objetiva, como por exemplo em análises de formas, articulações entre essas formas e suas respectivas funções, como também deve ser lida de maneira subjetiva, já que o observador está sempre carregado de sentidos e enxerga os objetos ao seu redor baseados em uma relação que tem com o meio.

É nessa relação com o ambiente que se concebe a paisagem já que é fruto de uma construção mental que vai além do visual, logo são oriundas dos sentidos, experiências, significados, sentimentos e sensações que relacionadas trazem significado ao meio. Esse meio, mundo exterior, não são apenas dados e objetos que o indivíduo internaliza, mas também são projeções que esse indivíduo faz internamente que criam e organizam esquemas que postos fazem sentido para ele, portanto “a realidade que percebemos é produto contingente desta adaptação das sensações vindas do exterior e das projeções vindas do interior do nosso cérebro” (MARIA, 2010, p. 70).

Dessa maneira, Berque considera como *marca* a materialização de uma sociedade sobre a superfície terrestre, que pode inclusive ser descrita. São frutos da interação da cultura vigente com a natureza gerando realizações que demonstram a tecnologia, as artes, memórias e arquiteturas que ficam impressas e atravessam gerações. Porém, ela é sempre vista por um olhar que detém consciências e experiências carregadas de percepções morais, políticas, coletivas e culturais. Por causa disso que a paisagem pode parecer igual para todos, mas na verdade ela não é, já que cada um enxerga algo à sua maneira, maneiras essas carregadas de percepções e vivências. Portanto, a paisagem é uma realidade e uma aparência da realidade ao mesmo tempo.

Berque complementa que paisagem também é *matriz* já que ela determina olhares e “participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza” (BERQUE, 1984, p 85. In: CORRÊA e ROSENDALH, 1998). Em outras palavras, a paisagem como matriz é uma base cultural, geográfica, natural, material e imaterial, que também age no indivíduo moldando suas percepções que irão influenciar na interpretação e valorização de uma paisagem. Além do mais, essas estruturas materiais conservam os costumes e significações no decorrer das gerações. Com isso, Berque sinaliza que as relações entre marca e matriz podem

oferecer as bases para a interpretação de uma paisagem e das experiências humanas com o lugar em que vivem.

Outro autor de referência da Geografia Cultural é o britânico Denis Cosgrove que influenciado pelo pensamento marxista traz a simbologia da paisagem como um conceito fundamental para se trabalhar a paisagem. Ele diz que a apreensão da paisagem deve levar em consideração os aspectos simbólicos, entretanto esses aspectos são produzidos não somente pelos meios de produção, mas também pela formação social de uma sociedade que acabam por induzir e influenciar novas visões de mundo e na relação homem-natureza.

Para Cosgrove (1989) as paisagens são atores altamente relevantes na reprodução da cultura de uma sociedade, já que elas mudam constantemente transformando-se ao longo dos anos conforme atuam a economia e relações sociais, por exemplo. Dessa forma, podemos considerar que a paisagem é a expressão da cultura mais a história da sociedade em si que pressupõe as relações sociais, entre a natureza e o mundo. O próprio sistema econômico vigente atua na percepção da paisagem, já que as relações sociais influenciam e são influenciadas no relacionamento com o meio.

Vale destacar que Sauer e Cosgrove se diferem no que tange a cultura, enquanto o primeiro aborda a cultura de maneira mais abrangente, observado como conjunto de criações humanas, já para o segundo a cultura são “os significados elaborados e reelaborados pelos diferentes grupos sociais a respeito das diversas esferas da vida” (CORRÊA, 2014, p. 40), dessa maneira a cultura não era determinante nem determinada já que está inserida em contextos de diversas classes sociais.

Nessa direção, para se analisar a paisagem de forma satisfatória e de que maneira a cultura está penetrada nela, o autor se utiliza de outras áreas do conhecimento como artes, literatura e antropologia. Com esses suportes obtêm-se conhecimentos sobre uma sociedade em sua trajetória histórico-cultural nos aspectos estéticos e simbólicos desvendando paisagens ou paisagens passadas.

A paisagem para Cosgrove é repleta de significados que estão carregados de simbolismos que expressam a relação entre a produção e reprodução da vida material e a natureza, que inclui a conduta pessoal e social, a pintura, a música, as construções dentre outras mais. Dessa forma, toda atividade humana é material e simbólica, logo “produz estilos de vida

(*genres de vie*) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicas” (COSGROVE, 2007, p. 103).

Nesse sentido, as paisagens têm algo a exprimir em relação a si e ao homem, esses no âmbito de suas relações e apropriação da natureza, mas ao mesmo tempo cada ser humano com sua individualidade, tem algo a dizer sobre a paisagem de acordo com sua consciência. Um exemplo disso foi quando os colonizadores adentraram ao território brasileiro e produziram mapas e textos baseados em sua cultura europeia e no contexto do capitalismo mercantil, visando o lucro e a exploração, que segundo Carvalho (2018) gerou documentos com representações de paisagens selvagens e de difícil exploração totalmente opostos aos da visão dos nativos indígenas.

Para Cosgrove toda paisagem possui uma historicidade e somente estudar as suas fisiografias se demonstra insuficiente sendo necessária uma leitura histórico-cultural e simbólica, onde “os significados visuais e verbais a ela agora atribuídos permitem examiná-la como um texto complexo, uma teia de significados, cuja imbricação possui uma complexa história tanto no seu campo material quanto representacional” (CARVALHO, 2017, p. 93). De acordo com Cosgrove e Jackson (2007) esse texto leva à metodologias mais interpretativas do que morfológicas e devem ser lidas e interpretadas como documento social.

Em suma, a paisagem sintetizaria as paisagens naturais e culturais oriundas da junção do que é de fato concreto, palpável e real, bem como as imagens culturais cheias de significações polissêmicas como ideologias, poder e memória. Entretanto, deve-se frisar que para o estudo da paisagem de uma maneira que contemple uma análise de cunho geográfico, é preciso unir o ambiente natural ao aspecto simbólico das dinâmicas complexas das formações sociais como econômicas e culturais.

Portanto, após o debate do conceito de paisagem por esses três autores pode-se concluir que a paisagem requer uma abordagem interdisciplinar que reconheça suas múltiplas dimensões e significados. A análise da paisagem deve considerar suas formas visíveis, contextos históricos, culturais e simbólicos que a moldam, o que irá viabilizar uma leitura mais enriquecedora das complexas interações entre homem e ambiente. Assim, a paisagem revela-se não apenas como um elemento geográfico, mas como uma construção cultural, essencial para a compreensão das sociedades humanas em suas diversas manifestações ao longo do tempo.

Dando prosseguimento às bases teóricas abordadas, há outro conceito substancial para essa pesquisa que será tratado a seguir, o de Lugar. Principalmente no arcabouço da Geografia Humanística, trata da percepção e experiência dos indivíduos para com o meio ambiente em que vivem e se relacionam. Tendo em vista a recorrente fala topofóbica² pela maioria dos alunos em relação a Japeri, considera-se essa corrente da geografia pertinente ao trabalho já que como os alunos são novos (entre 11 e 12 anos) e não saem muito de Japeri, além de ser local onde passam a maior parte do tempo, inclusive nas férias, em tese seus discursos deveriam ser topofílicas e não repulsivas. Dessa forma, na Geografia Humanística, o estudo do lugar oportuniza a compreensão dos sentimentos construídos pela experiência. Logo, o conceito de lugar demonstra-se conveniente para a pesquisa já que essa dissertação busca entender o motivo para tais sensações abjetas além do esforço de transformação de tais sentimentos.

1.2 O Conceito de Lugar pela Fenomenologia

Esse conceito fundamental à geografia também passou por grandes debates epistemológicos de acordo com o período vigente onde a própria geografia também foi pensada e repensada. A geografia humanística contribuiu bastante aos estudos principalmente acerca do conceito de lugar, e inserindo a afetividade e a relação com o ambiente abre-se novos caminhos de análises mais humanizadas, onde o próprio estudo da paisagem, por exemplo, pode conceber novas bases. O lugar assume uma personalidade, é núcleo de significados imprescindíveis para formação de identidade individual.

Com o aporte da fenomenologia, principalmente nos anos 40 e 50 do século XX, a subjetividade passa a ser introduzida na ciência geográfica com estudos que levavam em consideração aspectos cognitivos como intuição, sentimentos e experiência na busca pela compreensão da percepção humana em relação a aspectos geográficos. Merleau-Ponty (1994) considera os objetos como fenômenos e que estes devem ser descritos baseados em como se exibem na consciência, dessa maneira o próprio mundo é o que se percebe, pois como se está no mundo e vivendo-o, cada um há de significar à sua maneira.

² Tuan (1983) emprega o termo topofobia para se referir ao medo, repugnância e aversão para com uma determinada localidade.

A Fenomenologia vai contribuir em estudos de como os significados são definidos pelos sujeitos em determinado ambiente, já que os conteúdos do ambiente são particulares para cada um por conterem intencionalidades individuais que irão influenciar, inclusive, nas atitudes. Ela permite passar do universal ao particular, indo além do objeto. Nesse contexto, a fenomenologia se relaciona com a Geografia que Santos (1996) chamou de Geografia Existencialista, que abrange o Ser e o Existir, que pretende a compreensão da produção da particularidade como realização da existência.

Nesse contexto, lugar se tornou conceito-chave e Yi-Fu Tuan foi um expoente na área. O autor trabalhou as distinções entre espaço e lugar que se tornaram discussões frequentes ao longo de suas obras, inclusive argumentou que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 2013, p. 151), em outras palavras, um espaço torna-se lugar quando o objeto sai de algo banal para um munido de valor. O lugar, nessa perspectiva, se afasta de uma conotação espacial e incorpora experiência vivida como forma de configuração da realidade. O espaço é abstrato e o lugar concreto, local que se habita e se desenvolve sentimentos e emoções, ou seja, se torna significativo.

Essa atribuição de valor torna o objeto humanizado através das experiências de vida, da agregação de juízos e familiaridades. Dessa forma, lugar é fruto da experiência humana, do convívio e das afetividades adquiridas ao longo do tempo. Assim, para Leite (2018, p. 7) “o conteúdo dos lugares é produzido pela consciência humana e por sua relação subjetiva com as coisas e com os demais seres humanos com os quais se relaciona”.

A dimensão tempo também aparece como fundamental no debate acerca de lugar, conforme o geógrafo sino-americano para se adquirir um sentido de lugar é necessário tempo, e quanto maior for o período mais relevante e expressivo será a experiência. E essa experiência revelará percepções influenciadas por fatores sociais e físicos condicionadas principalmente às experiências e vivências anteriores que cada indivíduo traz consigo.

Tuan emprega o termo Topofilia (1980) para representar um traço de afetividade humana, onde ter amor por algum lugar indica um sentimento topofílico, por exemplo. Quando as experiências da pessoa com seu entorno são agradáveis, são consideradas topofílicas, contudo quando são repulsivas, são experiências topofóbicas. É através das experiências que significados são criados, que se conhece o espaço. Contudo, espaço torna-se lugar quando a

experiência do sujeito com ele é total, baseadas em pensamento, sentimento, consciência humana e por sua relação subjetiva com as coisas e seres humanos.

Tendo em vista a percepção do ser humano e a história de cada sujeito, o lugar torna-se objeto e imprescindível ademais, para a ciência Geografia o lugar deixa de ser um mero recorte espacial para se tornar objeto contemplado de subjetividades, que considerados ajudam a elucidar as relações, comportamentos e visões dos sujeitos com o local que vivem a partir da experiência.

Se as experiências de vida participam fortemente em como cada indivíduo enxerga o entorno, cada sujeito possui uma percepção diferenciada que irá influenciar em atitudes, costumes e pensamentos e abaixo trataremos desse tema.

1.3 Geografia Humanista

O humanismo na Geografia veio para criticar o objetivismo positivista, o empirismo e o racionalismo na academia, e segundo esse novo viés o comportamento das pessoas estavam assentadas na subjetividade, na intuição e nos sentimentos. O humanismo propõe estudos que consideram o mundo vivido e percebido já que estes constroem a consciência dos sujeitos. Dessa forma, cada um desses sujeitos apresenta especificidades ao avaliar um espaço, logo ao usar essa metodologia evita-se o reducionismo do homem e tem-se uma nova análise espacial.

Nessa abordagem, o espaço é estudado muito mais de forma qualitativa do que quantitativa, gerando conhecimento, fruto de percepções, representações e valores do Homem em geral. A Geografia da percepção passa a estudar o espaço, paisagem e lugar considerando também a experiência e vivência das pessoas.

Lívia de Oliveira é uma das pioneiras nos estudos da percepção do Meio Ambiente no Brasil, Oliveira (2017) diz que a percepção é uma interpretação por meio da atribuição de significados aos objetos percebidos, filtros culturais e individuais, que chegam através de nossos órgãos sensoriais. Em outras palavras, a percepção é um correlato e não uma réplica do mundo do feixe de luz que chega à retina.

Ainda de acordo com Oliveira (2017) é urgente desenvolver o sentimento de afetividade com o meio ambiente para modificar a percepção ambiental, e assim, por exemplo,

compreender a paisagem além do que se vê. Dessa maneira, o meio ambiente e as pessoas são indissociáveis, uma vez que são fruto de uma gama de experiências. Logo, o meio ambiente torna-se sujeito, não apenas objeto. Lívia de Oliveira traduziu e foi influenciada pelas obras de Tuan, esse que desenvolveu suas argumentações ao redor da perspectiva da existência, que englobam as inúmeras maneiras que a pessoa conhece/vivencia a realidade. Dessa forma, as atitudes assumidas perante o mundo são formadas por uma sucessão de percepções e experiências. E como o meio ambiente é tudo que nos rodeia a percepção que temos dele não é oriunda apenas dos sentidos e sim dos significados.

Para Tuan (1983, p. 4), a percepção "é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital em que certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros são bloqueados". A percepção, portanto, é responsável pela forma como se vê o mundo. Cada um com seu conhecimento adquirido ao longo da vida verá o mundo à sua maneira, ou seja, é devido a percepção que cada um verá, interpretará e agirá em seu meio.

O município de Japeri, por exemplo, faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro e assim como qualquer outra cidade é fruto de processos políticos, sociais e econômicos que se inserem numa dinâmica escalar de interesses que vão se alterando ao longo do tempo. Com isso, temos bairros com arquitetura e de renda diferenciados, zonas distintas, terrenos baldios, áreas de vegetação, ou seja, uma gama de paisagens. Soma-se a isso o fluxo, o movimento de pessoas e mercadorias de acordo com o dia e a hora. Ademais, há elementos escondidos ou que não nos chamam muito a atenção como a rede de esgoto, pedentes, lixo, linhas de transporte entre outros. Logo, é conveniente aprender a ler o que está implícito e explícito para assim entender o que está à nossa volta, e assim, mudar nossa percepção, afinal essa depende do conhecimento e do tipo de relação que se tem com o lugar.

Ainda de acordo com Oliveira (2017), a vida cotidiana está totalmente atrelada à percepção, já que o viver e experimentar sensações tem ligação direta com o aparelho sensorial, o que vai influenciar na percepção do meio ambiente ao seu redor. Além do mais, para uma interpretação mais ampla e o sujeito ter uma percepção mais fiel a realidade dada, é necessário englobar aspectos temporais, culturais, históricos, econômicos, sociais, políticos e espaciais. É preciso através da informação e comunicação munir o cidadão para que esse tenha senso crítico acerca do meio ambiente ao redor, com suas fragilidades e poderes, para que esses não tenham

uma visão limitada das coisas. É necessário conhecer a natureza, seus direitos, adquirir uma consciência pública e individual, formar atitudes positivas sobre ela. Para que ao analisar uma cidade, por exemplo, não erroneamente separar o meio ambiente das construções que nela estão inseridas.

No caso dos moradores de Japeri, mais especificamente os alunos da rede municipal, pré-adolescentes, as paisagens refletem um conjunto de significados diferentes e específicos para cada um conforme o grau de interação, e a compreensão dos aspectos objetivos e subjetivos podem revelar suas experiências com o espaço. Por isso, demonstra-se interessante saber e entender suas percepções no que tange aos seus locais de vivência.

Em suma, este capítulo revisitou os conceitos de paisagem e lugar, baseados na Geografia Cultural e Humanística, onde Carl Sauer destacou o papel da cultura na modificação da paisagem natural, transformando-a em paisagem cultural. Já para Augustin Berque a paisagem pressupõe uma construção mental influenciada por sentidos, experiências e significados enquanto que para Cosgrove o simbolismo é fundamental para a compreensão das relações entre produção e reprodução da vida material com a natureza.

Já em relação ao conceito de lugar, tem-se como base a fenomenologia que destaca a importância da percepção e experiência dos indivíduos através da atribuição de valor e significado agindo de maneira que transforma espaços abstratos em locais concretos e significativos. No que tange a percepção, cada indivíduo constrói sua própria visão do entorno, que influencia atitudes e comportamentos em relação ao seu ambiente de vivência. Logo, para a compreensão da paisagem e do lugar e suas complexas interações entre homem e ambiente exige-se análise não só de aspectos visíveis, mas como pessoais.

Os conceitos citados acima foram e continuam sendo fundamentais para o desenvolvimento da ciência geográfica. Naturalmente, novas perspectivas emergirão, já que refletem as transformações de como a sociedade se relaciona com os espaços que ocupam, dessa maneira, lugar e paisagem sempre serão conceitos relevantes na compreensão das mudanças sociais e culturais.

Ambos os conceitos podem e devem ser trabalhados em sala de aula pela dita Geografia Escolar³, tendo em vista que são concepções que oportunizam aos estudantes o aprendizado e a interpretação do mundo ao seu redor em constante transformação. É justamente nessa junção entre o conhecimento acadêmico e os saberes produzidos na escola que se busca conectar os alunos com o seu mundo.

1.4 A ponte com a Geografia Escolar

O ensino de geografia possibilita que o aluno reconheça a sua identidade e que o seu pertencimento ao mundo está cada vez mais dinâmico e globalizado. Dessa maneira, a ciência geográfica se mostra pertinente nos currículos do ensino básico, pois possui ferramentas teóricas que ajudam no entendimento do mundo, em seus fenômenos sociais e ambientais.

A escola, como instituição de educação formal, tem papel fundamental na construção de conhecimento, no descortinamento de questões complexas e oferecer amplas condições para debates e reflexões. Dessa maneira, deve possuir um currículo que atrelle o cotidiano dos alunos para que o processo de ensino/aprendizagem seja facilitado e que, por conseguinte mudem suas percepções de mundo e façam as devidas conexões entre o global e local.

O conhecimento científico e o cotidiano devem, quando possível, estar atrelados para que os alunos vejam relevância naquilo e se sintam parte integrante do processo de ensino, pois o sujeito, que está sendo ensinado, precisa conseguir estabelecer relações com o que sabe e vive.

Nesse contexto escolar, a geografia como ciência social, permite estudar os espaços e as paisagens construídos pelo homem, os fenômenos geográficos, as relações sociais e a relação entre o homem e o meio, possibilitando uma leitura crítica da realidade e do espaço geográfico.

Dentro do escopo que se desenvolve a geografia, os conceitos de lugar a paisagem se demonstram fundamentais na ciência geográfica e na geografia escolar. Lugar é muito utilizado para se referir a identidades, pertencimento e reconhecimento intrínsecos de um indivíduo e/ou

³ Para Callai (2011), a Geografia Escolar é um conhecimento diferente da geografia acadêmica, ela é uma criação particular e original da escola.

uma comunidade, logo essas características irão dar identidade ao espaço, espaço esse que irá receber formas, expressões e aspectos fruto da atuação dessa mencionada comunidade.

Dessa maneira, utilizar esse conceito permite, além do trabalho interdisciplinar com ciências, história e artes, por exemplo, oportunizar a valorização de conhecimentos prévios dos alunos para um melhor entendimento sobre certa realidade. Isso porque em um mundo cada vez mais complexo, as dinâmicas locais são permanentemente elaboradas e reelaboradas pelos agentes sociais vigentes.

No tocante ao conceito de paisagem, é claro que há um forte apelo visual das formas, aparências e características expostas, contudo pode-se ir além e interpretá-las e decodificá-las já que em toda paisagem há conteúdos “por de trás”. Além disso, pode-se estudar de que modo os signos e as formas, cores, odores e sons presentes podem condicionar percepções, pensamentos e atitudes, tendo em vista que muito do discernimento que as pessoas detêm são “impostas” pelo pensamento hegemônico. E é justamente sobre isso que Berque (1984) defende que a leitura deva ser subjetiva, devido a parcialidade na construção e disposição dos objetos pelos agentes.

Cavalcanti (2004) destaca o uso da paisagem como elemento inicial de compreensão do lugar, assim a paisagem é um instrumento essencial de leitura e aprendizagem no ensino da Geografia e debruçar-se sobre elas ajuda na compreensão espacial. Ainda de acordo com Cavalcanti (2004, p. 101) “caberia ao ensino trazer a “paisagem” para o universo do aluno, para o lugar vivido por ele, o que quer dizer trazer a paisagem conceitualmente como um instrumento que o ajude a compreender o mundo em que vive”.

Portanto, pela paisagem e lugar é possível criar vínculos e identificação e se sentir parte integrante de um dado espaço geográfico, que uma vez internalizado pelo aluno consegue enxergar as formas e conteúdos e suas devidas relações.

A categoria paisagem geográfica, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), é definida como uma unidade visível do território, que possui identidade visual e é caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos. E de acordo com Ataíde (2023, p. 30) “a leitura e interpretação da paisagem se tornou mais comum nas aulas de Geografia devido à centralidade dada ao ensino da Geografia Cultural

e Humanista”. E Cosgrove (1989), um dos expoentes dessa corrente, defende justamente que a paisagem era a junção de paisagens naturais e culturais, sendo essas carregadas de significações.

É interessante pontuar a distância de concepções entre o PCN e os livros didáticos, já que nos livros as paisagens, são em geral fragmentadas e isoladas, sem as perceberem como integradas e parte de um conjunto de fatores.

Em relação à BNCC e a categoria paisagem, esta não pode ser compreendida fora do contexto de totalidade do espaço geográfico, e permeia por duas unidades temáticas, sendo a primeira: “O sujeito e seu lugar no mundo”, que traz como objetos de conhecimento “*Identidade sociocultural*” e, como habilidades: (EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos e (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários. A segunda “Mundo do trabalho”, que traz como objetos de conhecimento “*Transformações das paisagens naturais e antrópicas*” e, como habilidades: (EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização, além de (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.

Enquanto a primeira dá ênfase ao estudo da categoria paisagem por meio das ideias de identidade e senso de pertencimento, a segunda analisa a formação do espaço agrário e industrial, destacando a relação entre o meio rural e o urbano. Além disso, Silva, Carmo e Araújo (2021) verificaram que “os conteúdos indicados para o 6º ano proporcionam ao aluno entender a paisagem dos lugares onde vive e a relação entre a sociedade e a natureza”.

Ademais, trabalhar a paisagem nas aulas de Geografia auxilia na compreensão do espaço geográfico tanto do presente quanto do passado já que é fruto justamente da cultura, do trabalho, da política e das modificações impostas pela sociedade vigente. Logo, o mundo é complexo, e os alunos precisam entender que na forma da paisagem há inúmeros elementos que demonstram isso. E que, “se bem conduzido, contribui para uma reflexão e para um entendimento da complexidade da relação entre a sociedade e a natureza, objeto central de estudo da Geografia” (PUNTEL, 2007, p. 287).

No tocante ao conceito de lugar, é uma categoria-chave da Geografia pelo fato de que essa porção espacial vivida cotidianamente pelo aluno e por nós pode contribuir e muito para a

compreensão do espaço geográfico. Lugar ganha notoriedade devido, dentre outros fatores, à globalização, onde o lugar passa a ser o local das relações próximas, afetivas e sociais, do corriqueiro que irão permitir a construção de identidades já que é a base de reprodução da vida.

Dentro da Geografia Humanística, se valorizaram as relações subjetivas estabelecidas entre o homem e o meio, culminando em afetividades baseadas nas experiências. Sob a luz do método fenomenológico haverá quantos espaços forem de acordo com as diversas experiências que o sujeito tiver com eles. Por isso, a importância da subjetividade na análise, já que é algo bastante particular.

No contexto escolar, esse conceito se mostra fundamental como possibilidade privilegiada de entendimento da complexidade do mundo, ademais o estudo do lugar possibilita trabalhos de campo, entrevistas, fotografias entre outros tantos recursos didáticos para o estudo local. Compreender o lugar não se esgota na descrição das aparências, mas também nas dinâmicas, histórias e transformações. Reconhecer que as marcas, tanto naturais como sociais, formam camadas de tempo que significam a contínua transformação espacial. E, entender que elas são fruto de conflitos, políticas e técnicas ajudam os alunos a entenderem o motivo de certos elementos desaparecerem ou se perpetuarem.

É no lugar que os alunos irão viver intensamente e profundamente e por este motivo que o lugar deve ser trabalhado no ensino de Geografia, que pressupõe, dentre outros, fornecer meios que desenvolva a habilidade de observação dos alunos. Para tal, é preciso desenvolver atividades cujo temas fazem parte do cotidiano e que façam sentido ao alunado e por essa razão, de acordo com Bueno (2014), não é interessante nas atividades escolares sobre o estudo do lugar se obter materiais informativos sem que estes venham proporcionar reflexões problematizadoras.

É importante frisar que o estudo por meio do lugar, pressupõe o estudo da própria dinâmica local, que está intimamente ligada à dinâmica da construção do espaço em geral. Logo, estudar o lugar possibilita a apreensão concreta da organização do espaço e de todos os seus agentes. O estudo do lugar a partir do ensino de Geografia permite ao aluno se perceber como parte do processo de construção do espaço e que pertence a sociedade, e o professor tem papel fundamental, já que “conhecer o lugar dos alunos, a localidade onde se situa a escola, sua história de constituição e suas características intrínsecas, para poder dialogar, identificar saberes, construir conhecimentos numa abordagem dialógica” (LEITE, 2018, p. 12).

Por fim, os conceitos paisagem e lugar podem com toda certeza se relacionar, pois para que o aluno veja sentido e se interesse no estudo da paisagem pode-se trabalhar com o cotidiano, com o que está presente em suas vidas. Já que se busca a compreensão do mundo, é oportuno iniciar pelo mundo em que vivem. Partindo do local, posteriormente o entendimento do global fica facilitado.

Dito isto, busca-se preparar uma atividade que trabalhe justamente o município de Japeri, suas paisagens e os espaços de vivência dos alunos que permitam conhecer e reconhecer localidades e dinâmicas que ocorrem próxima à eles.

CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é apresentar a metodologia que foi desenvolvida para que o estudo alcançasse seus objetivos. É uma pesquisa de cunho qualitativo, no viés da pesquisa-ensino (PENTEADO, 2010), pois ela se encaixa no meu desejo de transformação da minha prática docente, que pressupõe diagnósticos, condutas de averiguação, interações aluno-professor e problematizações. O objetivo foi buscar uma intervenção transformadora na minha práxis para solucionar um problema que ocorre nas aulas.

Como uma categoria da pesquisa-ação é “um processo comunicacional docente, inquiridor e problematizador da docência, do processo de ensino-aprendizagem e do próprio professor” (PENTEADO, 2010, p.48), logo auxilia o professor a adquirir sua identidade e que saiba não somente o conteúdo, mas que também saiba como trabalhá-los. Nesta direção, a pesquisa-ensino é o próprio ato de ensinar em si e sua realização ocorre durante a própria docência. Ao aderir tal método adota-se a prerrogativa investigativa, que torna o professor em pesquisador, já que, há interações entre o ato de ensinar e o ato de pesquisar. É um ótimo método para a formação inicial e continuada do professorado. E como é um modelo comunicacional ele subentende o uso de variadas linguagens, do uso de situações reais e próximas aos alunos, bem como a criticidade, sensibilização e problematização.

O professor-pesquisador deve então se preocupar com o conhecimento a ser formado no processo ensino-aprendizagem, com a transformação de sua práxis, de entender o conhecimento dos alunos, pesquisar sua própria ação e se necessário fazer alterações e, o central, ter sempre o componente reflexivo sobre seus atos.

O ato de refletir parte da aparição de situações-problemas, e o professor estando aberto e motivado a críticas e mudanças adota uma postura de ponderação que o faz pensar em alternativas e novos olhares epistemológicos. Dessa maneira, adota-se uma conduta crítica de seus conceitos que em seguida os fazem considerar a introdução de novas práticas pedagógicas.

E como esse processo é um evento social, os docentes são passíveis de subjetividades e objetividades que influenciam suas ações e desejos dessa forma, são hábeis de efetuarem análises e críticas acerca de suas ações. Além disso, o professor necessita se colocar no lugar do aluno para um melhor entendimento da situação e assim buscar alternativas de superação

dos problemas enfrentados por eles na aprendizagem. E esse outro “olhar” permite a autocrítica, que gera desconforto, que gera mudança, e é isso que pressupõe a pesquisa-ensino, o constante movimento de análise e alterações ao longo do percurso, e como diz Garrido (2010, p. 113) “(re)fletir é também voltar atrás, retomar o caminho percorrido, para ter um entendimento mais distanciado e abrangente sobre nossas práticas, reavaliando as conquistas e os pontos fracos”.

Muitos desses reconhecimentos da necessidade de mudança no próprio trabalho podem ser dolorosos, pois reconhece sua própria deficiência em questões como conteúdo, didática e controle de sala. Nesse âmbito, o erro faz parte do conhecimento científico, já que reconhecer o erro remete a correções e assim a ciência evolui. Todavia, o que está em pauta é a necessidade de criar propostas opostas ao modelo tradicional e engessado que ocorre na maioria das salas de aula.

É com essa constante reflexão e vontade de mudança para um ensino mais libertário que motiva o professor a pensar e refletir em alternativas para superar as dificuldades e atingir melhorias na aprendizagem. É nesse contexto que a escola e a sala de aula passam a ser um espaço de pesquisa. Oportuniza-se a observação da docência para futura comparação e investigação, bem como a identificação do contexto social escolar e dos alunos para eventuais ações construtivas e inclusivas e a compreensão e uso de conhecimentos teórico-científicos.

No entanto, a pesquisa-ensino requer “cientifização” com a ajuda de um pesquisador-professor (acadêmico) para que haja sustentações teóricas e sistematização do conhecimento adquirido acerca de todo o processo. A escola possui práticas pedagógicas e saberes, muitas vezes, longínquas daquelas ensinadas nas universidades, contudo deveriam trabalhar juntas. Dessa forma, ambos passam a vivenciar e a colaborar entre si já que estão imersos na mesma ação superando as lacunas existentes oriundas das próprias funções.

Essa colaboração “fornece elementos para novas experiências, maneiras de ser, de se relacionar e de se aprender [...] bem como contribuindo para a percepção dos saberes como ponto de partida para entender, processar e transformar a realidade” (PORTO, 2010, p. 98). Dessa forma, diminui-se a distância da teoria dada nas universidades com as realidades presenciadas nas escolas, em outras palavras, pesquisa-se no e com os contextos escolares e não sobre eles e, agregando essa ajuda da academia para fundamentar as práticas docentes é possível gerar artigos, relatórios, teses, dissertações e até livros. Assim, a pesquisa-ensino tem outro

papel importante, a de transformar o professor em “docente produtor de conhecimento”, gerando sujeitos ativos na elaboração do saber escolar e, eventuais reelaborações.

Outro pressuposto dessa metodologia é elucidar os processos que descontinam as transformações e superações de todo o processo de melhoria de ensino-aprendizagem, lembrando que cada pesquisa é única e está inserida em um contexto específico na qual o dia-a-dia e a vivência com um dado grupo de alunos tornam os resultados exclusivos. Isso ocorre porque em cada escola há públicos diferentes e ainda nos dá saberes históricos não aprendidos/formalizados na academia, o que proporciona a reinvenção do conhecimento.

As escolas, as comunidades, os professores e alunos possuem suas histórias com seus problemas e contextos específicos que devem ser levadas em conta, mas também utilizadas ao sugerir novas propostas, portanto o “ato de agir e refletir estão imbricados, é preciso que o questionamento do próprio fazer cotidiano, com alunos, funcionários da escola, currículo, gestão escolar sejam parte do processo” (FERNANDES, 2001, p. 32).

Em suma, na abordagem de Pesquisa-Ensino, a sala de aula desempenha um papel duplo, servindo não apenas como um ambiente para ministrar aulas, mas também como um espaço para investigar o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, essa metodologia se encaixa em minha dissertação já que busco pensar, refletir, melhorar, aperfeiçoar, entender e me reinventar para a mudança em minha prática docente e assim contribuir para um melhor ensino/aprendizagem de meus alunos.

Essa metodologia vai de encontro ao que pensa Gadotti (2003), acerca da formação continuada do professor, onde esta deva ser contemplada com pesquisas, reflexões críticas sobre a prática, construções teóricas, revisões e ações.

Em seguida, apresentam-se no quadro abaixo os objetivos e os caminhos trilhados para o alcance dos mesmos.

Objetivo geral: Analisar o potencial paisagístico do município de Japeri-RJ para contribuir como subsídio ao ensino de geografia para alunos do sexto ano da rede pública municipal.

Objetivos específicos	Caminhos metodológicos
-----------------------	------------------------

1) Entender a percepção ambiental de estudantes do 6º ano de uma escola municipal de Japeri, sobre a paisagem local.	Aplicação de um questionário aos estudantes que permitiu, de maneira qualitativa, entender suas percepções sobre a paisagem municipal.
2) Delimitar o potencial paisagístico do município que possa contribuir para o ensino de temas de geografia.	Análise do questionário e definição das paisagens contempladas como relevantes para a preparação da atividade a ser desenvolvida com os estudantes..
3) Desenvolver e aplicar uma atividade utilizando a paisagem de Japeri para o aprendizado sobre o mesmo.	Utilização da ferramenta <i>StoryMap</i> , uma geotecnologia que possibilita a inserção de diferentes linguagens e atividades com finalidade didática.

2.1. Operacionalização da Pesquisa

O primeiro passo foi entender a percepção de alunos do 6º ano de uma escola municipal de Japeri, sobre a paisagem local. Aplicou-se um questionário aos alunos já que todos os anos a maioria esmagadora diz que Japeri é feio e não tem nada para se fazer. A hipótese nesse caso foi que talvez pela falta de conhecimento e descritinamento acerca da paisagem ao redor e seus intrínsecos conteúdos ocultos interfiram nessa interpretação majoritariamente depreciativa.

O segundo passo foi delimitar o potencial paisagístico do município que pudesse contribuir para o ensino de temas de geografia. Não é do interesse qualquer paisagem, e sim aquela que dê para ser trabalhada em sala e que faça algum sentido ao aluno ou que seja relevante citar no contexto de Japeri. Essa escolha foi por meio da análise do questionário além do uso do programa Google Earth Pro, das quais alguns pontos já tinham sido selecionados via Google Earth Pro (SITTRP, 2021) assim como os temas que cada paisagem dessas pudessem ser trabalhada.

O terceiro passo foi a construção de uma atividade usando a ferramenta *StoryMap*, já que esse oportuniza a utilização de fotos, textos, vídeos e imagens. É uma ferramenta gratuita que ajuda a contar histórias na Web e destacar a localização de uma série de eventos relacionados à sua história.

2.2. Breve mapeamento bibliográfico

Para compreender o que tem sido discutido ao longo dos anos acerca de Japeri e da paisagem foi necessário analisar estudos já realizados com o intuito de conhecer a produção acadêmica em torno desses dois eixos. Dessa maneira abre-se a oportunidade de conhecer os focos e vieses que estão sendo utilizados quando se trata especificamente de Japeri e de um dos principais conceitos geográficos.

Para esta pesquisa foi utilizado o banco de dados da UFRRJ em um marco temporal de 10 anos, entre 2013 e 2023. O referido banco de dados foi escolhido já que um dos seus campus se localiza em Nova Iguaçu e se caracteriza como uma instituição acadêmica respeitada que tem como zelo e compromisso com a produção de conhecimento sobre a Baixada Fluminense, local em que se situa.

Tal campus foi criado em 2005 e suas instalações permanentes entregues em 2010 após longas lutas de professores de universidades, lideranças locais, moradores e vereadores que culminaram em iniciativas como o Programa de Formação Comunitário, Escola de Governo da Baixada Fluminense e Fórum Pró-Universidade Pública na Baixada Fluminense, este que colheu 80 mil assinaturas em um abaixo assinado entregue ao Ministério da Educação (SOUZA, 2016). Sua criação atendeu a demandas para um pólo que atendesse as altas necessidades dos moradores da Baixada Fluminense a cursos de graduação gratuitos, tanto que Souza (2016) destaca que 65,4% dos ingressantes dos cursos de Licenciatura do Instituto Multidisciplinar (IM) entre 2006 a 2009 eram moradores da Baixada Fluminense.

Além da oferta de cursos, Guimarães (2022, p. 117) destaca que “o PPP do IM atribui à universidade uma função social de promoção de mobilidade, inclusão social e almejo da transformação social, sobretudo, em uma região historicamente excluída como a Baixada Fluminense” além disso, frisa que o campus de Nova Iguaçu tem atendido com ênfase os

moradores da região devido sua proximidade e que tal fato influenciou na escolha de acesso ao ensino superior público. Ademais, o IM ainda tem em seus objetivos o ensino, a pesquisa e extensão na e para a região, além de já ter se tornado um espaço de construção do conhecimento sobre a Baixada Fluminense.

No âmbito desta pesquisa, primeiramente pesquisou-se a palavra “Japeri” e notou-se que em muitos trabalhos Japeri não é o foco e sim citado dentro de um contexto maior, em pesquisas que tratavam da Baixada Fluminense por exemplo. Quando o enfoque foi realmente Japeri, com o nome do município no título, obteve-se 9 trabalhos, sendo que um deles discorria na verdade sobre o desmantelamento da linha férrea Japeri - Miguel Pereira.

Dentro desses 8 trabalhos, uma era tese e as outras dissertações. Essa referida tese lidava sobre memória. A respeito das dissertações, uma também tratava de memória; uma sobre a relação entre feira da roça e a agricultura familiar, uma sobre desenvolvimento territorial e 4 sobre educação.

A respeito dessas pesquisas em relação à educação, uma investigava o impacto do curso PRONATEC em áreas rurais; uma examinava as políticas de escolarização de alunos surdos; uma explorava as ações do Programa Escola Ativa ao público do campo, e por fim uma sobre o uso da etnomatemática.

Nenhuns desses trabalhos foram concebidos no programa de pós-graduação em Geografia, mas sim em história; educação agrícola; educação, contextos contemporâneos e demandas populares; desenvolvimento territorial e políticas públicas e finalmente, em ciências sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade.

Em seguida, buscou-se pela palavra “paisagem” e 15 trabalhos apareceram, sendo que três são teses e as demais dissertações. Os trabalhos foram elaborados dentro de inúmeros programas de pós-graduação como em Práticas em Desenvolvimento Sustentável; Educação Agrícola; Ciências Ambientais e Florestais; Ciências Sociais; Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas; Biologia Animal; Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária e finalmente, dois em Geografia.

A Ecologia da Paisagem de Carl Troll (1939) aparece em um trabalho de autoria de Martins (2019) de título *Fragmentação e estrutura da paisagem da Área de Proteção Ambiental do rio São João/Mico-leão-dourado - Rio de Janeiro*, para subsidiar a análise da dinâmica da

fragmentação florestal e da estrutura da paisagem da APA do rio São João/Mico-leão-dourado. Em relação ao trabalho sobre o pantanal brasileiro, com o título *Implicações do mosaico da paisagem na estrutura e composição de espécies de quirópteros no norte do Pantanal* de Oliveira (2016), analisa-se o vínculo entre os diferentes mosaicos da paisagem e as espécies e a abundância de morcegos. Em outro estudo de Barreira (2016), cujo título é *Interações entre forídeos parasitóides (Diptera: Phoridae) e Acromyrmex niger Smith (Hymenoptera: Formicidae) em uma paisagem fragmentada da Mata Atlântica, RJ*, utilizou-se o mosaico da paisagem para estudar os efeitos da perda da superfície florestal sobre os forídeos parasitóides de uma espécie de formiga. Em outra pesquisa de Bueno (2013) de título *Diversidade de aves em paisagem fragmentada de Mata Atlântica inserida em uma matriz urbana*, buscou-se investigar a diferença na comunidade de aves entre fragmentos florestais de Mata Atlântica.

Já no trabalho de Lima (2018) de título *Atraso na resposta de palmeiras (Arecaceae) às alterações de uma paisagem de Mata Atlântica*, o conceito estrutura da paisagem aparece para investigar os efeitos da alteração de uma paisagem da Mata Atlântica sobre a comunidade de palmeiras no norte do Estado do Rio de Janeiro. No trabalho sobre o Parque Estadual da Pedra Branca, de Dias (2017), intitulado *Parque estadual da pedra branca: o visível e o invisível na paisagem de um território em disputa*, a autora relaciona os múltiplos conceitos de paisagem e de território (usado e apropriado) para mostrar que os diferentes atores que usufruem/vivem no parque possuem visões antagônicas, por esta razão a paisagem é vista de maneira objetiva e subjetiva.

Em três trabalhos o termo paisagem apareceu não como conceito a ser utilizado como aporte teórico sendo o primeiro, de Jesus (2022) de título *risco de incêndios associado a mudanças da paisagem e eventos climáticos na mata Atlântica*, busca criar um modelo para o perigo de ocorrência de incêndios florestais em função da mudança da paisagem, o segundo, de Pessoa (2016), de título *As transformações da paisagem na estrutura e diversidade florestal em uma unidade de conservação no sudeste do Brasil*, visa-se analisar a mudança na paisagem para apontar diretrizes voltadas para o manejo adequado e conservação do Parque Estadual. No terceiro, de Bastos (2021) com o título *Bionomia de Culicidae e investigação natural por Flavivirus em uma paisagem do bioma Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*, a

palavra paisagem foi utilizada apenas para designar que o local da coleta de amostragem de mosquitos foi realizado em fragmentos de Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro.

Em outro trabalho, de Amorim (2019) intitulado *A paisagem como instrumento de valorização de produtos de montanha: a experiência do café sombreado do maciço de Baturité, Ceará*, a autora faz um compilado sobre o conceito de paisagem, com foco nas percepções e sensações que elas permitem propiciar. Dessa maneira propõe o uso das paisagens para agregar valor a atividades na montanha e de café de maneira que oportunize o turismo e o desenvolvimento sustentável.

Em outra pesquisa, de Sacramento (2019), intitulado *Escolas do campo, memórias, paisagem geográfica em Nova Iguaçu e reserva biológica de Tinguá*, o autor discorre sobre o conceito de paisagem ao longo do tempo para atrelar ao conceito de memória, tendo em vista que é necessária uma análise completa da paisagem em seus aspectos fisionômicos, naturais com os aspectos históricos-sociais. Dessa forma permite-se de maneira mais sensata o resgate de saberes populares e cultura dos alunos de uma escola do campo.

Já em outro trabalho, de autoria de Santos Junior (2017), cujo título é *Dinâmicas da paisagem Urbana em municípios periféricos: análise, percepções e prospecções das unidades morfo-territoriais e espaços livres de Seropédica, RJ*, a paisagem é tratada no seu aspecto morfológico estrutural para tratar uma possível relação entre as distintas configurações morfo-territoriais as possíveis e respectivas percepções e rotinas da população local em função da modificação dos seus espaços livres públicos.

Em outra pesquisa, de Leão (2020), nomeada *Produção do espaço urbano em Barra Mansa, RJ: um olhar sobre a paisagem*, o conceito de paisagem está imbricado dentro do contexto de produção do espaço, possibilitando uma compreensão mais abrangente dos processos e dinâmicas da evolução do espaço urbano.

No que tange os trabalhos da pós em Geografia, o autor Machado (2017) cujo título é *Análise da bacia hidrográfica do rio São Pedro, sub-bacia do Rio guandu-RJ, a partir do sistema GTP (Geossistema - Território - Paisagem) como subsídio à conservação e gestão dos recursos hídricos*, utiliza o geossistema de Bertrand (1971) para identificar e analisar a heterogeneidade e mudanças da paisagem a partir da relação entre padrões de cobertura e uso da terra e a permeabilidade que influenciam nas ocorrências de inundações urbanas de uma

bacia hidrográfica. O autor utilizou desse conceito porque ele considera a paisagem em sua totalidade, feitas por relações interdependentes entre os aspectos físicos da natureza, o social e econômico e o cultural, das representações e símbolos.

Já no outro trabalho de Menezes (2018), de título *A heterogeneidade e as mudanças na paisagem da bacia hidrográfica dos rios Iguaçu-Sarapuí (RJ) e seus efeitos nas inundações urbanas*, da pós-graduação em geografia, o autor busca analisar as condições atuais de uma bacia hidrográfica por meio da abordagem teórico-metodológica de análise integrada da paisagem a partir do modelo G.T.P (Geossistema, Território e Paisagem), como subsídio à conservação e gestão dos recursos hídricos. Dessa forma a paisagem ganha foco na concepção da Geografia Cultural, pois leva em consideração a cultura que imprime transformações e que devem ser levadas em conta na produção da análise da bacia hidrográfica.

Ao ler os trabalhos ficou notório que o Japeri em nenhum momento foi investigado no mesmo viés que pretendo estudar. Em relação ao conceito fundamental de minha pesquisa, paisagem, há sim similaridades com autores da Geografia Cultural que propõem a análise da paisagem que se leve em consideração os aspectos humanos, sendo estes o trabalho, as relações sociais, relação homem versus natureza, representações, simbologias e percepções.

Em outra busca feita no Google acadêmico, pesquisou-se como palavra-chave *ensino de geografia e paisagem*, pois mostra-se relevante conhecer como anda as pesquisas científicas envolvendo o ensino do conceito de paisagem nas escolas Brasil afora e seus respectivos métodos e propostas. Como marco temporal estabeleceu-se apenas o ano de 2023 já que mais de três mil produções foram encontradas, dessa forma foram selecionados apenas alguns para avolumar o debate.

Um trabalho, de título *A geografia no museu: proposta teórico-metodológica de ensino do conceito de paisagem*, desenvolvido por um doutorando, Sabota (2023), que também é professor da rede Estadual de Goiás, levou seus alunos do terceiro ano do ensino médio a um museu a fim de contextualizar aspectos geográficos do Estado e melhorar o entendimento do espaço geográfico problematizando o conceito de paisagem. Primeiramente, debateu acerca da educação não formal e em seguida propôs a análise dos itens do museu para construir um entendimento mais amplo sobre as origens, configurações e alterações das paisagens, o que de fato ocorreu já que havia mais elementos do que em uma sala de aula.

O autor cita Bertrand (2007), que diz que a paisagem pode reunir condições sociais e naturais, espaciais e temporais, reais e simbólicas ou materiais e culturais. Ao citar Cavalcanti (2011), ele destaca que pela paisagem há um ponto de partida para a compreensão espacial. Dessa forma, a visita ao museu com seus itens propicia o entendimento sobre as origens, configurações e alterações das paisagens de Goiás já que dispõe de elementos que dão mais sustentação às definições mais abrangentes do conceito.

Por fim, notou-se que os alunos compreenderam a composição e formação do espaço geográfico goiano através da paisagem e sua diversidade de fatores naturais, sociais, econômicos e culturais.

Em outro trabalho, uma dissertação, de autoria de Ataíde (2023) com o título *O vídeo como linguagem (do) no ensino de geografia: uma proposta de estudo da paisagem na E. E. Professor José Fernandes Machado*, a autora busca trabalhar a paisagem com o auxílio de fotos e vídeos com alunos do primeiro ano do ensino médio, como uma linguagem educativa, que como linguagem criadora gera saberes e possui uma dimensão pedagógica e educativa. Nesse contexto, os vídeos estimulam outros sentidos que outras linguagens não conseguem, já que condensa imagens e sons. As paisagens utilizadas foram do entorno escolar e dos lugares de vivência dos estudantes.

A autora faz uma breve apresentação sobre a evolução do conceito de paisagem desde Humboldt até Dardel, passando da simples descrição até as sensações e experiências como elemento constituinte das paisagens. Em relação a geografia escolar ela cita Callai (2004) onde a leitura da paisagem é algo seletivo que vai além do visual, e Cavalcanti (2019) que diz que a escola ao auxiliar a leitura da paisagem ajuda a perceber as espacialidades.

Neste trabalho tem-se o socioconstrutivismo de Vygotsky como teoria da aprendizagem em destaque já que considera a realidade social, cultural e histórica da qual as pessoas são integrantes além da linguagem e interação serem fundamentais para o desenvolvimento da aquisição de saberes. É importante frisar que a maioria dos alunos tinha o conceito limitado sobre paisagem já que disseram que é tudo aquilo que se vê. Foram ministradas aulas sobre o conceito usando fotos e vídeos dos cotidianos dos alunos e após isso foi proposto que elaborassem vídeos sobre alguns temas predefinidos para futura exposição e como resultado da pesquisa notou-se que se abriram possibilidades de experienciar as vivências, os cotidianos,

promovendo a ressignificação do conceito da paisagem pelos alunos. Logo, os vídeos se demonstraram eficazes como um pujante recurso didático.

Já em outra produção, um artigo, intitulado *Representações espaciais da paisagem por meio da linguagem do desenho*, as autoras Godoi e Dalla Nora (2023) trabalham com desenhos para retratar a paisagem como método para avaliar a construção do conhecimento dos alunos do primeiro ano do ensino médio acerca das categorias do espaço. Os desenhos em si, uma forma de linguagem, surge como recurso aos alunos para reconhecerem as dinâmicas existentes no espaço geográfico.

Elas analisam os desenhos para observarem as concepções dos alunos sobre o que é paisagem e constataram que a grande maioria desenha apenas aspectos naturais e com um viés de beleza, sendo que estes desenhos de paisagem refletem imagens subjetivas, que são relações cognitivas com a realidade objetiva. Parte-se do pressuposto que a “culpa” é das Artes que ao longo da história teve inúmeros pintores que retrataram as paisagens principalmente como belas. Verificou-se então que, pouquíssimos desenhos representaram o conceito de paisagem na concepção geográfica mais abrangente, onde os sentidos e experiências sensoriais influenciam na percepção da paisagem. Dessa forma, como explicam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) esses desenhos espontâneos permitem conhecer informações sobre os lugares, mas também o imaginário sociocultural dos alunos.

Como resultado fazem reflexões do tipo: que os desenhos ajudam a analisar a apreensão dos conteúdos pelos alunos e, que os desenhos possibilitam a ligação entre os conteúdos programáticos e a realidade cotidiana dos alunos. Por fim, destacam o desenho como mais uma útil ferramenta ao ensino de geografia.

Ao analisar os trabalhos citados acima fica explícita a preocupação dos professores Ataíde e Sabota de trabalharem a paisagem de uma maneira que tenha relação com a vivência dos alunos com o intuito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem e de melhorar a assimilação, justamente o que essa pesquisa se propõe. Já o trabalho das professoras Godoi e Dalla Nora se demonstra importante pois buscam, através de desenhos de paisagens, que os alunos identifiquem os processos existentes no espaço geográfico, justamente o que se pretende abordar e realizar nesta presente dissertação.

Em suma, como visto neste capítulo, foram muito poucos os trabalhos acerca de Japeri e a título de comparação, na mesma época houve 46 sobre Nova Iguaçu. No que tange a Queimados, município fronteiriço, houve ainda menos, apenas seis, e sobre Duque de Caxias, município mais populoso da Baixada Fluminense, houve apenas 11. Dessa forma, percebe-se um maior interesse pela região em que a UFRRJ justamente se encontra.

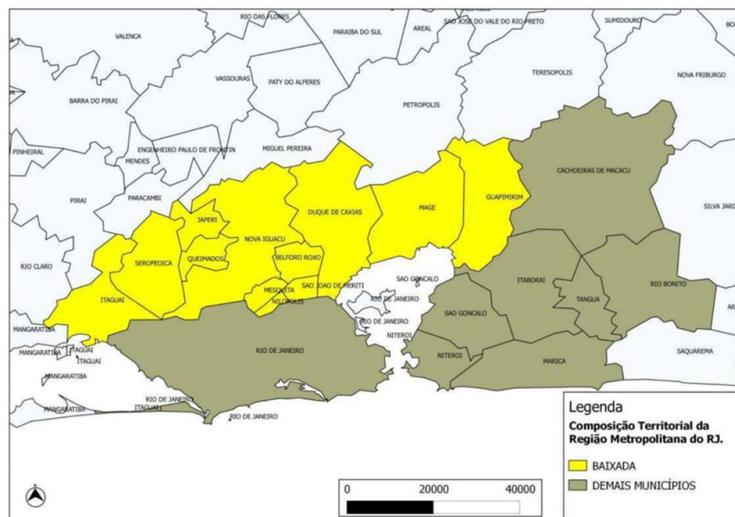
A respeito do conceito de paisagem, em nenhum dos casos buscou-se utilizá-lo como um aporte conceitual basilar para o desenvolvimento em atividades educacionais como essa pesquisa se propõe, assim como em nenhuma se busca debater a leitura, os pormenores, os simbolismos e a cultura que as moldam.

2.3. Área de Estudo - Japeri/RJ

Japeri faz parte da Região Metropolitana do RJ juntamente com Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Tanguá, Queimados, Rio de Janeiro, São Gonçalo, Seropédica, Rio Bonito, Cachoeiras de Macacu, Petrópolis e São João de Meriti. Além disso, Japeri também faz parte da Baixada Fluminense (Figura 1) juntamente com Itaguaí, Paracambi, Seropédica, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Belford Roxo, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.

Japeri possui uma área de 81,697 km² e fica a 69 km de distância do município do Rio de Janeiro sendo o trem da SuperVia, a Via Dutra e o Arco Metropolitano as principais vias de acesso e integração.

Figura 1 - Municípios que abarcam a Baixada Fluminense



Fonte - ROCHA (2015)

De acordo com TCE (2004) a palavra Japeri tem origem na palavra indígena *yaperi* que era o nome dado a uma planta semelhante ao juncos que flutuava pelos pântanos da região. Entretanto, os bandeirantes paulistas que ocuparam a região por dois séculos chamavam a localidade de Belém. Belém não possuía tribos, porém as tribos itaguaís por ali sempre passavam, beirando e ocupando o Rio Guandu. Atualmente a localização que eles viviam se chama Itaguaí.

A história de Japeri tem início em 1743 com o nome de Morgado de Belém. A região antigamente era um engenho de Pedro Dias e faziam parte de uma sesmaria que existia na freguesia de Sacra Família do Tinguá. Mais tarde, o marquês de São João Marcos desenvolveu a região com engenhos de açúcar, escolas, teatros, lavouras, construiu casas e a Igreja de Nossa Senhora de Belém e Menino Deus. E em 1858 foi inaugurada a Estrada de Ferro D. Pedro II, onde os trens que circulavam entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais faziam sua primeira parada. Dessa maneira, o entorno de Belém passa a ter um grande fluxo de pessoas que consequentemente gerou um avantajado núcleo urbano.

Ainda de acordo com TCE (2004) com o desmatamento em demasia, os rios foram obstruídos e pântanos surgiram gerando mosquitos que tornaram a região praticamente inabitável, ocasionando um grande abandono de terras.

Já na primeira metade do século XX o solo era destinado basicamente às atividades primárias e devido à queda das exportações de cítricos durante a II Grande Guerra e pragas, fez com que os proprietários loteassem suas terras, sem infra-estruturas inclusive, para pessoas pobres, que com o tempo ocuparam e construíram casas na região. E entre as décadas de 1940 e 1950, a antiga Belém junto com Engenheiro Pedreira passam a se chamar Japeri e se torna o 6º distrito de Nova Iguaçu, e o expressivo aumento populacional em Nova Iguaçu fomentou as primeiras emancipações municipais, como em Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis (Alcântara *et al*, 2020). E em 30 de junho de 1991, um plebiscito requisitando a emancipação político-administrativa ocasionou em definitivo a instauração do município de Japeri em 1º de janeiro de 1993 (TCE, 2004).

Japeri ainda possui um patrimônio cultural ferroviário tombado pelo IPHAN, que é o casarão de estação de trem inspirado por construções rústicas do norte da Europa que foi construída em 1858 e, apesar de sua arquitetura destoar do entorno ela está associada a identidade do Município e incluída no brasão oficial. Ela integra o patrimônio Ferroviário da extinta Rede Ferroviária Federal S.A que foi o primeiro trecho da Antiga Estrada de Ferro Dom Pedro II que conectava Japeri à estação Dom Pedro II, atual Central do Brasil, até que em 1875 foi expandida até o Estado de Minas Gerais. Segundo TCE (2004), essa malha ferroviária destinava-se a escoar o café do Vale do Paraíba e outros produtos agrícolas para o porto do Rio de Janeiro, entretanto após ser restaurado em 2019 pegou fogo menos de um ano depois.

De acordo com o Diagnóstico do plano municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica de Japeri (2020), o clima do município de Japeri é predominantemente tropical, se caracteriza por apresentar temperatura média do mês mais frio sempre superior a 18°C apresentando uma estação seca de pequena duração que é compensada pelos totais elevados de precipitação. Além disso, Japeri integra a Região Hidrográfica II/Guandu (RH II) formada pelas bacias hidrográficas dos rios Guandu, da Guarda, Guandu-Mirim, Piraí e Litorânea.

A bacia do rio Guandu, na qual Japeri está totalmente inserida, recebe altas cargas de resíduos químicos e industriais, que irão impactar na coleta da Estação de Tratamento de Água do Guandu, responsável por abastecer 80% dos habitantes da Região Metropolitana, cerca de 12 milhões de pessoas. De acordo com o Mapa da Desigualdade produzido pela Casa

Fluminense (2023) sobre os índices de desigualdades da RMRJ, não há rede nem coleta de esgoto de domicílios e indústrias.

O uso da água, conforme consta no Diagnóstico do plano municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica de Japeri (2020), em sua grande totalidade (97%) é para uso urbano para consumo humano, apenas 1,32% para a indústria de transformação e 2,76% para o abastecimento animal. Há grande pressão sobre os recursos hídricos principalmente pela extração mineral de areia e pedra bruta e expansão urbano-industrial. Essa pressão está diretamente ligada ao aumento da poluição dos recursos hídricos devido à falta de infraestrutura de saneamento básico.

De acordo com os dados do INEA (2021), acerca do uso e ocupação do solo, há predomínio das classes pastagem e área urbanizada/edificada que somam aproximadamente 70% do território. Cerca de 20% do território é de floresta, sendo a maioria nos topos de morros protegidos por unidades de conservação estaduais e municipais.

Acerca dos remanescentes florestais, o Diagnóstico do plano municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica de Japeri (2020), destaca que Japeri se insere no bioma Mata Atlântica, onde aproximadamente 71,67% é de a Floresta Ombrófila Densa, que se caracteriza por estar associada às regiões de altas temperaturas e altos índices de precipitação durante o ano, que irão proporcionar árvores de vários portes e de folhas largas, que permanecem sempre verdes durante o ano inteiro, não sendo afetados pelas mudanças das estações climáticas.

Conforme as informações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (ICMBio, 2021), o município de Japeri soma onze Unidades de Conservação, sendo 514,7 hectares de Unidades de Conservação de Proteção Integral e 5.283,33 hectares compõem Unidades de Conservação de Uso Sustentável. Dessa forma, a área protegida por Unidades de Conservação é por volta de 56 % do território.

De acordo com Azevedo (2018), no ano de 2016 houve como principais cultivos a banana, coco-da-baía, goiaba, laranja, limão, aipim, cana-de-açúcar, além do manejo de quase 10.000 animais como tilápia, caprinos, ovinos, suínos, galináceos e bovinos. Ainda conforme a autora, em 2016 Japeri teve 94 homicídios dolosos, cerca de 9,3 para 10.000 mil habitantes, sendo que o índice para a Baixada Fluminense no mesmo período foi 4,8 para 10.000. Já dados

da Casa Fluminense (2020), houve em Japeri 74% de casos com letalidade violenta, além de 67% de casos de assassinatos de negros pela polícia.

Segundo Alcantara et al (2020), há baixa oferta de emprego formal e por isso grande parcela dos laboriosos se dirigem à Barra da Tijuca e Centro, sendo que 55% trabalham fora de Japeri e 46% na informalidade. O trem é o transporte público mais utilizado, contudo Japeri aparece entre os piores municípios no quesito tempo de movimento pendular (Lago, 2007). Por essa razão, Japeri pode ser considerada cidade-dormitório segundo (Ojima *et al.*, 2007 *apud* Alcantara *et al.*, 2020).

O censo do IBGE (2022) mostrou uma população de 96.289 pessoas. Além disso, há cerca de 16 mil jovens entre seis e quatorze anos, que fazem parte da população apta ao ensino regular. O PIB per capita é de 14.395,69 R\$, deixando Japeri na última posição do Estado, e distante de Belford Roxo, antepenúltimo pior com 17.156 R\$. Para Alcantara *et al* (2020), Japeri abriga cerca de 30% da população, enquanto Engenheiro Pedreira 70%, sendo que os dois polos demográficos têm como problemática a falta de conectividade. A instalação da sede da prefeitura entre os dois foi feita justamente como uma tentativa de interligá-las.

Já o IDHM (Índice de desenvolvimento humano municipal) de 2010, feito também pelo IBGE, é de 0,659, deixando Japeri na octogésima quarta posição entre 92 municípios do Estado do Rio de Janeiro, por conseguinte, o pior da Baixada Fluminense. Segundo Oliveira (2015) Japeri, Itaguaí, Queimados, Paracambi e Seropédica, compõem a região econômica denominada Região Logístico-Industrial do Extremo Oeste Metropolitano Fluminense que vem passando por uma intensa mudança de cunho industrial e logístico, contudo tal crescimento industrial não reflete necessariamente em desenvolvimento socioeconômico, como demonstra os índices acima.

De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2019, que indica os vínculos ativos das CLT por setores empregados, a maior participação advinha da administração pública com 31,26% de todos os empregados, seguido pelo setor de indústria de transformação (22,18%), comércio (21,49%), transporte e comunicações (11,99%), educação (3,86%), alojamento e alimentação (3,21%), outros serviços coletivos, sociais e pessoais (1,48%), construção (1,29%) e saúde e serviços sociais (1,25%).

Japeri ainda compromete 81% de suas receitas com a máquina pública, onde 85% de suas receitas totais são oriundas de transferências federais, estaduais e royalties do petróleo (TCE, 2004).

E dando continuidade à análise do município, o próximo subcapítulo abordará brevemente o aspecto educacional de Japeri.

2.3.1. Aspectos Educacionais de Japeri

Segundo o site QEdu (2023), o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de Japeri, anos finais, foi de 4,1 para o ano de 2021, o pior da Baixada Fluminense e o segundo pior dentre todos os municípios do estado. Nas 43 escolas públicas do município, em 2023, há 330 matrículas na creche, 1.677 na pré-escola, 6.298 nos anos iniciais, 4.278 nos anos finais, 2.961 no ensino médio, 1.815 na EJA e 339 na educação especial totalizando 17.698 alunos.

Os dados do Educacenso (2014) demonstraram que 12.485 alunos tinham sido atendidos no ensino fundamental e 2.124 na educação infantil. O município possui ainda nove escolas estaduais que atendem o ensino médio, além de nove escolas particulares. O Ensino de Jovens e Adultos contemplou 1.544 alunos em quatro escolas. Japeri, além disso, não conta com nenhuma universidade pública ou privada.

Como avaliação, a média do bimestre é 50 de 100, e as notas só podem ser lançadas de 5 em 5. A média é feita a partir de 60 da prova, 30 do trabalho, projeto ou teste, mais 10 de participação (nota dada por critérios definidos pelo professor). Todo aluno tem direito a recuperação bimestral, mas no quarto bimestre se o aluno fizer a recuperação final e obtiver 50 ou mais ele passa de ano, independente do quantitativo que faltava para alcançar o somatório dos quatro bimestres, ou seja, 200 pontos.

O Plano Municipal de Educação (2015) traça diversos tipos de metas como oferecer educação em tempo integral em metade das escolas, alfabetizar todas as crianças até o final do 3º ano, universalizar todos os níveis de ensino, elevar a escolaridade média da população, elevar a taxa de alfabetização da população, elevar a qualificação dos professores entre outros.

Abre-se caminho para falar de Japeri, em geografia, em duas oportunidades de acordo com o currículo mínimo de Japeri.

No Referencial Curricular Municipal produzido fundamentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para o sexto ano, turma em que a pesquisa foi desenvolvida, no primeiro bimestre consta como conteúdo *A Geografia e a Compreensão do Mundo*, onde se deve trabalhar com *paisagem, espaço e lugar; O trabalho e a transformação do espaço geográfico*, dessa forma a pesquisa adequa-se para o sexto ano já que se enquadra no currículo, logo é possível desenvolver atividades que contenham Japeri como elemento fundamental.

Para o sétimo ano, no segundo bimestre, pede-se para trabalhar a *representação e regionalização fluminense*, onde se deve *identificar a regionalização do Estado do Rio de Janeiro e destacar a localização do Município de Japeri dentro desse processo*.

No ano de 2023, através de memorando da SEMED, determinou-se que as questões do provão em rede do terceiro bimestre fossem contextualizadas com Japeri, o que se tornou um desafio para algumas disciplinas conseguirem relacionar o conteúdo com o município, já que as aulas do bimestre foram ministradas normalmente pelos professores seguindo o planejamento, quando imprevistamente chegou a notificação.

Todo ano também no calendário anual, pede-se para trabalhar Japeri em determinado bimestre, contudo fica a cargo do professor o que abordar e de qual maneira. Além disso, nunca há um projeto de culminância ou algo similar, portanto essa proposta se manifesta como uma recomendação desconexa do que se tem programado a ser trabalhado no bimestre.

Dessa maneira, nota-se que a escola e a Geografia possuem uma relação de mutualidade já que proporcionam, além do desenvolvimento de habilidades culturais, socioemocionais e cognitivas, entender a dinâmica do espaço e a relação que ele possui com o ser humano.

2.3.2. A Escola Santos Dumont

Este subcapítulo será sobre a escola, (Figura 2), em que a pesquisa foi desenvolvida e contará com informações sobre o quantitativo de professores, localização, infraestrutura entre outros.

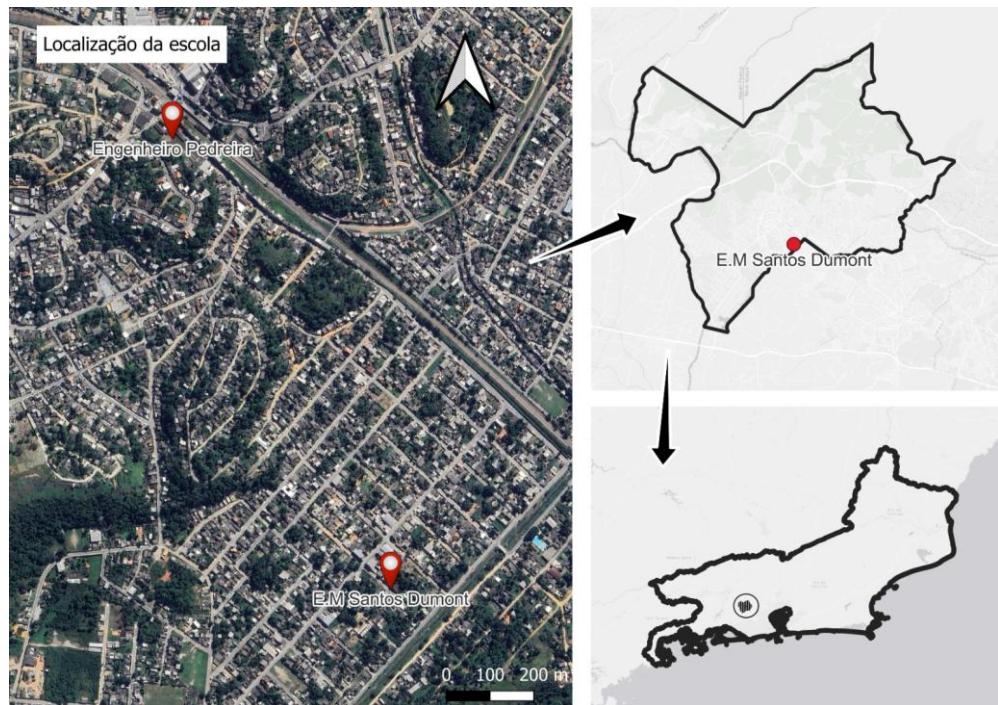
Figura 2 - Frente da escola



Fonte - Autor (Abril/2024)

Localizada no bairro Vila Central, no distrito de Engenheiro Pedreira, a escola se localiza a cerca de dois quilômetros da estação de trem de Engenheiro Pedreira, (Figura 3), e é uma das 34 escolas públicas municipais de Japeri. Com um total de 1115 alunos é considerada a maior escola em quantitativo e oferece pré-escola, anos iniciais e finais do ensino fundamental como modalidades/etapas de ensino estando em funcionamento nos períodos matutino e vespertino. Desse total de alunos, cerca de 477 recebem ajuda do governo federal através do Bolsa Família, segundo registros da própria escola.

Figura 3 - Localização da escola em relação à estação de Engenheiro Pedreira



Fonte - Autor (Agosto/2024)

A escola dispõe de dois andares, com rampa de acessibilidade, recentemente inaugurou um auditório com som e projetor, uma biblioteca com diversos livros de literatura, banheiros para alunos e professores separados em bom estado. Como a escola foi sendo ampliada ao longo dos anos, o refeitório, (Figura 4), não comporta todos os alunos e por essa razão há dois horários de recreio. É servido também um café da manhã simples antes do início da aula.

Figura 4 - Refeitório

Fonte - Autor (Abril/2024)

A escola possui 22 salas que são distribuídas em dois andares, (Figura 5), sendo 11 no térreo, (Figura 6), com 44 turmas no total, todas equipadas com ar condicionado, entretanto com o passar dos anos poucos ainda funcionam.

Figura 5 - Pátio, quadra (à direita) e rampa (à esquerda)

Fonte - Autor (Abril/2024)

Ainda há uma quadra poliesportiva coberta equipada apenas com duas balizas de futebol, já que as estruturas para as tabelas de basquete nunca foram consertadas após quebrarem. Há também uma sala de recursos multifuncionais. A prefeitura oferece transporte escolar, vale transporte, com frequência kit higiene, e absorventes. Além disso, distribui kit escolar para alunos e professores.

Figura 6 - Salas do primeiro andar



Fonte - Autor (Abril/2024)

O quadro de funcionários, 123 no total, é praticamente completo, onde há inspetores, secretários, merendeiras, auxiliares de serviço geral, assistente social, orientadora educacional e orientadora pedagógica, suficientes. No que tange aos professores, há 53 de um total de 68 vagas, sendo que a maioria reside fora de Japeri.

De acordo com as falas dos alunos ao longo desses dez anos, os pais geralmente possuem empregos como domésticas, pedreiros, seguranças, cuidadora de idosos, motorista de ônibus, lojistas, cabeleireiros, vendedoras de quentinhos, auxiliar de serviços gerais entre outros. Ainda se baseando nessas falas, a maioria não trabalha em Japeri e sim na Barra da Tijuca, Centro e Zona Norte, e em muitos casos diversos pais saem de casa de madrugada e voltam tarde da noite.

Nota-se uma quantidade grande de alunos copistas⁴ e com grandes dificuldades com as normas da língua portuguesa quando não estão copiando, o que se mostra perceptível ao se depararem com questões e exercícios discursivos. Além disso, reclamam ao notarem que é necessário escrever com as próprias palavras como também resmungam quando possui texto, o que demonstra o pouco hábito de leitura.

⁴ Temble (2007) define os “alunos copistas” como aqueles que copiam atividades de escrita sem compreender de fato o sentido daquilo que estão escrevendo.

CAPÍTULO III – CONSTRUINDO A ATIVIDADE

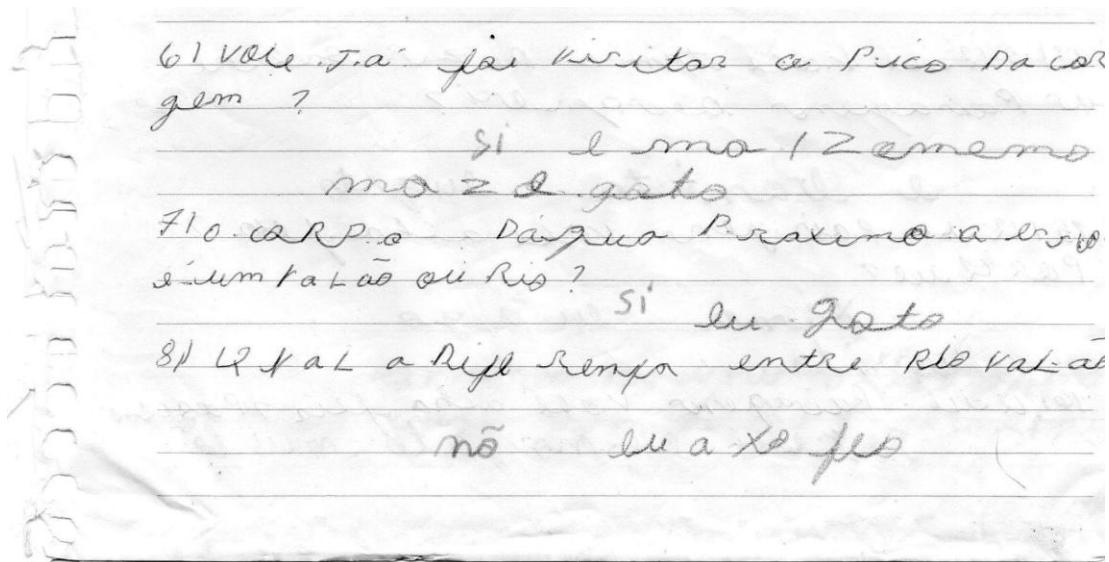
Neste capítulo será analisado o questionário respondido pelo sexto ano visando entender suas percepções, será descrito o conteúdo do *StoryMap*, por fim uma descrição acerca da aplicação da atividade.

3.1. A Percepção dos estudantes sobre Japeri

Para munir o planejamento da atividade e assim preparar o *StoryMap* de maneira mais eficaz a fim de seguir o objetivo da pesquisa em utilizar as paisagens e contribuir com a mudança de visão depreciativa em relação ao município, o referido questionário teve como propósitos descobrir as percepções dos alunos em relação à Japeri e os locais que frequentam.

Das cinco turmas de 6º ano ofertadas, leciono para quatro e entre essas o questionário (apêndice 1), foi aplicado dia 25/04/24, quinta-feira, para a turma 603, exatamente por considerar a turma mais calma e interessada. Dos 30 matriculados, quatro foram transferidos e seis faltaram, logo 20 foram examinados. Deve-se destacar que é um questionário com perguntas abertas e de acordo com Gil (1999) “são aquelas em que o interrogado responde com suas próprias palavras sem qualquer restrição [...] no entanto, cumprem importante papel nos estudos formuladores ou exploratórios”. Entretanto, notou-se que certas respostas eram difíceis de entender na sua totalidade, (Figura 7), tendo em vista a grafia pouco legível atrelada aos erros de língua portuguesa.

Figura 7 - Aluno com dificuldade na escrita



Fonte - Autor (Abril/2024)

A primeira pergunta foi: *O que você acha sobre morar em Japeri? Justifique sua resposta.*

Houve 11 respostas com palavras de cunho negativo como feio, merda, horrível e chato. E os motivos foram variados: nada de interessante, tem pessoas morrendo, não tem parquinho, praças quebradas, muito lixo e muito mato. Como resposta positiva tiveram cinco, com palavras como legal, bom e tranquilo. Os motivos foram porque brinca muito, as lojas são próximas e tem lanchonete. Houve três respostas que não foram capazes de serem entendidas e uma resposta foi contraditória, pois disse que era bom, mas não gostava porque é chato.

Inserindo essas palavras-chave em uma nuvem⁵ de palavras, numericamente ficou quatro *bom*, três *feio*, três *uma merda*, dois *legal*, dois *não gosto*, um *chato*, um *horrível* e um *ruim*.

⁵ Nuvem de palavras, também conhecida como “word cloud”, é uma representação visual da frequência das palavras em um texto. Utilizou-se o site WordClouds.com para a confecção da mesma.

Figura 8 - Nuvem de palavras



Fonte - Autor (Abril/2024)

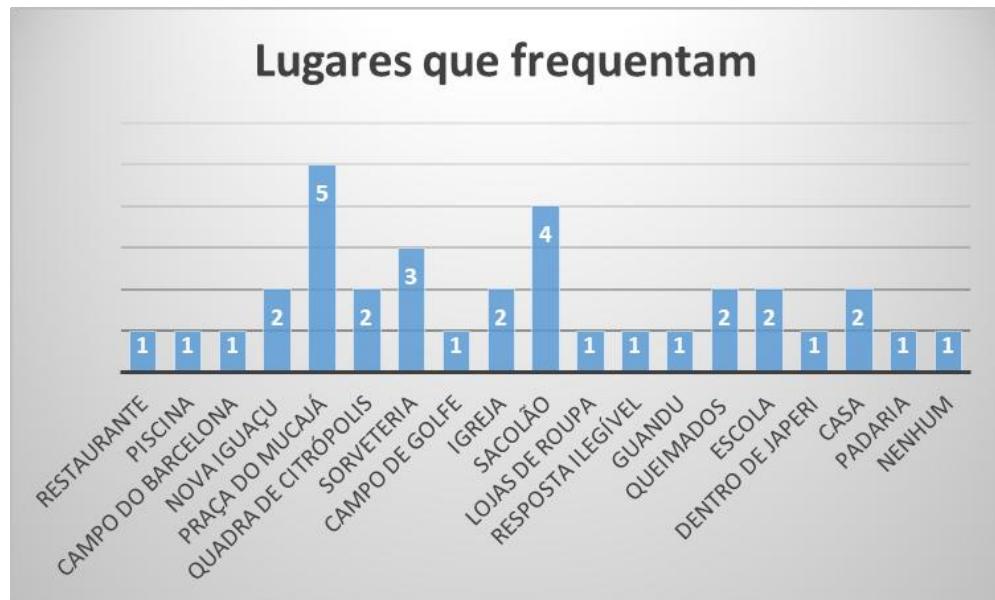
A segunda pergunta foi: *Você acha Japeri bonito ou feio? Justifique sua resposta.*

Como resultado, onze disseram que é feio porque tem poluição, lixo, queimadas e nada de interessante; quatro disseram que é bonito, porque tem praças, rios e lugares; quatro disseram que era mais ou menos, porque que tem lixo e lugares que a prefeitura arrumou, e porque as vezes tá limpo e as vezes sujo; e uma resposta não foi possível entender.

A terceira pergunta foi: *Quais lugares você costuma frequentar em Japeri?*

Como resultado, obteve-se uma gama de respostas (Figura 9), inclusive do que não era requisitado, já que citaram os municípios de Queimados e Nova Iguaçu.

Figura 9 - Locais que os alunos frequentam



Fonte - Autor (Abril/2024)

Como exposto, se destacam a quadra, praça (Figura 10) e sacolão, que fazem bastante sentido, tendo em vista que provavelmente acompanham os pais no mercado, já a praça e quadra são a oferta de lazer gratuita e próxima de suas residências. A sorveteria, para tomar açaí principalmente, sempre costuma comentar que frequentam ao longo desses dez anos.

Figura 10 - Praça do Mucajá



Fonte - Google Street View (Agosto/2024)

A quarta pergunta foi: *Você costuma ir com frequência a outros municípios? Qual?*

Nova Iguaçu foi citado nove vezes e Queimados sete, Deodoro uma vez, e sete alunos disseram que não costumam sair de Japeri. Contudo, citaram uma vez Austin, Cabuçu e Comendador Soares que são bairros pertencentes a Nova Iguaçu. Além disso, Rio das Pedras foi citado uma vez. Logo, podemos notar que alguns não sabem a diferença entre bairro e município. Duas respostas estavam inelegíveis.

Dessa forma, nota-se que vão somente para municípios vizinhos, provavelmente pela facilidade de transporte público, o ferroviário.

A quinta pergunta foi: *Você já ouviu falar no Pico da coragem?*

A grande maioria sabe da existência do Pico, onde 16 falaram que sim e apenas quatro que não. De fato, é o cartão postal⁶ da cidade estando inclusive no logo do site da prefeitura.

A sexta pergunta foi: *Você já foi visitar o Pico da coragem?*

⁶ Principal ponto turístico do município devido às suas três rampas de voo livre, asa-delta e parapente atrai tanto os moradores quanto a população de outras cidades.

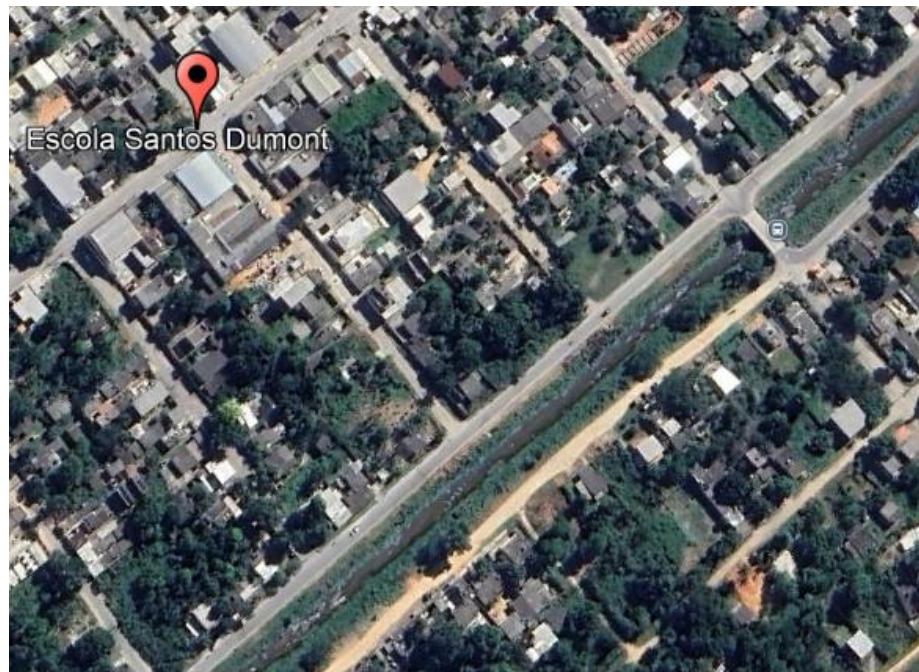
Surpreendentemente, todos os alunos falaram que nunca visitaram o Pico, triste fato, tendo em vista que é ao ar livre, gratuito e há pouca oferta de lazer no município. Isso também nos diz que os pais e parentes provavelmente não vão e consequentemente não levam seus filhos. Pode ser também uma falta de incentivo dos órgãos públicos pelo reconhecimento da própria cidade.

Apesar da pergunta ser basicamente de resposta sim ou não, um aluno escreveu que pretende ir um dia.

A sétima pergunta foi: *O corpo d'água próximo à escola é um valão ou um rio?*

Como resultado, 15 alunos disseram que era um valão (Figura 11), nome que sempre falaram nesses dez anos quando se referem a esse corpo hídrico. Apenas duas pessoas falaram que é um rio e três disseram que o um valão é quando está sujo e um rio é quando está limpo.

Figura 11 - Rio dos poços/valão por imagem de satélite



Fonte - Google Earth Pro (Abril/2024)

A oitava pergunta foi: *Qual a diferença entre valão e rio?*

Infelizmente duas respostas estavam inelegíveis, um aluno disse não saber responder, um falou que um rio é maior e tem peixes, outro disse que rio dá pra tomar banho e no valão (Figura 12) não, e 15 disseram que o valão é sujo e o rio é limpo. E nessas respostas, justificando a diferença, ficou claro que a grande maioria sabe o que é um valão, pois disseram que tem micróbios, fezes, vidro e plástico. Logo, percebe-se que diferenciam os dois entre sujo e limpo.

Figura 12 - Rio dos poços/valão



Fonte - Google Street View (Abril/2024)

Os discentes provavelmente sabem dessas diferenças já que em momentos pretéritos, em sala, buscando justamente usar exemplos próximos a eles, comentei que todo valão na verdade é um rio, só que bastante poluído. Se não fosse por isso, possivelmente a grande maioria das respostas seria “não sei diferenciar”.

A nona pergunta foi: *Você já mergulhou no valão?*

Todos os alunos disseram que não, o que achei surpreendente, tendo em vista que sempre comentam que conhecem gente que já pulou, principalmente em épocas de cheias.

A décima pergunta foi: *Você acha que tem algum problema mergulhar no valão?*

Uma resposta estava inelegível, um disse que não via problema em mergulhar, e 18 disseram que sim, com justificativas como pode pegar doenças, que há vermes, que há bactérias, que tem sujeira e lixo.

A décima primeira pergunta foi: *Você conhece o rio guandu?*

Um aluno esqueceu-se de responder, 12 disseram que conheciam e seis responderam que não, uma aluna disse que não conhecia, mas já ouviu falar. Imediatamente ao ler as respostas fiquei na dúvida se eles interpretaram a palavra “conhece” com a palavra “ir”.

A décima segunda pergunta foi: *Você sabe qual o principal uso das águas do rio Guandu?*

Apenas um aluno sabia, disse que pegam a água, limpam e mandam para as casas, os outros 19 discentes disseram que não sabiam. Provavelmente, não fazem ideia de que a água que chegam em suas casas para as inúmeras tarefas diárias são provenientes dos rios, que em muitos casos estão extremamente contaminados, como no caso do rio Guandu.

A décima terceira pergunta foi: *Você já foi até o campo de golfe?*

Uma aluna esqueceu-se de responder, cinco disseram que nunca foram, portanto 14 afirmaram que já foram. E ao longo desses dez anos nunca ouvi falarem que foram para jogar golfe e sim para outras atividades como soltar pipa e jogar bola.

A décima quarta pergunta foi: *O que você tem a dizer sobre as paisagens de Japeri?*

Nessa pergunta dois alunos não souberam responder, dois alunos simplesmente responderam *não*, o que impede de entender o que pensam. Outros dois alunos, falaram que são feias, outros três, disseram que algumas eram bonitas e algumas outras feias, outros dez estudantes afirmaram que eram positivas já que usaram palavras como linda, bonita, pouco bonita e legais. Um aluno afirmou que eram chatas.

A décima quinta pergunta foi: *Que lugares do Rio de Janeiro tem paisagens bonitas? Por que?*

Nessa pergunta foi difícil entender várias respostas, tendo em vista que Japeri sofre com sérios casos de semianalfabetismo. Alguns queriam explicar seus motivos, mas a péssima caligrafia, aliada aos prováveis erros de português tornaram a tarefa de decifrar impossível. Portanto, uma aluna respondeu que *sim, porque foram destruídas*, demonstrando uma deficiência no poder de organização de ideias, quatro respostas eram inelegíveis, dois apenas

responderam *sim*, o que impede de entender o que pensam e, um aluno respondeu Pico da Coragem, logo não entendeu a pergunta. Dois discentes disseram que não havia, já que tudo é feio, e os demais responderam Maracanã, Cristo Redentor, Pão de Açúcar e teleférico sendo que a maioria, sete, respondeu praia. Acerca da justificativa, poucos responderam apenas citaram os locais, demonstrando mais uma vez que não entenderam completamente o comando da questão. Os poucos que responderam, a alegação foi que eram locais calmos e que havia várias pessoas.

O intuito nessa indagação era entender de alguma forma o que consideram bonito, tendo em vista acharem Japeri feio.

A décima sexta e última pergunta foi: *Que lugares do Rio de Janeiro têm paisagens feias? Por quê?*

O intuito nessa indagação era entender de alguma forma o que consideram feio, e muitas das respostas continham situações que ocorrem em Japeri.

Essa pergunta foi a que teve mais respostas aleatórias. Duas estavam inelegíveis, duas pessoas simplesmente responderam *não*, duas sequer responderam, as demais respostas continham palavras como: valão, praia poluída, rua sem calçada, casa abandonada, Queimados, pobres e favela. Logo, pode-se acreditar que não falaram nada em específico no Rio de Janeiro por não terem muito conhecimento sobre o Rio e/ou não entenderam bem a pergunta, tendo em vista as respostas desconexas como, por exemplo, *casa abandonada porque tem teia de aranha*. Somente um aluno respondeu que *lá tem grama, coqueiros e lagoa*.

O questionário corrobora essas respostas porque eles realmente são muito novos, não possuem muita noção de espaço e localização, além de não saírem assiduamente de Japeri e proximidades.

Ao analisar todo o questionário puderam-se retirar algumas conclusões acerca de suas vivências e opiniões. A maioria dos entrevistados possui uma visão negativa sobre morar em Japeri. Algumas expressões bem pejorativas surgiram como “merda” e “horrível”, além disso, a maioria acha Japeri feio ou mais ou menos.

Sobre os locais que frequentam, ficou explícito que costumam fazer coisas simples do dia a dia, não tendo nenhum lugar específico que nos pudesse chamar a atenção. E, como já

era previsível, a grande maioria vai a Nova Iguaçu e Queimados, provavelmente devido a facilidade de locomoção oferecida pela linha férrea.

A respeito do Pico da Coragem, a maioria já ouviu falar, mas infelizmente nunca foram. Logo, demonstrou-se pertinente abordá-lo em sala de aula. Já no que tange ao corpo hídrico que percorre as redondezas da escola, a maioria conhece pelo nome popular valão e o associa a poluição. Como dito, em aulas passadas comentou-se sobre ele, justamente para usar seus espaços vividos, e explicou-se que era um rio só que bastante poluído, talvez por isso sabiam a diferença. Dessa forma, foi válido utilizá-lo em sala de aula para o debate sobre a água, poluição, rios e suas importâncias e seus usos. E como visto nas respostas, eles já possuem a importante noção que não se deve pular no valão devido a inúmeras doenças.

Sobre o rio Guandu, importante para todo o Rio de Janeiro e que “corta” Japeri, ficou demonstrado que não fazem ideia da sua extrema relevância para a cidade, suas vidas e seus usos econômicos por exemplo.

Outro local famoso do município, primeiro campo público de golfe do Brasil, a grande maioria já visitou e praticou alguma atividade. E como demonstra ser uma área famosa e de relevância, vale a pena ser utilizada em atividades em sala, onde pode-se trabalhar com debates, o porquê de um campo de golfe, um esporte elitizado, ser construído em um dos municípios mais pobres do Rio de Janeiro.

Sobre as paisagens que acham bonitas, citaram na maioria e genericamente as praias e os pontos turísticos do Rio de Janeiro, locais que nunca ouvi falarem que já frequentaram, com exceção do Maracanã.

Pode-se concluir que talvez Japeri não possua paisagens bonitas iguais aos cartões postais do Rio de Janeiro, com exceção do Pico da Coragem, mas é fato que pelos alunos terem pouca idade, realmente não possuem um conhecimento muito amplo sobre o município como um todo, tendo em vista que não costumam andar para além de seus bairros. Dessa forma, mostra-se pertinente trabalhar de alguma forma o município que vivem.

Ressalte-se a importância do ensino de Geografia para a interpretação e compreensão espacial, e de acordo com Cavalcanti (2004) o uso da paisagem como elemento inicial de compreensão do lugar, assim a paisagem é um instrumento essencial de leitura e aprendizagem no ensino da Geografia. E acreditamos na potencialidade de atividades didáticas onde o

estudante seja protagonista da construção do seu conhecimento, e o uso de tecnologias pode ser de grande contribuição.

3.2 Geotecnologia e o *StoryMap*

A cartografia trata do estudo e representação da superfície terrestre através de globos, mapas e cartas por isso, Castellar (2005, p.5) considera uma “linguagem, um sistema de código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia”, assim auxilia na compreensão sobre diversos assuntos como localização, comunicação, interpretação, visualização de conceitos geográficos, dispersão e ordenamento dos objetos, além de facilitar a percepção espacial. De fato, a linguagem cartográfica permite discutir o onde, o quê, o quando e como tal fato ocorre perante análises geográficas.

Já faz algumas décadas que a cartografia digital se popularizou devido ao avanço tecnológico e a popularização da internet. Atualmente é possível a produção de mapas bastante diferentes dos tradicionais estáticos, para mais dinâmicos e interativos, portanto as tecnologias associadas aos conhecimentos geográficos são denominadas Geotecnologias. Com o objetivo de fornecer uma gama de informações espaciais a geotecnologia permite aos usuários não somente a visualização, mas como também o manuseio e a interação. E no meio de vastas ferramentas e aplicativos disponíveis existe a Plataforma Knight Lab⁷ que dentre vários projetos oferece o *StoryMapJS*, cujo objetivo é contar histórias na web que destacam locais com a ajuda de fotos, vídeos (YouTube, Flickr e Vimeo), links e mapas.

A ferramenta *StoryMapJS* é gratuita e de fácil manuseio e sua concepção é destacar a localização de eventos relacionados a história que deseja contar. Sua utilização é bastante simples, ao criar cada slide deve-se digitar um título, localização, o texto que deseja inserir, foto e/ou vídeo oriundo de link ou arquivo armazenado em sua máquina. Além disso, a plataforma aceita links na apresentação que ao clicar “pede autorização” para abrir, facilitando a integração com outros sites.

⁷ <https://knightlab.northwestern.edu> é uma plataforma do laboratório da Universidade de Northwestern em Chicago (EUA) que visa trabalhar em experimentos para levar o jornalismo a novos espaços, onde além do *StoryMapJS* oferece *TimelineJS*, *SoundciteJS*, *JuxtaposeJS*, *StorylineJS* e *SceneVR*.

Dessa forma, as geotecnologias possibilitam “outras formas de produção e uso dos mapas bastante diferentes das tradicionais técnicas, ampliando, assim, as chances de letramento cartográfico e análise espacial” (DE BRITO, 2024, p. 28) e podem ser um instrumento bastante eficiente no que se refere à promoção do ensino-aprendizagem.

As imagens de satélite podem ser aliadas como recursos didático-pedagógicos para o ensino de geografia. Logo, a escola se torna um local importante para a utilização dessas imagens e transformá-las em conhecimento. Para Gonçalves (2005) trabalhar com os recursos de sensoriamento remoto na escola não se limita a uma mera transferência de informações, mas refletir sobre elas e trabalhar suas relações.

O uso de imagens de satélite pode elucidar e propiciar discussões sobre diversos temas, tanto sociais como naturais, que afligem a sociedade, portanto seu uso nas aulas de geografia se mostra essencial. E associado a outros recursos como mapas, se tornam fundamentais na formação de cidadãos críticos.

Sobre meio ambiente, pode ser bastante útil por dar abrangência espacial e temporal da paisagem e ser um importante instrumento para a compreensão e conscientização de questões/problemas da realidade socioambiental (SANTOS, 2014). Para Carvalho *et al.* (2004) é a partir da observação do espaço vivido que se chega à compreensão dos principais aspectos da vida social, e que servirá de parâmetro para a observação de outros espaços à medida que a percepção da escala for se desenvolvendo.

Devido à falta de materiais disponíveis na maioria da escola, o uso de imagens de satélite pode auxiliar bastante na visualização dos fenômenos abordados em sala, tendo em vista que muitas vezes os alunos, nunca tiveram contato com o assunto, ou não possuem um nível de abstração bem desenvolvido. Corazza e Filho (2008) demonstraram em sua pesquisa, baseados na concepção estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget, que alunos do 8º e 9º foram mais capazes de identificar situações onde era necessário a construção de um raciocínio mais aprofundando, enquanto alunos do 6º e 7º foram mais hábeis em identificar temas mais conhecidos.

Dessa forma, o uso das imagens aliadas a metodologias que respeitam o estágio cognitivo do aluno é primordial para uma boa práxis. E no meu estudo de caso, alunos dos anos

finais do ensino fundamental, o uso de imagens associado a minha mediação se demonstra oportuna.

Como vivemos em um mundo cada vez mais conectado e informacional, onde as pessoas a cada dia que passam, independentemente de suas classes sociais, têm acesso prematuro a mídias digitais, é imprescindível terem nas escolas acesso a informações em linguagem e acesso digital. Portanto, a geografia escolar deve contribuir, através das geotecnologias, ao estudo do espaço geográfico através de uma inserção tecnológica.

O *Google Earth* é um software que disponibiliza imagens de satélites de alta resolução e que nos permite observar diversos fenômenos geográficos, e que seu uso se mostra como uma grata ferramenta nas aulas de geografia, podendo fornecer imagens específicas complementando e particularizando os recursos didáticos.

Essa ferramenta pode auxiliar nas aulas com imagens de todo o planeta e com detalhes, “fornecendo assim uma grande quantidade de informações sobre determinado espaço geográfico” Moreira (2010 apud SOUSA, 2018 p. 4).

O uso desta tecnologia é mais uma ferramenta no auxílio ao processo de ensino e aprendizagem de Geografia, permitindo aulas mais dinâmicas, específicas e facilitadoras de conteúdo. Nessa pesquisa, o uso foi dentro da proposta pedagógica planejada onde imagens e vídeos dessa ferramenta foram usadas atrelada ao *StoryMap*.

Portanto, tanto a cartografia, a cartografia digital somada a cartografia escolar e as geotecnologias são indispensáveis ao ensino de Geografia.

3.3 Descrição Da Atividade

O conteúdo do *StoryMap*⁸ e as ferramentas de apoio utilizadas na contemplação da atividade serão detalhados a seguir. Baseando-se no *StoryMap* (apêndice 3), criou-se slides aproveitando todos os recursos disponíveis que a ferramenta oferece. Foram incluídos links com vídeos do *Youtube*, imagens, texto, link de uma matéria de jornal e *juxtapose*⁹. Além disso,

⁸ Link de acesso ao *StoryMap* desenvolvido
<https://uploads.knightlab.com/StoryMapjs/8f77814e685ad4414bfa61d95ccd8e07/japeri/draft.html>

⁹ Ferramenta do próprio Knight Lab que permite comparar dois frames, incluindo fotos e gifs.

o Google Maps e o *Google Earth Pro* também foram utilizados como apoio. Para o desenvolvimento da atividade, foi necessário o uso de um computador, um projetor, conexão à internet e caixa de som.

A seguir, o conteúdo de cada slide:

O 1º slide apresenta um vídeo que conta a história de Japeri e de sua padroeira, e igreja em sua homenagem, ilustrado com imagens de Japeri.

O 2º slide destaca o logo do governo atual, cores da bandeira e Pico da Coragem, e o texto explica a origem do nome de Japeri.

O 3º slide exibe a localização de Japeri, mostra um vídeo de sua posição em relação aos demais municípios da Baixada e ao centro do Rio de Janeiro. Também há uma explicação sobre o termo Baixada Fluminense.

O 4º slide exibe dados sobre o município, tais quais Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), PIB per capita, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), quantitativo de escolas e alunos, número de habitantes, além de uma foto de Japeri como capa, que provavelmente era familiar aos estudantes.

O 5º slide apresenta uma imagem tratada de satélite para explicar o conceito de conurbação, que ocorre nas proximidades da escola. O texto inclui um link para o *Google Maps* que demonstra os limites de Japeri, além de questionamento sobre o uso de infraestrutura de outro município.

O 6º slide aborda o campo de golfe, com dados sobre ele e o projeto social nele desenvolvido, além de seus outros usos. No mesmo campo de texto existem indagações sobre a necessidade de um campo em Japeri e qual a finalidade dos esportes em geral, e se poderiam ser uma maneira de ascensão social. E há também um vídeo mostrando a sua localização em relação à estação de Engenheiro Pedreira.

O 7º slide discute o caráter elitista do golfe, com dados sobre o valor do material e mensalidades dos clubes com campos. Há também um link de uma matéria de jornal que discute, dentre outras coisas, os desafios para o desenvolvimento do golfe no Brasil. A localização do mapa do *StoryMap* aponta para o clube em São Conrado.

O 8º slide aborda o Pico da Coragem e sua característica turística devido aos seus usos além de ser uma área de proteção ambiental. As indagações no corpo do texto se referem ao

assunto turismo. Um vídeo de um voo de parapente, um link com relatos e fotos de um passeio ao Pico e, outro link do *Google Maps* para mostrar sua localização está incluído também.

O 9º slide aborda novamente o Pico da Coragem, entretanto o foco era o lazer. Há um vídeo do *Google Earth Pro* mostrando o caminho da trilha com a opção relevo ativada. No corpo do texto existem informações da duração da trilha e o acesso à cachoeira no meio do percurso. O texto também questiona o fato de muitos alunos nunca terem visitado um dos locais mais conhecidos de Japeri.

O 10º slide aborda o Rio Guandu, suas características, a poluição, e seu uso principal como fonte de abastecimento. A geosmina e a estação de tratamento ETA Guandu são citadas. O slide exibe uma imagem de satélite sinalizando um trecho do rio que ia de Japeri até a estação em Nova Iguaçu. Para mais, há dois links no texto: um para o *Google Maps* para percorrer o percurso do rio, e outro para um vídeo no *Youtube* com imagens do *Google Earth Pro* que “passeava” por um trecho sinalizado do rio até a ETA Guandu.

O 11º slide trata da Praça Olavo Bilac e algumas características. Existem indagações acerca de seus usos e funções. Há um link para o *Google Maps* para mostrar sua localização. A imagem usada no slide era uma foto antiga da praça.

O 12º slide trata das mudanças na paisagem ao longo do tempo, utilizando a ferramenta *juxtapose*. As imagens da praça citada eram dos anos de 2008 e 2004.

No 13º slide também utiliza o *juxtapose* para mostrar as diferenças entre 2008 e 2024 na região próxima a escola. Levanta-se questões sobre as modificações, quem foi responsável por elas e se os alunos seriam capazes de identificar o ano da imagem mais antiga.

O 14º slide também segue o mesmo formato dos dois slides anteriores, e mostra a construção de um condomínio e questionamento acerca da infraestrutura do local.

3.4 Aplicação da Atividade

A atividade foi realizada no dia 03/10/24 na turma 603 e durou três tempos seguidos no auditório da escola (Figura 13). A apresentação da atividade se iniciou às 7:15 e terminou cerca de 10 minutos para o término da aula, ou seja, 9:30. Embora fosse uma atividade diferente das

aulas tradicionais, foi trabalhosa sua aplicação. Como de costume, houve muitos momentos de interrupção de raciocínio para pedir atenção para a explicação da atividade.

Figura 13 - Durante a aplicação do *StoryMap*



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Contudo, notou-se mais interação, envolvimento, debate e compartilhamento de ideias ao longo dos slides, onde em diversos momentos demonstraram empolgação ao verem Japeri por imagens de satélites, como também tentaram adivinhar certa localidade exposta no mapa, além de requisitarem que mostrassem suas casas.

Ainda estamos acostumados com o ensino centralizado na passagem de informações do professor para os estudantes, diferentemente de aulas como esta aqui analisada, onde deve haver protagonismo destes na construção de seus conhecimentos.

Os alunos não entendiam os mapas do *StoryMap*, mas se empolgavam ao ler os bairros que apareciam neles, notou-se que realmente gostaram das imagens de satélites do *Google Maps*. O *StoryMap* de fato propiciou mais momentos de participação, de interrupção para comentários, para contarem fatos ocorridos com eles ou parentes, além de fazerem mais associações com outros assuntos, ou seja, houve bem mais trocas do que nas aulas usuais de quadro, livro e explanação. Ao fim da apresentação foi aplicado um novo questionário acerca do conteúdo e ferramenta digital.

Em seguida será exposto o desenrolar da atividade, com a amostra dos slides do *StoryMap* e o devido retorno que os alunos deram ao serem apresentados os conteúdos.

3.4.1 - Relatos sobre o retorno de cada slide

Os alunos ficaram eufóricos quando foram requisitados para se dirigirem ao auditório, pois acharam que seria exibido algum filme, contudo ao serem avisados que seria aula normal alguns ficaram desapontados, mas prontamente entenderam. Foi dito também que a aula havia sido planejada devido às falas depreciativas acerca de Japeri, além de ser necessário conhecerem mais o município que residem.

Sobre o 1º slide (Figura 14), gostaram de ver um breve vídeo sobre a história de Japeri, observar e comentar sobre certa rua que aparecia. Ninguém sabia da história, da emancipação e da padroeira, e a maioria desconhecia a igreja talvez pelo fato de ficar em Japeri e não em Engenheiro Pedreira. Sobre o trem, todos conheciam muito bem, afinal faz parte da vida deles cotidianamente.

Figura 14 - Slide introdutório da atividade



Fonte - Autor (Outubro/2024)

No que tange ao 2º slide (Figura 15), não suspeitaram que era o Pico da Coragem no logo e gostaram de saber da origem do nome do município.

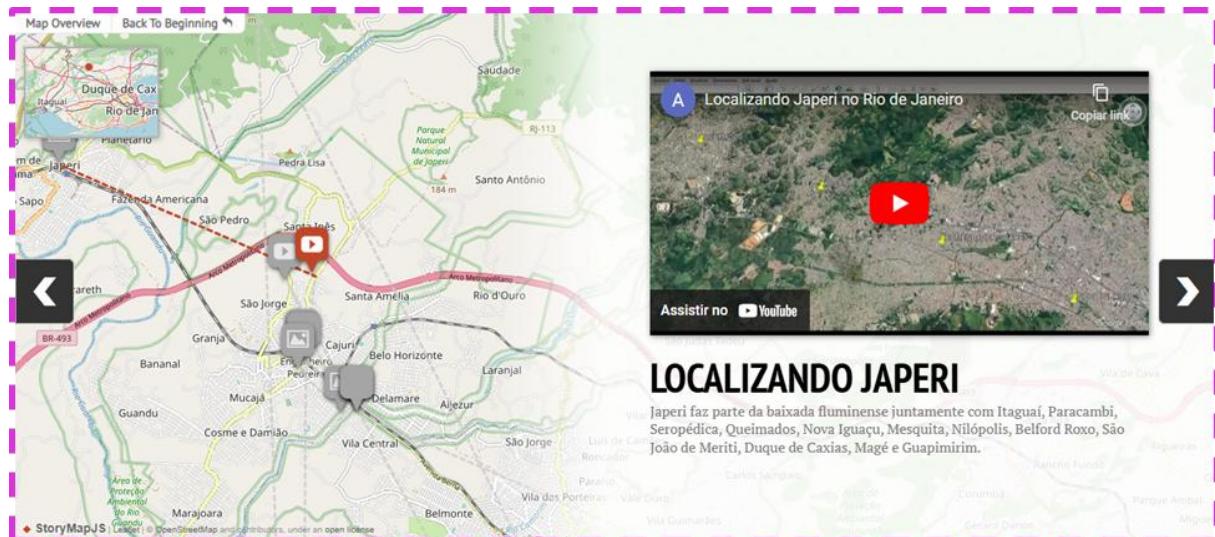
Figura 15 - Slide explica o nome do município



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Acerca do 3º slide (Figura 16), não sabiam o que o termo Baixada Fluminense significava e muitos ficaram empolgados dizendo os lugares que já tinham visitado ou possuíam famílias. Ao verem a mancha urbana, o “cinza”, não sabiam que tratavam das cidades. Ademais, acharam interessante ver vários municípios e o quanto distante é da Central do Brasil, e expressaram que era por isso que os pais saíam tão cedo de casa e voltavam tarde.

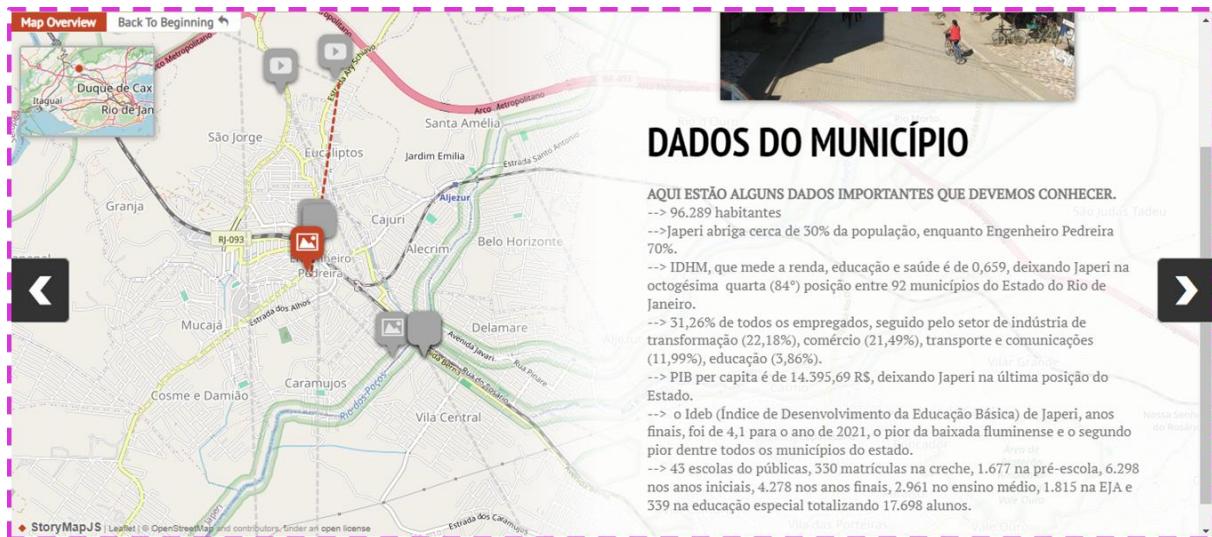
Figura 16 - Slide expõe Japeri em relação aos demais municípios



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Sobre o 4º slide (Figura 17), gritaram de empolgação ao saberem o local da foto, e ao longo explicação sobre os péssimos índices de renda e educação alguns começaram a se chamar em tom de brincadeira de “pobres”. Após, o Ideb foi mostrado e foi novamente comunicado, para se conscientizarem, sobre a grande dificuldade que muitos possuem em ler e escrever e que portanto, o índice do Ideb estava fazendo sentido. Dessa forma, explicou-se a importância dos estudos para tentar garantir um bom emprego e salário no futuro. Notou-se que esse instante foi o momento mais sério da aula.

Figura 17 - Slide demonstra um panorama econômico e social de Japeri



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Com respeito ao 5º slide (Figura 18), o tema trabalhado foi conurbação. Tendo em vista a proximidade da escola em relação à Queimados, alguns alunos realmente sabiam que ao atravessar o “valão” já era Queimados, mas a maioria não. Após a explicação do conceito, abriu-se o *Google Maps* para demonstrar os limites de Japeri e mostrar como outros tantos municípios já estavam conectados o que tornava impossível saber onde cada um começava ou terminava, ademais explicou-se como que o trem podem ser fator importante ao facilitar a integração e continuidade entre duas áreas. Além disso, pôde-se usar o próprio município em si para explicar o conceito, tendo em vista a distância entre Japeri e Engenheiro Pedreira. Nesse momento, eles puderam perceber quão distantes estavam e comentaram que realmente ir para a estação de Japeri demorava bastante. Ao final, foram interpelados se já usaram alguma infraestrutura de outro município e responderam hospitais, comércio e escolas.

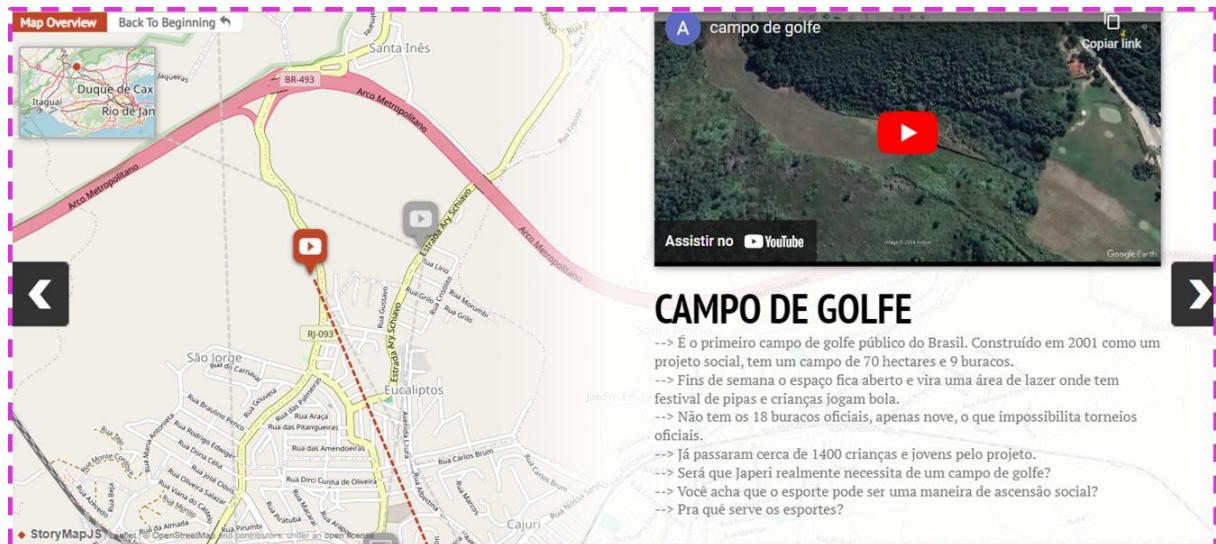
Figura 18 - Slide traz o tema conurbação



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Acerca do 6º slide (Figura 19), trata-se do campo de golfe. A ideia era explicar como surgiu, seu caráter público e o ótimo projeto social que contém. Além disso, foram discutidas as funções que o campo tem, tendo em vista que a maioria absoluta nunca o utilizou para jogar golfe. Essa atividade foi pensada devido ao conceito de espaço geográfico previamente trabalhado em sala, que trata das funções, dos usos e propósitos específicos dos espaços criados e modificados pelo homem.

Figura 19 - Slide aborda o campo de golfe



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Em seguida foram questionados se Japeri precisava mesmo de um campo de golfe, tendo em vista a grande carência de serviços na região, onde metade respondeu de forma positiva, enquanto a outra metade manifestou discordância. Sobre a relevância de projetos sociais e o esporte permitirem ascensão social, muitos não sabiam emitir uma opinião e outros contaram histórias de familiares. Quanto à relevância do esporte, pôde-se debater o sedentarismo e a importância de exercitar o corpo, além de discutir o impacto do uso desenfreado de celular que têm reduzido as brincadeiras nas ruas.

Além disso, foi mostrado um vídeo da localização do golfe e um reduzido número de alunos desconhecia, mesmo estando a menos de 10 minutos de carro da escola.

No que diz respeito ao 7º slide (Figura 20), tratou-se do elitismo do golfe e ficaram chocados com os valores cobrados nos clubes, ademais se buscou discutir justamente o quanto incomum é um campo criado para esportes das elites ser localizado em um dos municípios mais pobres do Rio de Janeiro. Dessa forma, foi possível abordar a produção do espaço urbano, os interesses e os agentes.

Figura 20 - Slide traz os valores para se jogar golfe

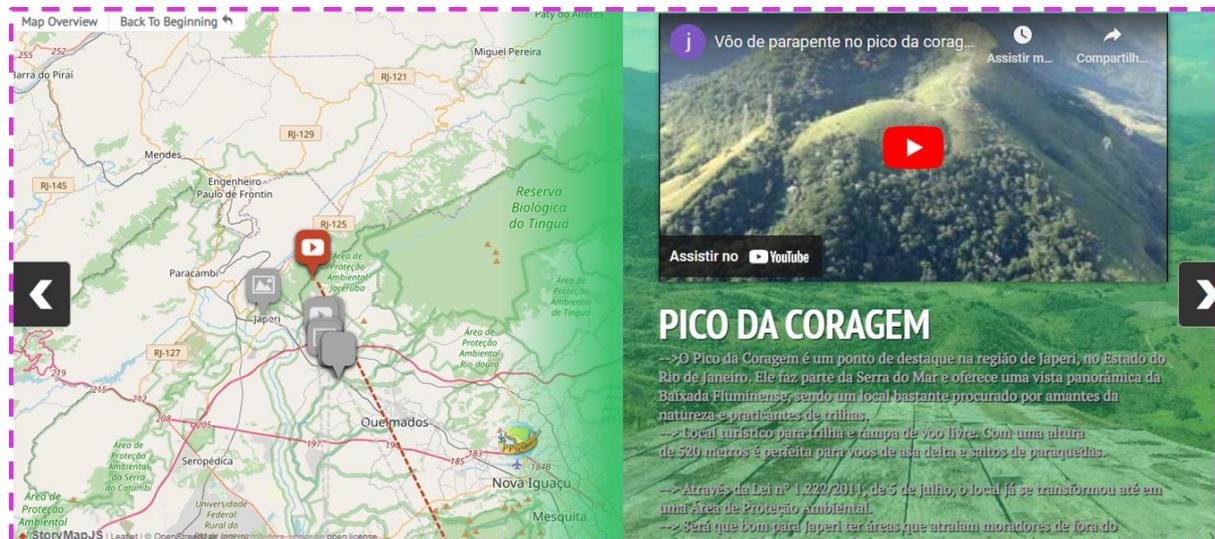


Fonte - Autor (Outubro/2024)

No que tange ao 8º slide (Figura 21), o assunto era o Pico da Coragem, explicar seu caráter turístico, de mata e de lazer. O propósito era “alfinetar” os alunos pelo fato da maioria nunca ter ido ou até desconhecer o ponto mais famoso de Japeri, e discutir como o Pico oferece lazer em forma de trilha, contato com a natureza, cachoeira e voo de asa delta e parapente. Nesse momento muitos disseram que parentes ou amigos já foram e começaram a perguntar se podia dormir no topo, fazer piquenique e se cair lá de cima morria.

Foi indagado qual era a importância do turismo, mas não souberam explicar. Os alunos ficaram encantados com o vídeo do voo de parapente devido a altura e foi mostrado também no *Google Maps* a sua localização, onde muitos não sabiam. Foi aberto um site que mostrava fotos da subida e da cachoeira e eles se interessaram bastante.

Figura 21 - Slide expõe o principal atrativo da cidade



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Com respeito ao 9º slide (Figura 22), exibiu-se um vídeo produzido no *Google Earth Pro* do caminho da trilha com a opção do relevo ativado, e muitos argumentaram que deveria ser cansativo, porém relataram que mães e tias já foram então foram retrucados de que eles também conseguiriam e que deveriam logo combinar de ir com parentes e/ou amigos.

Figura 22 - Slide mostra o caminho da trilha



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Quanto ao 10º slide (Figura 23), decidiu-se falar do rio Guandu, tendo em vista que conhecem bastante, além disso no 3º bimestre o assunto água foi trabalhado. A proposta era ensinar algumas características desse rio, como por exemplo, seu trajeto que passa por Japeri até a estação de tratamento. Além disso, informar sobre seu principal uso, que é o abastecimento para milhões de pessoas, fora sua poluição exacerbada. Mostrar a ETA Guandu teve o propósito de revisitado o tema abordado em sala sobre o uso das águas pelos setores da economia e explicar de onde vem a água que chega em nossas residências. Nesse momento, comentaram bastante que era poluído e que devia ter de tudo jogado nele, ademais os alunos fizeram uma fisionomia de aversão ao saberem que a água que usam vem de um rio extremamente poluído.

Figura 23 - Slide discute a água



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Foi pontuado o tema geosmina, que assolou o Rio de Janeiro recentemente, mas infelizmente ninguém se recordava do aspecto que a água chegava em algumas residências. Foi também mostrado um vídeo produzido no *Google Earth Pro* com o percurso do rio Guandu até a estação de tratamento ETA Guandu localizada em Nova Iguaçu.

No que diz respeito ao 11º slide (Figura 24), tratou-se da praça Olavo Bilac, a mais conhecida da região por abrigar diversas atividades culturais, escolares e do governo como por exemplo o desfile cívico. O intuito era trabalhar os agentes que atuam nela e ao seu redor.

Optou-se em utilizar essa praça por ser bem conhecida por todos os alunos dessa maneira, buscou-se discutir novamente os agentes produtores do espaço urbano.

Ao verem a foto da praça imediatamente expressaram que conheciam, começaram a falar do que faziam nela, como compras e lazer. Os alunos acharam interessante saber como uma praça possa ser utilizada e significada de muitas maneiras a depender de quem a utiliza.

Figura 24 - Slide debate os agentes produtores do espaço urbano



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Quanto ao 12º, 13º e 14º slides, utilizou-se o recurso *juxtapose* com a finalidade de discutir as mudanças na paisagem, tendo em vista o prévio aprendizado sobre o conceito paisagem e suas modificações. Os discentes gostaram bastante desta ferramenta ao repararem tantas transformações.

No 12º, (Figura 25), a Praça Olavo Bilac foi usada e notaram bem as reformas. Além disso, eles mesmos notaram que, próximo a ela, algumas árvores foram cortadas para darem lugar a residências.

Figura 25 - Slide mostra a mudança na paisagem da praça



Fonte - Autor (Outubro/2024)

No 13º, (Figura 26), foram utilizadas imagens próximas à escola, tendo em vista a grande aparição de residências na região, deixando muitos surpresos com o fato da tamanha expansão habitacional.

Figura 26 - Slide mostra a mudança na paisagem próximo à escola



Fonte - Autor (Outubro/2024)

No último slide (Figura 27), foram usadas imagens de um enorme empreendimento imobiliário que foi a construção de um condomínio. Alguns alunos reconheceram o local e outros já o visitaram. Com o notório aumento de moradores na região, foram interpelados se infraestruturas também chegaram ao local como mais ônibus, comércio e serviços, e a grande maioria disse que não achava.

Figura 27 - Slide mostra local com uma mudança drástica na paisagem



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Ao fim dos slides, foram indagados se tinham gostado e a resposta foi majoritariamente positiva. Em seguida, foram instruídos sobre o fácil manuseio do *Google Maps* e a possibilidade de visitarem qualquer lugar do mundo e ficaram extremamente empolgados. Com isso, pediram para ir à Coreia do Sul (aluna fã de Dorama), Itatiba - SP (local de nascimento de um dos alunos), Israel, Paris, Disney entre outros.

3.5 Avaliação Do Questionário Pós *StoryMap*

Imediatamente após a aula foi entregue um novo questionário sobre a ferramenta *StoryMap* e os conteúdos apresentados com o intuito de averiguar quais foram suas percepções no geral e se associaram bem ao que lhes foi apresentado.

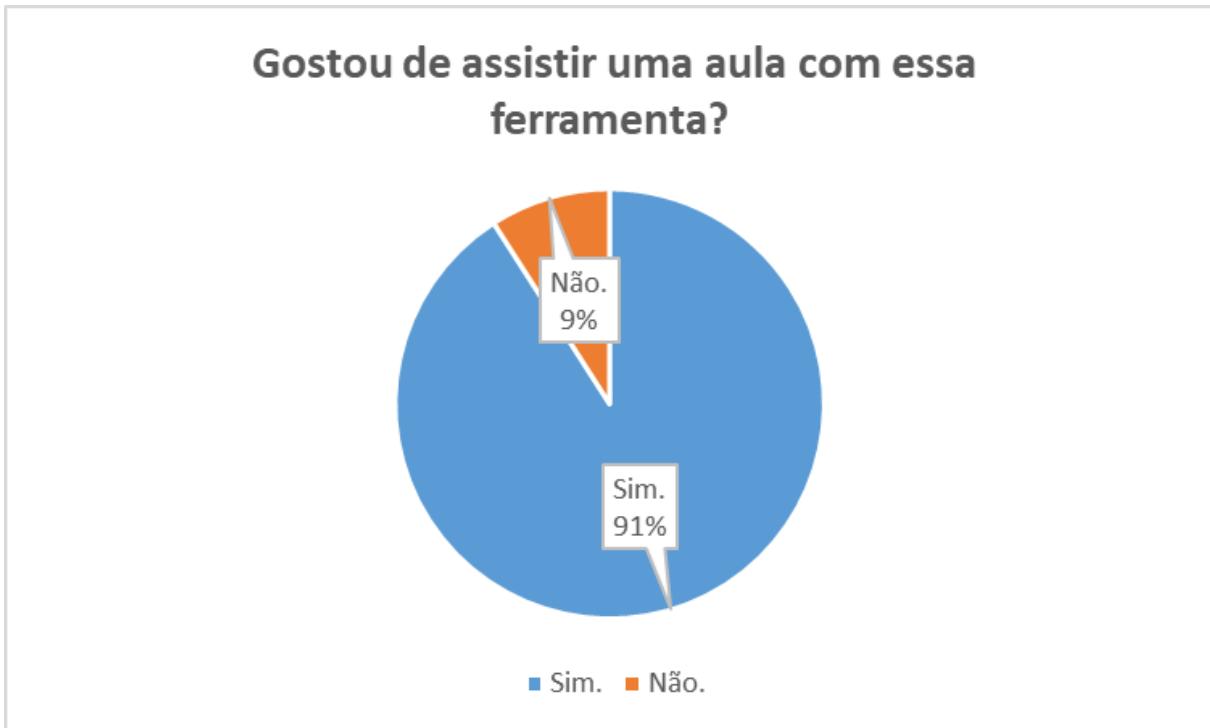
Houve a preocupação de aplicar o questionário imediatamente após a aula, pois poderiam esquecer diversos detalhes importantes, já que as aulas ocorrem apenas uma vez por semana.

Optou-se por questões de múltipla escolha por dois motivos: primeiro, para garantir mais agilidade, tendo em vista o quantitativo de alunos; segundo, pelo receio de não conseguirem se expressar significativamente por meio de suas respostas.

Foi dito que não havia certo ou errado e que o questionário buscava saber apenas a opinião de cada aluno, e se identificar não era necessário. Dessa forma, foi entregue o questionário e cada pergunta e suas respectivas alternativas foram lidas em voz alta, seguindo um ritmo de uma questão por vez.

A primeira pergunta era: *Gostou de assistir uma aula com essa ferramenta (StoryMap)?* As alternativas eram “sim” ou “não”, onde cerca de 90% dos alunos disseram ter gostado (Figura 28). Dessa forma, pode-se supor que tenham gostado devido ao seu caráter interativo e visual, além de seu conteúdo familiar aos estudantes. Em relação aos poucos que não gostaram, pode-se admitir que a ferramenta não os chamou atenção e/ou não se interessaram pelo conteúdo, dado que se referia ao local de vivência.

Figura 28 - Pergunta de número 1



Fonte - Autor (Outubro/2024)

A segunda pergunta era: *Qual tipo de aula você mais gosta?*, onde as alternativas eram: aulas com o uso de tecnologia, como *StoryMap* e outras ferramentas digitais; aulas que envolvem discussões em grupo e participação ativa dos alunos; aulas tradicionais com quadro e explicação do professor, onde é preciso copiar e finalmente aulas ao ar livre ou em outros ambientes fora da sala de aula.

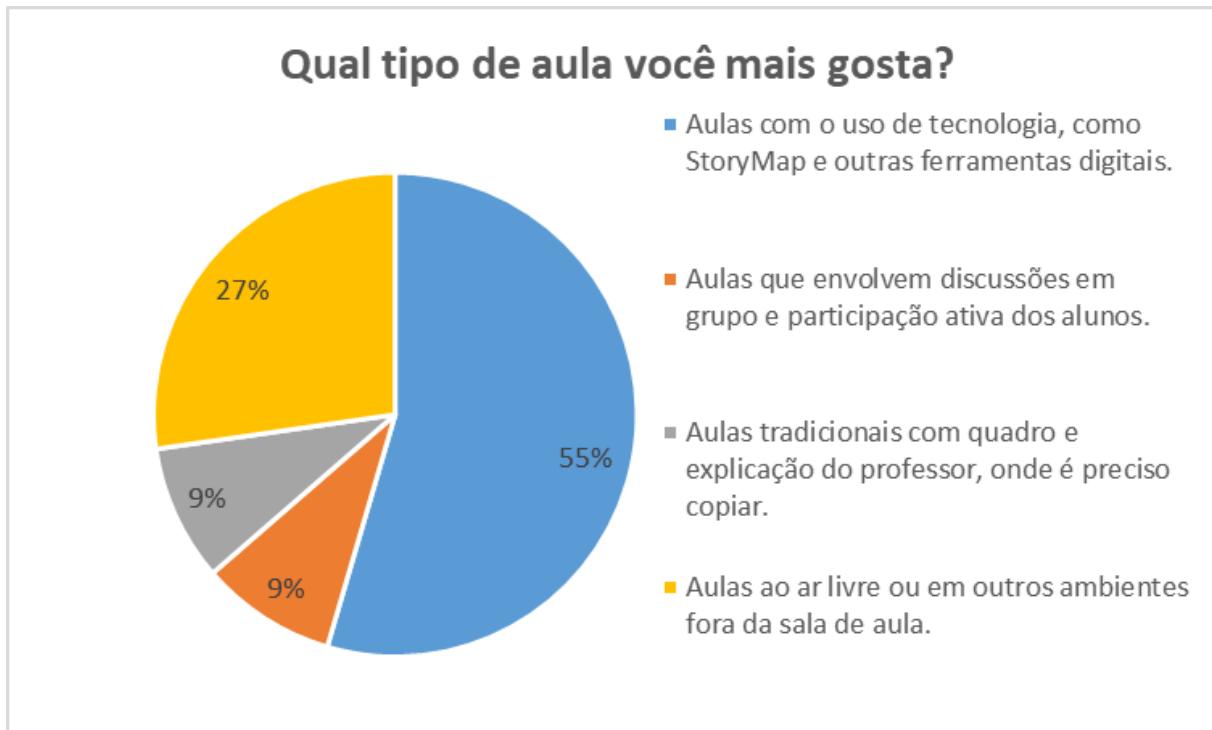
Como resultado, constatou-se que 55% dos alunos, ampla maioria, gostava mais desse tipo de aula que usa ferramentas digitais (Figura 29). Portanto, presume-se que aumenta o engajamento por ser mais visual, interativo e próximo aos alunos. Outro motivo pode ser o caráter digital, tendo em vista que essa geração de estudantes são acostumados e dependentes de telas.

Outros 27% disseram que preferem aulas ao ar livre, onde a hipótese é que pensaram nas aulas de educação física, tendo em vista que os professores das outras disciplinas raramente realizam atividades fora da sala de aula. Pode-se pensar também no cansaço com o ambiente tradicional de sala de aula e o interesse por dinâmicas diferentes. Esse dado mostra que

atividades externas, como visitas a locais importantes de Japeri (por exemplo, o Rio Guandu ou o Pico da Coragem), podem ser estratégias eficazes para melhorar o engajamento.

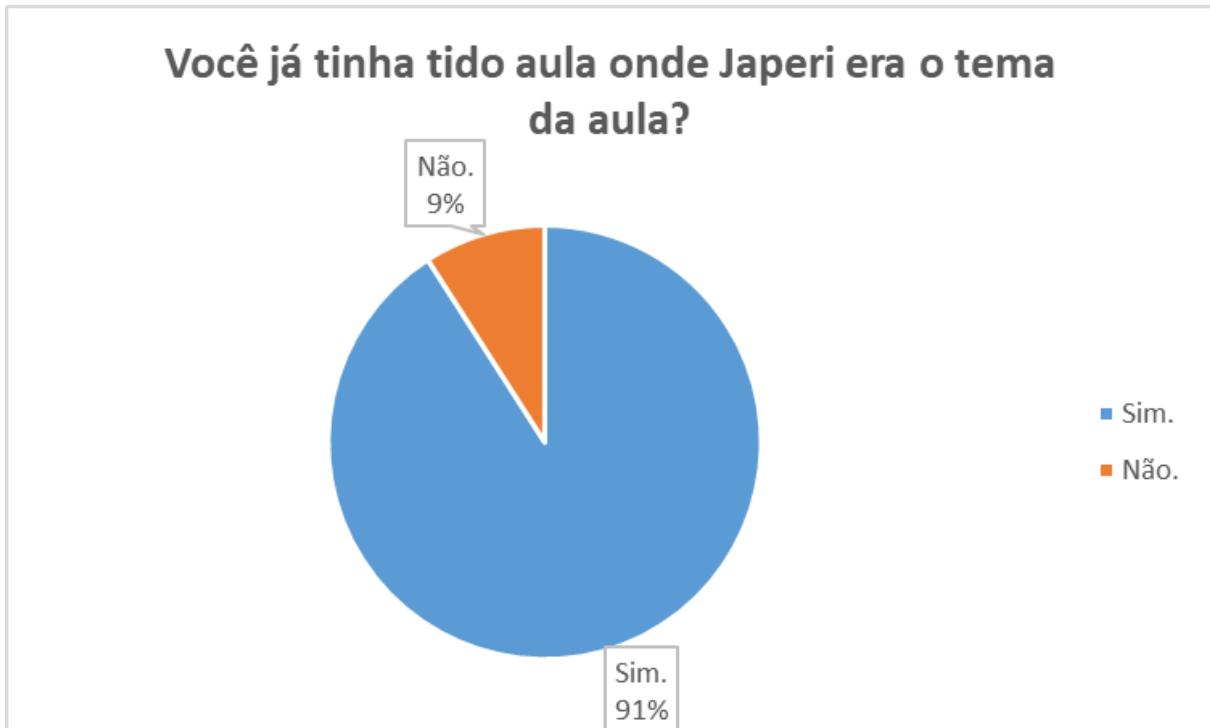
O baixo interesse por discussões em grupo, 9%, pode ter diversas interpretações como falta de prática/medo de debate e/ou timidez. A baixa escolha por aulas tradicionais com quadro e explicação, apenas 9%, pode refletir a desmotivação por esse método mais cotidiano e passivo.

Figura 29 - Pergunta de número 2



Fonte - Autor (Outubro/2024)

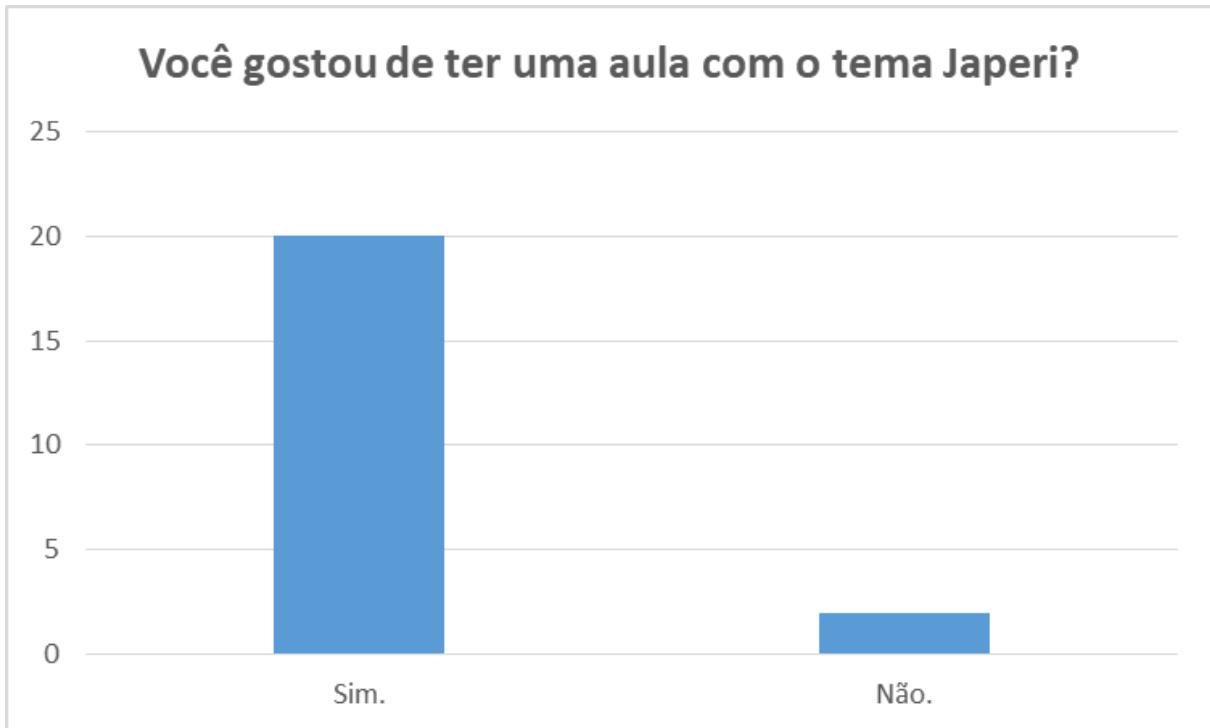
A terceira pergunta foi: *Você já tinha tido aula onde Japeri era o tema da aula?* As alternativas eram somente “sim” ou “não”, e a esmagadora maioria respondeu que sim (Figura 30). Esse resultado é coerente, tendo em vista que o planejamento anual geralmente inclui Japeri.

Figura 30 - Pergunta de número 3

Fonte - Autor (Outubro/2024)

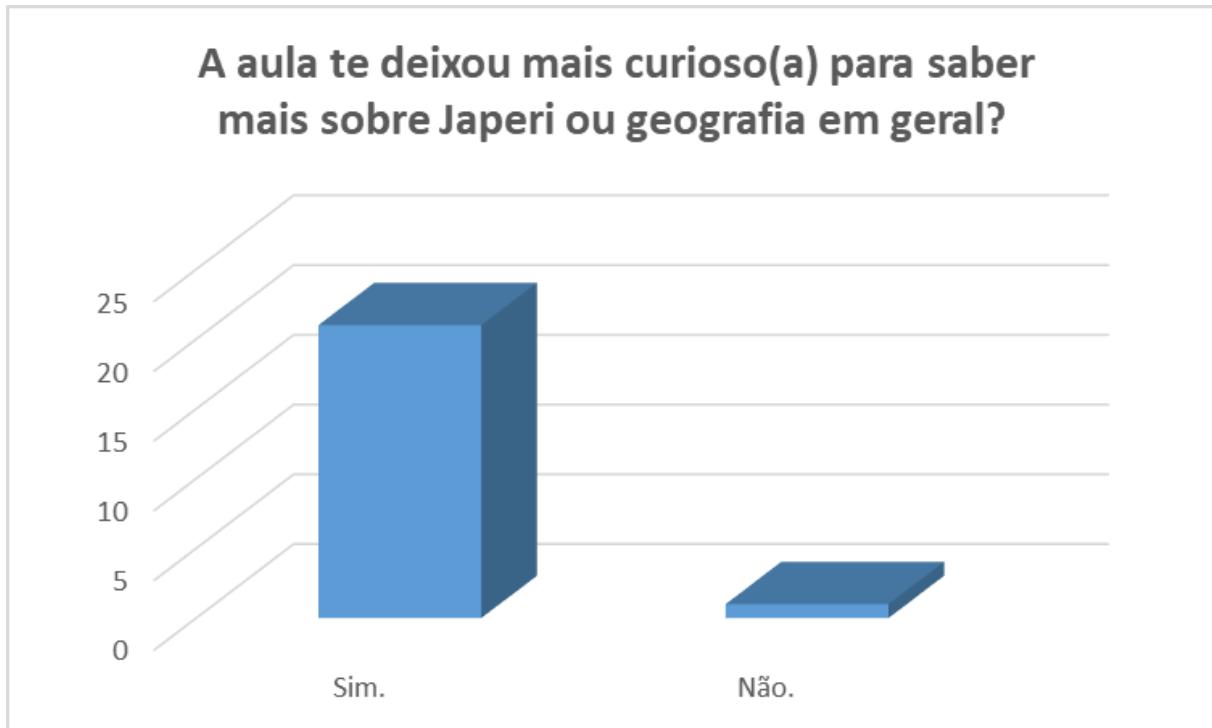
A quarta pergunta foi: *Você gostou de ter uma aula com o tema Japeri?* e as alternativas novamente eram somente “sim” ou “não”, onde a vasta maioria respondeu positivamente (Figura 31). Isso demonstra que se sentiram envolvidos pela temática local, que tiveram uma identificação, e que o conteúdo era próximo, logo nota-se o valor do uso do cotidiano em sala e abre brecha para conexões com temas globais. Por fim, esse *feedback* reforça a importância de ouvir os alunos como um ponto de partida para o planejamento de outras aulas, assim alinhando eficazmente o conteúdo às suas realidades.

Figura 31 - Pergunta de número 4



Fonte - Autor (Outubro/2024)

A quinta pergunta era: *A aula te deixou mais curioso(a) para saber mais sobre Japeri ou geografia em geral?* e mais uma vez as alternativas dadas eram “sim” ou “não”. O resultado (Figura 32) demonstrou que a maioria gostou e deixou uma importante reflexão sobre a importância de se trabalhar com os espaços vividos dos alunos na educação básica. O conceito de lugar proposto por Tuan (1983) destaca a dimensão subjetiva e simbólica dos espaços vividos pelos humanos, espaços estes carregados de significados, memórias e experiências pessoais. Portanto, pode-se concluir que esse número alto de respostas positivas indica que os alunos reconhecem e valorizam Japeri como um lugar significativo em suas vidas, onde a atividade conectou conteúdos geográficos às suas vidas, transformando o espaço abstrato de Japeri em um lugar carregado de sentido.

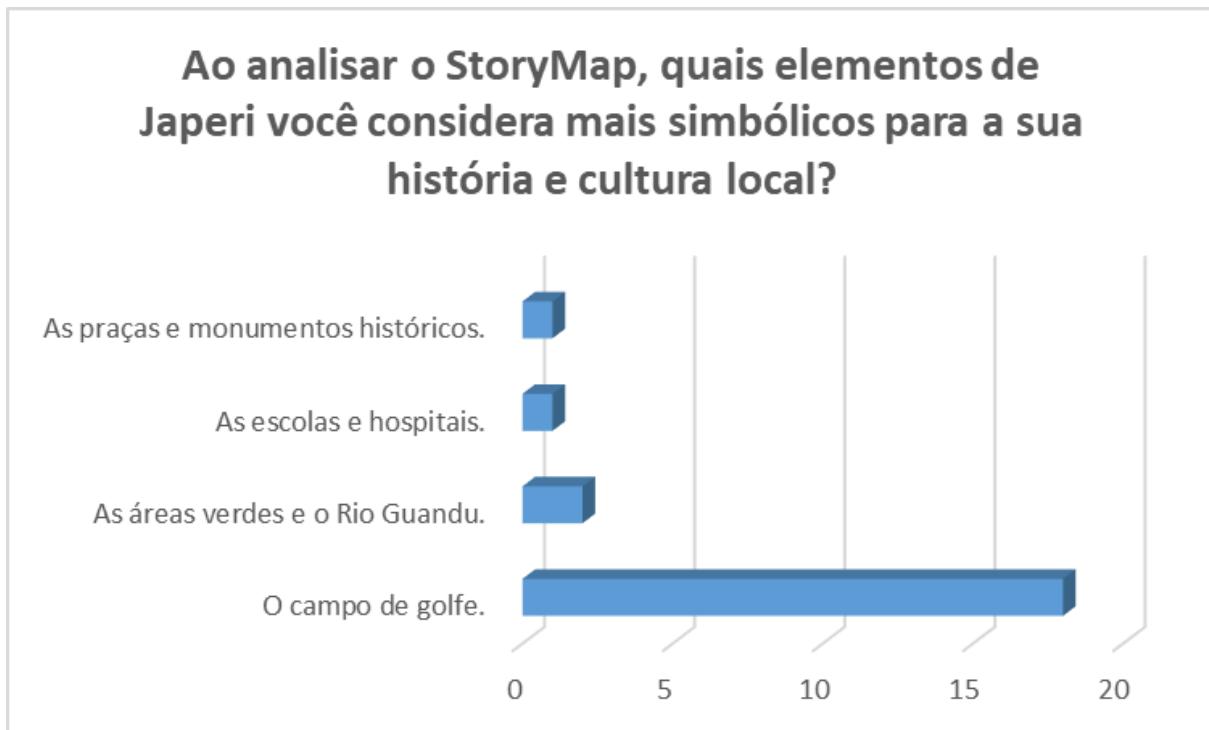
Figura 32 - Pergunta de número 5

Fonte - Autor (Outubro/2024)

A sexta pergunta foi: *Ao analisar o StoryMap, quais elementos de Japeri você considera mais simbólicos para a sua história e cultura local?* As alternativas apresentadas foram: O campo de golfe; as áreas verdes e o Rio Guandu; as escolas e hospitais; e as praças e monumentos históricos.

A maioria dos alunos respondeu o campo de golfe como a opção mais simbólica (Figura 33). No entanto, essa escolha pode estar atrelada ao fato que, no questionário anterior, muitos relataram já ter visitado o local, o que pode ter influenciado suas percepções.

Figura 33 - Pergunta de número 6



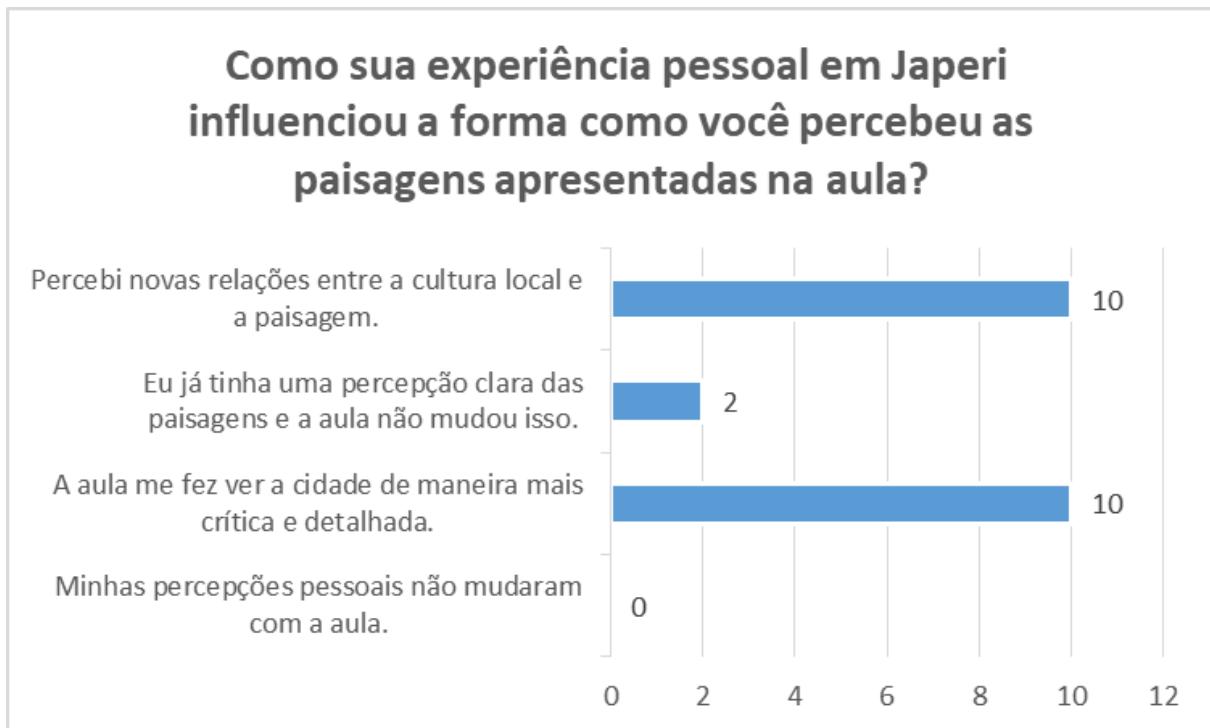
Fonte - Autor (Outubro/2024)

A sétima pergunta era: *Como sua experiência pessoal em Japeri influenciou a forma como você percebeu as paisagens apresentadas na aula?* E as alternativas disponíveis foram: minhas percepções pessoais não mudaram com a aula; a aula me fez ver a cidade de maneira mais crítica e detalhada; eu já tinha uma percepção clara das paisagens e a aula não mudou isso; e percebi novas relações entre a cultura local e a paisagem.

A opção *minhas percepções pessoais não mudaram com a aula* não obteve nenhuma sinalização o que mostra a eficácia da atividade desenvolvida e o êxito da proposta desta dissertação, tendo em vista o aspiração do autor de que os alunos tenham uma maior conexão com a região onde vivem (Figura 34).

As opções *a aula me fez ver a cidade de maneira mais crítica e detalhada* e *percebi novas relações entre a cultura local e a paisagem* obtiveram 10 sinalizações cada provando mais uma vez a eficácia da atividade em influenciar e alterar as percepções dos alunos.

Figura 34 - Pergunta de número 7

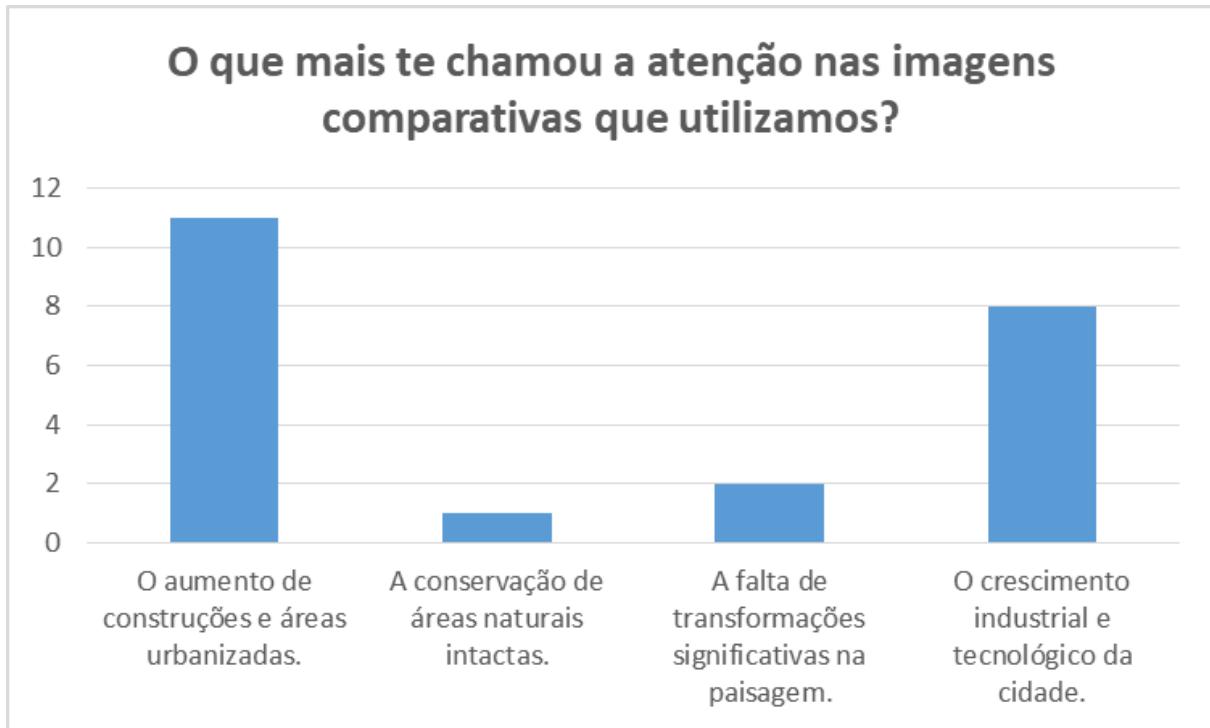


Fonte - Autor (Outubro/2024)

A oitava pergunta foi: *O que mais te chamou a atenção nas imagens comparativas que utilizamos?*, cujas opções eram: o aumento de construções e áreas urbanizadas; a conservação de áreas naturais intactas; a falta de transformações significativas na paisagem; e o crescimento industrial e tecnológico da cidade.

Conforme indicado no gráfico (Figura 35), as duas alternativas mais marcadas foram *o aumento de construções e áreas urbanizadas* e *o crescimento industrial e tecnológico da cidade*. Essa escolha é coerente, já que, nas imagens dos slides 13 e 14, o aumento das construções era o destaque principal, aspecto amplamente notado pelos alunos.

Figura 35 - Pergunta de número 8



Fonte - Autor (Outubro/2024)

A nona pergunta foi: Como você percebe a cultura local de Japeri refletida nas paisagens que analisamos no *StoryMap*? As alternativas apresentadas eram: a cultura é visível apenas em edifícios históricos e monumentos; a cultura está presente em vários elementos, como construções, infraestruturas e áreas de lazer; a cultura não parece influenciar as paisagens de Japeri; e não consigo identificar a cultura na paisagem.

A ampla maioria sinalizou (Figura 36) *a cultura está presente em vários elementos, como construções, infraestruturas e áreas de lazer*. Isso evidencia que compreenderam como as intervenções humanas transformam a paisagem para atender a diferentes finalidades.

Figura 36 - Pergunta de número 9



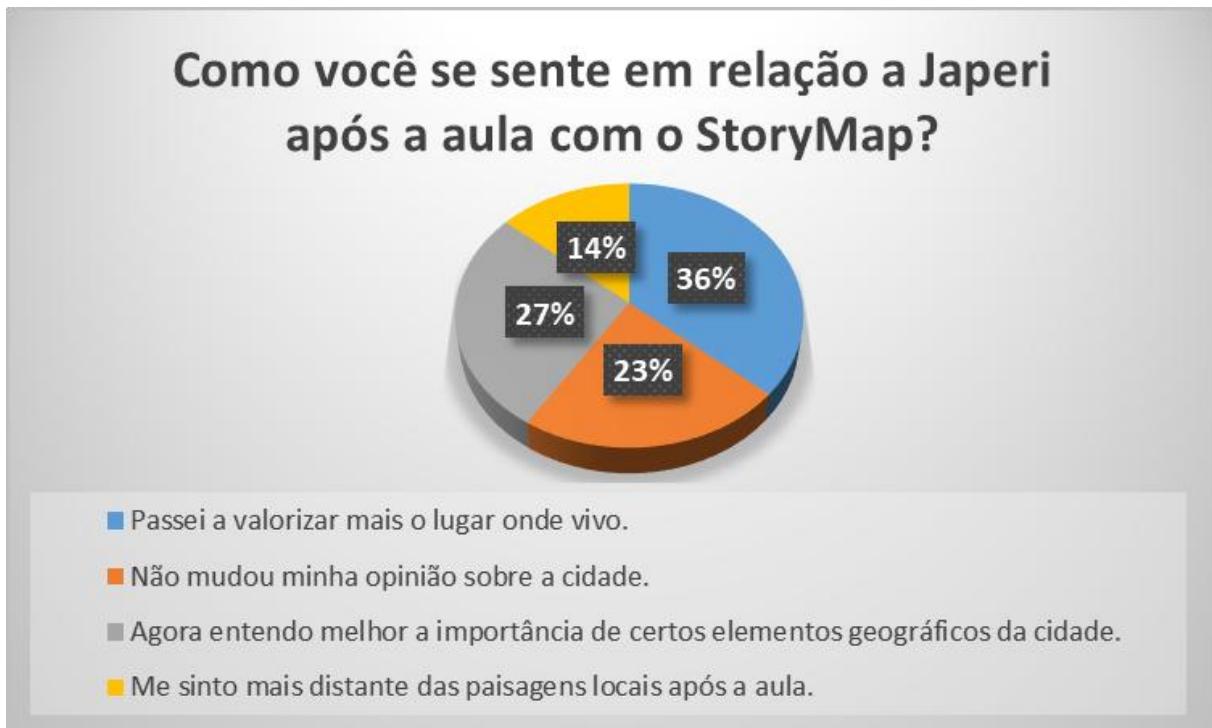
Fonte - Autor (Outubro/2024)

A décima pergunta foi: *Como você se sente em relação a Japeri após a aula com o StoryMap?* E as alternativas eram: passei a valorizar mais o lugar onde vivo; não mudou minha opinião sobre a cidade; agora entendo melhor a importância de certos elementos geográficos da cidade; e me sinto mais distante das paisagens locais após a aula.

Como mostra o gráfico (Figura 37) a maioria desenvolveu uma percepção positiva sobre Japeri, isso sugere que a aula conseguiu despertar um sentimento de pertencimento e orgulho local, provavelmente por apresentar a cidade de maneira mais interativa e contextualizada.

Em seguida, o fato de 27% afirmarem que compreenderam melhor certos elementos geográficos da cidade demonstra que a atividade cumpriu seu papel, já que apresentar aspectos naturais, culturais e infraestruturais de Japeri por meio do *StoryMap* contribuiu para ampliar o conhecimento dos estudantes sobre a geografia local.

Figura 37 - Pergunta de número 10



Fonte - Autor (Outubro/2024)

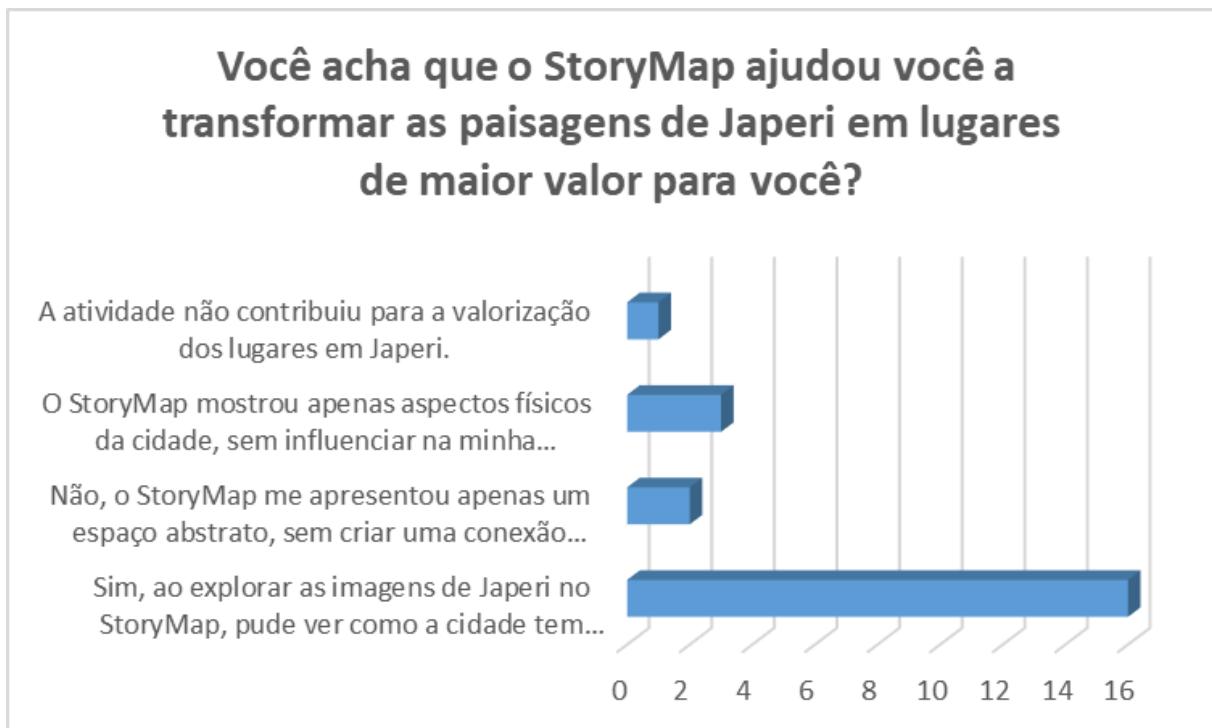
Quase um quarto dos alunos afirmou que a aula não alterou sua visão sobre Japeri, logo se pode suspeitar que alguns estudantes não se sentiram engajados pela atividade, ou talvez o conteúdo apresentado não tenha sido significativo para provocar reflexões mais profundas.

Por fim, a opção menos sinalizada diz respeito ao distanciamento das paisagens locais, o que pode sugerir desconexão aos elementos apresentados ou que as expectativas em relação à cidade não foram correspondidas. De modo geral, os resultados apontaram que a atividade teve um impacto positivo nos alunos.

A décima primeira pergunta foi: *Você acha que o StoryMap ajudou você a transformar as paisagens de Japeri em lugares de maior valor para você?* As alternativas propostas foram: sim, ao explorar as imagens de Japeri no StoryMap, pude ver como a cidade tem significado para mim, com base nas minhas vivências; não, o StoryMap me apresentou apenas um espaço abstrato, sem criar uma conexão pessoal; o StoryMap mostrou apenas aspectos físicos da cidade, sem influenciar na minha percepção do valor dos lugares; e a atividade não contribuiu para a valorização dos lugares em Japeri.

A maioria afirmou (Figura 38) que o *StoryMap* ajudou a enxergar Japeri com maior valor, baseando-se em suas experiências e vivências pessoais. Esse dado sugere que a atividade foi eficaz e que trabalhar temas e paisagens locais foi acertada, o que reforça o potencial das metodologias ativas no ensino de Geografia.

Figura 38 - Pergunta de número 11



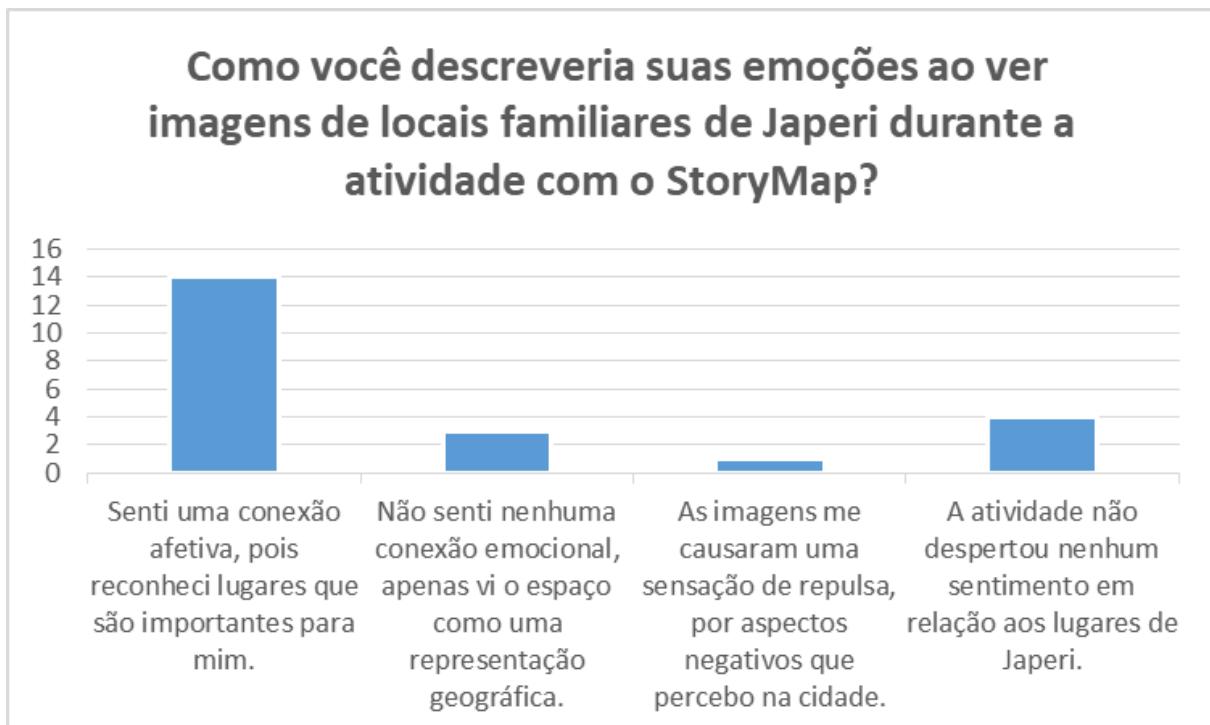
Fonte - Autor (Outubro/2024)

Apenas 5 alunos disseram que não ajudou, dessa forma pode-se supor que a atividade não gerou uma conexão pessoal com Japeri, a atividade foi apenas superficial, informativa e descriptiva, ou apenas houve desinteresse pessoal pelo tema.

A décima segunda pergunta foi: *Como você descreveria suas emoções ao ver imagens de locais familiares de Japeri durante a atividade com o StoryMap?* E as opções eram: senti uma conexão afetiva, pois reconheci lugares que são importantes para mim; não senti nenhuma conexão emocional, apenas vi o espaço como uma representação geográfica; as imagens me causaram uma sensação de repulsa, por aspectos negativos que percebo na cidade; e a atividade não despertou nenhum sentimento em relação aos lugares de Japeri.

A análise mostra (Figura 39) que 64% dos alunos sentiram uma ligação emocional positiva, portanto revela que a atividade os tocou fazendo perceberem a geografia para além da teoria. Pode-se assumir que o uso de temas próximos aos estudantes facilitou a conexão com o conteúdo e que se reconhecem nas paisagens.

Figura 39 - Pergunta de número 12



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Cerca de 36% sinalizaram de maneira negativa o que pode revelar nenhuma relação pessoal com os locais mostrados, falta de identificação com a cidade ou inclusive o simples desinteresse pela atividade.

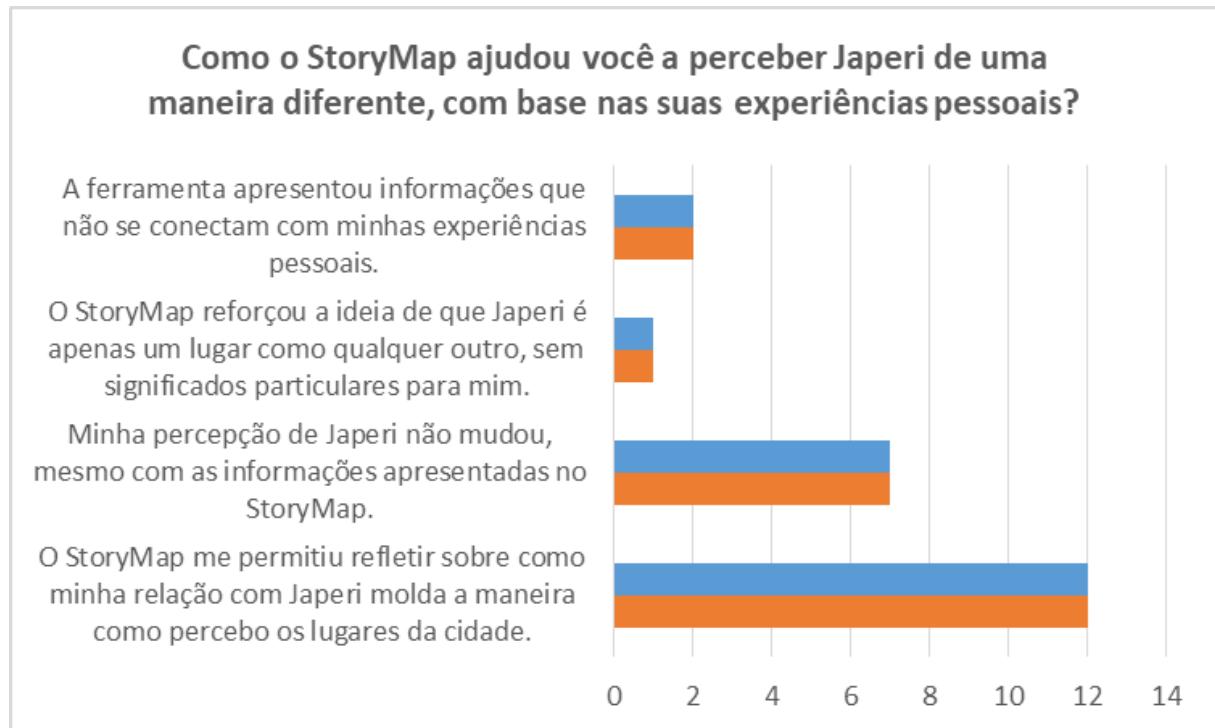
A décima terceira pergunta era: *Como o StoryMap ajudou você a perceber Japeri de uma maneira diferente, com base nas suas experiências pessoais?* As alternativas disponíveis eram: o StoryMap me permitiu refletir sobre como minha relação com Japeri molda a maneira como percebo os lugares da cidade; minha percepção de Japeri não mudou, mesmo com as informações apresentadas no StoryMap; o StoryMap reforçou a ideia de que Japeri é apenas um

lugar como qualquer outro, sem significados particulares para mim; e a ferramenta apresentou informações que não se conectam com minhas experiências pessoais.

A opção o *StoryMap* me permitiu refletir sobre como minha relação com Japeri molda a maneira como percebo os lugares da cidade foi escolhida por 57% dos estudantes (Figura 40) e pressupõe que a atividade ampliou seus entendimentos sobre Japeri, pois refletiram como suas vivências influenciam a forma como enxergam a cidade. Outros 33% disseram que suas percepções não mudaram, logo presume-se que as informações apresentadas não foram suficientes para quebrar suas perspectivas.

Já 15% dos alunos disseram que Japeri não se conecta com suas experiências pessoais ou é apenas um lugar como qualquer outro, dessa forma pode-se imaginar que Japeri é indiferente para eles e/ou os conteúdos apresentados não fazem parte de seus cotidianos.

Figura 40 - Pergunta de número 13



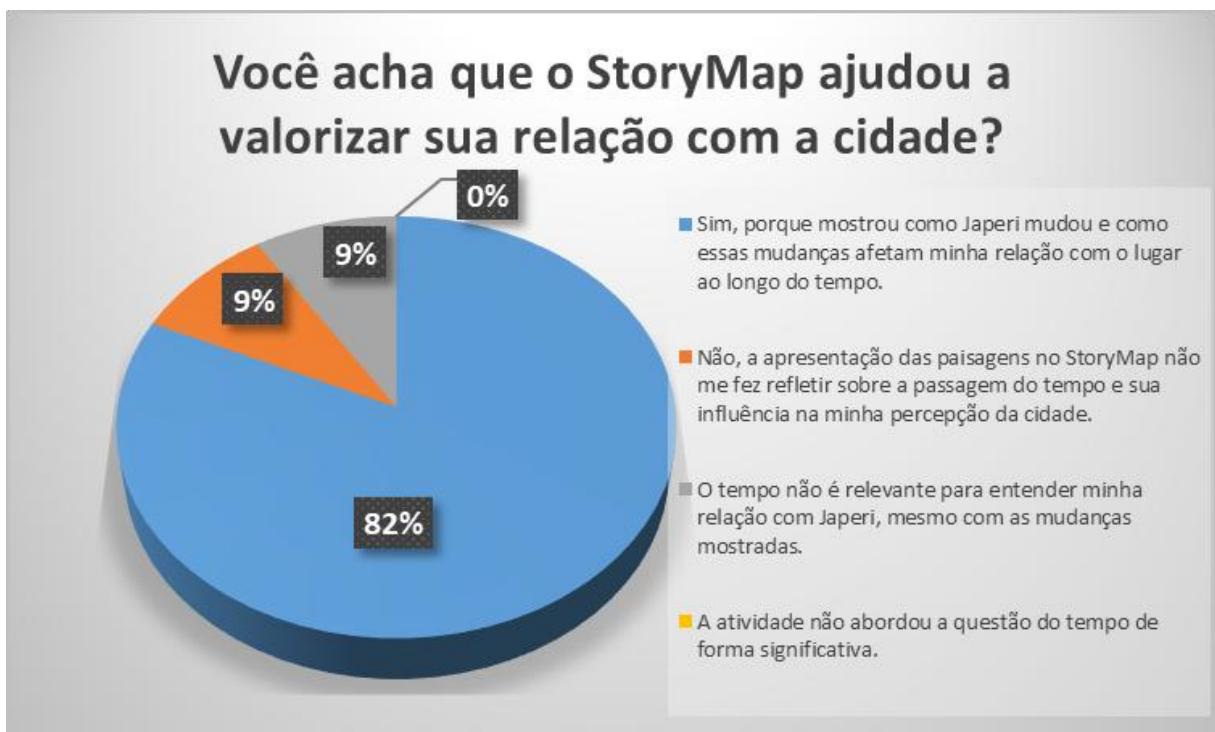
Fonte - Autor (Outubro/2024)

A décima quarta, e última, pergunta foi: *Você acha que o StoryMap ajudou a valorizar sua relação com a cidade?* E as opções eram: sim, porque mostrou como Japeri mudou e como

essas mudanças afetam minha relação com o lugar ao longo do tempo; não, a apresentação das paisagens no *StoryMap* não me fez refletir sobre a passagem do tempo e sua influência na minha percepção da cidade; o tempo não é relevante para entender minha relação com Japeri, mesmo com as mudanças mostradas; e a atividade não abordou a questão do tempo de forma significativa.

A grande maioria dos estudantes reconheceu a eficácia do *StoryMap* (Figura 41) ao mostrar como Japeri mudou e como essas transformações influenciam a percepção do município. Dessa maneira, nota-se o impacto positivo da ferramenta no entendimento da geografia local, valorização do espaço vivido e transformações na paisagem.

Figura 41 - Pergunta de número 14



Fonte - Autor (Outubro/2024)

Ao todo 18% disseram que o tempo não os fez refletir sobre sua influência e relevância, portanto pode-se presumir que estes alunos podem ter dificuldade em relacionar a passagem do tempo com as mudanças na paisagem e/ou também terem uma visão limitada sobre a influência de processos sociais no espaço geográfico. Nenhum aluno sinalizou a opção de que o tempo

não foi trabalhado na atividade, o que indica que perceberam a relação temporal nas transformações das paisagens.

Por ora, ao analisar todas as respostas do questionário, pode-se concluir que os estudantes gostaram bastante da aula com *StoryMap* e ferramentas digitais que vão na contramão das aulas tradicionais que recebem em maiores quantidades ao longo do ano. Ainda, pode-se notar que curtiram o tema da aula ser Japeri, pois retratou locais próximos à eles, que frequentam ou não, que conhecem ou não, dos seus bairros e atividades, o que despertou debates, reflexões e memórias de si ou de parentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o potencial paisagístico do município de Japeri-RJ para contribuir como subsídio ao ensino de Geografia para alunos do sexto ano da rede pública da rede municipal. A hipótese que norteou o estudo foi a de que alunos do sexto ano possuem uma visão negativa de Japeri devido à falta de conhecimento mais aprofundado sobre o lugar onde vivem, e que essa percepção poderia ser transformada por meio de uma abordagem didática que valorizasse as paisagens locais.

Ao longo da pesquisa, buscou-se entender a percepção ambiental dos alunos sobre Japeri, delimitar o potencial paisagístico do município e aplicar a ferramenta *StoryMap* como recurso didático para o ensino de Geografia. A análise dos questionários aplicados antes e pós *StoryMap* permitiu verificar que a maioria dos alunos possuía uma visão depreciativa de Japeri, associando o município a aspectos negativos como poluição, falta de infraestrutura e ausência de atrativos. No entanto, após a atividade, foi possível observar uma mudança significativa na percepção dos alunos, que passaram a valorizar mais o local onde vivem e a reconhecer elementos simbólicos e culturais presentes nas paisagens de Japeri.

A hipótese inicial foi confirmada: a falta de conhecimentos sobre as paisagens e histórias locais contribuía para a visão negativa dos alunos, e a abordagem didática proposta, baseada no uso do *StoryMap*, foi eficaz em transformar essa percepção. A atividade permitiu que os alunos reconhecessem a importância de elementos como o Pico da Coragem, o campo de golfe e o Rio Guandu, além de compreenderem as transformações espaciais e culturais que moldaram o município ao longo do tempo. Dessa forma, a pesquisa demonstrou que é possível utilizar as paisagens locais como recurso pedagógico para promover uma leitura crítica e afetiva do espaço geográfico.

Os autores trabalhados ao longo da pesquisa foram fundamentais para o alcance dos objetivos. Sauer (1925), com sua abordagem sobre a paisagem como um conceito central da Geografia, permitiu compreender como elementos naturais e culturais se integram para formar as paisagens. Berque (1984) contribui com a ideia de que a paisagem é uma construção mental influenciada por experiências e significados, o que foi essencial para analisar como os alunos percebem e atribuem valor ao local onde vivem. Já Tuan (1980), com o conceito de topofilia,

ajudou a entender como as experiências afetivas podem transformar a relação dos indivíduos com o espaço, confirmando que a atividade com o *StoryMap* foi capaz de fortalecer a conexão emocional dos alunos com Japeri.

Além disso, a metodologia de Pesquisa-ensino, proposta por Penteado (2010), mostrou-se adequada para a pesquisa, pois permitiu uma reflexão contínua sobre a prática docente e a transformação da práxis. A utilização do *StoryMap* como ferramenta didática foi um dos pontos altos da pesquisa, pois possibilitou uma abordagem interativa e visual, que engajou os alunos e facilitou a compreensão dos conceitos geográficos. A análise das respostas dos questionários pós-atividade demonstrou que a maioria apreciou a aula com o *StoryMap* e passou a valorizar mais o município, o que confirma a eficácia da proposta.

Em síntese, a pesquisa alcançou seus objetivos ao demonstrar que o potencial paisagístico de Japeri pode ser utilizado como subsídio ao ensino de Geografia, contribuindo para a valorização do espaço vivido pelos alunos. A hipótese foi confirmada, e os autores utilizados ao longo da pesquisa foram essenciais para embasar a análise e a interpretação dos resultados. A atividade com o *StoryMap* mostrou-se uma ferramenta eficaz para transformar a percepção dos alunos sobre Japeri, fortalecendo sua conexão afetiva com o lugar e promovendo uma leitura mais crítica e contextualizada das paisagens.

Por fim, esta pesquisa reforça a importância de se trabalhar com os espaços vividos dos alunos do ensino de Geografia, utilizando recursos didáticos inovadores e contextualizados. A valorização do local onde os alunos vivem não apenas facilita a compreensão dos conceitos geográficos, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com suas realidades locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCANTARA, D., OLIVEIRA, N. S. O., MAGALHAES, L. C., MENDONÇA, G. R. **Cenários de Desenvolvimento Urbano e Periurbano em Japeri, RJ: zona de sacrifício ou município insurgente?** In: Espaço e Economia, 2020.
- AMORIM, Mônica Alves. **A paisagem como instrumento de valorização de produtos de montanha: a experiência do café sombreado do maciço de Baturité, Ceará.** Tese–Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.
- ATAÍDE, Solange Maria Miranda Fernandes de. **O vídeo como linguagem (do) no ensino de geografia: uma proposta de estudo da paisagem na EE Professor José Fernandes Machado.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2023
- AZEVEDO, Nathália Figueiredo de. **As desigualdades territoriais no Extremo Oeste Metropolitano Fluminense: um estudo sobre o Município de Japeri (RJ).** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro, 2018.
- BARREIRA, Corina Anahí. **Interações entre forídeos parasitóides (Diptera: Phoridae) e Acromyrmex niger Smith (Hymenoptera: Formicidae) em uma paisagem fragmentada da Mata Atlântica, RJ.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.
- BASTOS, Amanda Queiroz. **Bionomia de Culicidae e investigação natural por Flavivirus em uma paisagem do bioma Mata Atlântica do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.** Tese–Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2021.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).** Brasília, DF, 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUENO, Camila de Cássia Silva. **Diversidade de aves em paisagem fragmentada de Mata Atlântica inserida em uma matriz urbana.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.
- BUENO, Míriam Aparecida. A Geografia escolar e a ideia de lugar no currículo a partir da elaboração de mapas mentais. In: Helena Copetti Callai. **Educação Geográfica: reflexão e prática.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.
- CARVALHO, José Luiz de. “Denis Cosgrove o desenvolvimento da perspectiva simbólica e iconográfica da paisagem”. **Geograficidade**, v.7, n.2, pp.87-97, 2017.
- CARVALHO, José Luiz de. **Terra à vista: a obra do viajante-artista John Henry Elliott e a formação da Província do Paraná no Segundo Reinado.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba, 2018.

CARVALHO, V. M. S. G; CRUZ, C. B. M e ROCHA, E. M. F. Sensoriamento Remoto no Ensino Fundamental e Médio. 4ª Jornada de Educação em Sensoriamento Remoto no Âmbito do Mercosul, São Leopoldo, 2004.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia escolar – e os conteúdos da Geografia. **Anekumene – Geografía, Cultura y Educación**, n. 1, p. 128-139, 2011.

CASA FLUMINENSE. Mapa da Desigualdade: Região metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade>>. Acesso em: 12 de Jul. 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2004.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (org.) **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: contexto, 2005.

CORRÊA, R.L. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 4, N.1, p. 37-46, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) 1998. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ. Série Geografia Cultural, nº2.

CORAZZA, R. e FILHO, W. P. O. O uso de imagens de satélite no ensino de Geografia com ênfase nas teorias dos níveis de desenvolvimento cognitivo e do construtivismo de Jean Piaget. **Geo UERJ**, Ano 10, v.2, n.18 – Rio de Janeiro, 2008.

COSGROVE, D. Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural** . 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 103.

COSGROVE, D. JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DE BRITO, Mariana Vieira. EM BUSCA DE NOVOS SENTIDOS PARA A PAISAGEM DA PEQUENA ÁFRICA: story map da arte urbana como prática pós-colonial de ensino da geografia. **Relações étnico-raciais e artes na educação básica: desafios e possibilidades**, p. 21. 1º edição. São Paulo: Paulinas, 2010.

DIAS, Márcia Cristina de Oliveira. **Parque Estadual da Pedra Branca: o visível e o invisível na paisagem de um território em disputa**. Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

FERNANDES, João Henrique de Oliveira. **O Quintal Como Espaço Educativo. Dissertação. Faculdade de Educação.** Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GARRIDO, Elsa. Desafios à pesquisa que o professor faz sobre sua prática. In: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor.** 1° edição. São Paulo: Paulinas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª ed. São Paulo: Atlas; 1999.

GODOI, Dayane Pricila Alves; DALLA NORA, Giseli. Representações espaciais da paisagem por meio da linguagem do desenho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 13, n. 23, p. 05-23, 2023.

GOLÇALVES, M. I. Uso do sensoriamento remoto na produção do conhecimento escolar como proposta para utilização das tecnologias espaciais na sala de aula. Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, 2005.

GUIMARÃES, Christopher Alves. **O Impacto Social Da Implementação Do Instituto Multidisciplinar Da UFRRJ Na Baixada Fluminense (2005-2017).** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2022.

INEA - Instituto Estadual do Ambiente. **Mapeamento de Uso do Solo e Cobertura Vegetal da RH II - Guandu - Atualizado: Ano 2021.**

JESUS, Carolina Souza Leite de. **Risco de incêndios associado a mudanças da paisagem e eventos climáticos na Mata Atlântica.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2022.

LAGO, Luciana. A "periferia" metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. In : **Cadernos IPPUR, Ano XXI, no. 2** Ago-Dez 2007. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2007.

LEÃO, Daniele Helena. **Produção do espaço urbano em Barra Mansa, RJ: um olhar sobre a paisagem.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2020.

LEITE, Cristina Maria Costa. O conceito lugar na perspectiva da Geografia Escolar. **Itinerarius Reflectionis**, v. 14, n. 2, p. 01-15, 2018.

LIMA, Tarlide Barbosa. **Atraso na resposta de palmeiras (Arecaceae) às alterações de uma paisagem de Mata Atlântica.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, Lívia. Percepção do meio ambiente e geografia: estudo humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JR, Eduardo; CAVALCANTE, Tiago V. (Orgs.) São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. A emersão da Região Logístico-Industrial do Extremo Oeste Metropolitano Fluminense: reflexões sobre o processo contemporâneo de reestruturação territorial-produtiva. In: Espaço e Economia [Online], 2015.

OLIVEIRA, Marcione Brito de. Implicações do mosaico da paisagem na estrutura e composição de espécies de quirópteros no norte do Pantanal. Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.

PESSOA, Mayara Maria de Lima. As transformações da paisagem na estrutura e diversidade florestal em uma unidade de conservação no sudeste do Brasil. Tese– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROCHA, André Santos da. Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: Apontamentos sobre o “novo” mercado imobiliário da região. Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica, ano III, n. 6, janeiro-junho de 2015.

RIO DE JANEIRO (Estado). Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Estudo socioeconômico 2004 - Japeri. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Planejamento, 2004.

SABOTA, Heitor Silva. A Geografia no Museu: proposta teórico-metodológica de ensino do conceito de Paisagem. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, v.13, n. 23, p. 05–24, 2023.

SACRAMENTO, Clodoaldo Ferreira de Oliveira do. **Escolas do campo, memórias, paisagem geográfica em Nova Iguaçu e reserva biológica de Tinguá.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Milton. Os novos mundos da geografia. **Cadernos de Geociência**, Salvador, n. 5, p.28. 1996.

SANTOS JUNIOR, Paulo Antonio dos. **Dinâmicas da paisagem urbana em municípios periféricos: análise, percepções e prospecções das unidades morfo-territoriais e espaços livres de Seropédica, RJ.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, F. A. S. F. B. O ensino da linguagem cartográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: uma experiência com professores e alunos. 367p. **Tese (Doutorado em ensino de Ciências e Matemática).** Programa de Pós Graduação em Educação em Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem tempo e cultura**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1925].

SILVA, Nelci Soares da; CARMO, Judite de Azevedo do; ARAÚJO, Kárita de Fátima. A abordagem da categoria paisagem proposta pela nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a geografia no 6º ano do ensino fundamental. **Revista Equador**, v. 10, n. 2, p. 109-130, 2021.

SITTROP, Alexandre Johan Pereira. **Proposta de uso do Google Earth para a análise do potencial paisagístico do município de Japeri no ensino de Geografia e educação ambiental**. Monografia – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, R. A. **O significado social dos cursos de licenciatura do Campus Nova Iguaçu da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para a Baixada Fluminense**. Dissertação de Mestrado—Seropédica: UFRRJ, 2016.

SOUSA, J. J. O uso do Google Earth no ensino de Geografia: Uma experiência na escola municipal Mariano Leal. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**, São Carlos, 2018.

TEMPLE, G. C., & Souza, M. P. R. de. (2007). **Alunos copistas: uma análise do processo de escrita a partir da perspectiva histórico-cultural**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2013. p. 151.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Ed. Difel: São Paulo, 1983.

MACHADO, Dilson Duarte Pinto. **Análise da Bacia Hidrográfica do Rio São Pedro, sub-bacia do Rio Guandu-RJ, a partir do Sistema GTP (Geossistema - Território - Paisagem) como subsídio à conservação e gestão dos recursos hídricos**. Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem: Entre o sensível e o factual, Uma Abordagem a partir de Geografia Cultural**. Dissertação– Universidade de São Paulo/Departamento de Geografia, 2010.

MARTINS, Marília Salgado. **Fragmentação e estrutura da paisagem da Área de Proteção Ambiental do rio São João/Mico-leão-dourado - Rio de Janeiro**. Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

MENEZES, Wallace de Araújo. **A heterogeneidade e as mudanças na paisagem da bacia hidrográfica dos rios Iguaçu-Sarapuí (RJ) e seus efeitos nas inundações urbanas.** Dissertação– Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Pesquisa-ensino e formação de professores. In: PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elsa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor.** 1º edição. São Paulo: Paulinas, 2010.

PORTO, Tania Maria Esperon. Pesquisa-ensino: relação universidade/escola e articulação teoria/prática. In: PENTEADO, Heloisa Dupas; GARRIDO, Elsa (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor.** 1º edição. São Paulo: Paulinas, 2010.

PUNTEL, Geovane Aparecida. A paisagem no ensino da geografia. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, 2007.

QEDU, **Censo Escolar 2023.** Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar>>. Acesso em: 20/3/2023.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Questionário percepção dos alunos

APÊNDICE 2 - Questionário pós-atividade do *StoryMap*

APÊNDICE 3 - *QR code* do *StoryMap*

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO**

QUESTIONÁRIO PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

O que você acha sobre morar em Japeri? Justifique sua resposta.

Você acha Japeri bonito ou feio? Justifique sua resposta.

Quais lugares você costuma frequentar em Japeri?

Você costuma ir com frequência a outros municípios? Qual?

Você já ouviu falar no pico da coragem?

Você já foi visitar o pico da coragem?

O corpo d'água próximo à escola é um valão ou um rio?

Qual a diferença entre valão e rio?

Você já mergulhou no valão?

Você acha que tem algum problema mergulhar no valão?

Você conhece o rio guandu?

Você sabe qual o principal uso das águas do rio Guandu?

Você já foi até o campo de golfe?

O que você tem a dizer sobre as paisagens de Japeri?

Que lugares do Rio de Janeiro tem paisagens bonitas? Por quê?

Que lugares do Rio de Janeiro tem paisagens feias? Por quê?

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO PÓS-ATIVIDADE**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO****INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE GEOCIÉNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO****QUESTIONÁRIO PÓS-ATIVIDADE DO *STORYMAP***

1) Gostou de assistir uma aula com essa ferramenta (*StoryMap*)?

a) Sim.

b) Não.

2) Qual tipo de aula você mais gosta?

a) Aulas com o uso de tecnologia, como *StoryMap* e outras ferramentas digitais.

b) Aulas que envolvem discussões em grupo e participação ativa dos alunos.

c) Aulas tradicionais com quadro e explicação do professor, onde é preciso copiar.

d) Aulas ao ar livre ou em outros ambientes fora da sala de aula.

3) Você já tinha tido aula onde Japeri era o tema da aula?

a) Sim.

b) Não.

4) Você gostou de ter uma aula com o tema Japeri?

a) Sim.

b) Não.

5) A aula te deixou mais curioso(a) para saber mais sobre Japeri ou geografia em geral?

a) Sim.

b) Não.

6) Ao analisar o *StoryMap*, quais elementos de Japeri você considera mais simbólicos para a sua história e cultura local?

a) O campo de golfe.

b) As áreas verdes e o Rio Guandu.

c) As escolas e hospitais.

d) As praças e monumentos históricos.

7) Como sua experiência pessoal em Japeri influenciou a forma como você percebeu as paisagens apresentadas na aula?

a) Minhas percepções pessoais não mudaram com a aula.

b) A aula me fez ver a cidade de maneira mais crítica e detalhada.

c) Eu já tinha uma percepção clara das paisagens e a aula não mudou isso.

d) Percebi novas relações entre a cultura local e a paisagem.

8) O que mais te chamou a atenção nas imagens comparativas que utilizamos?

a) O aumento de construções e áreas urbanizadas.

b) A conservação de áreas naturais intactas.

c) A falta de transformações significativas na paisagem.

d) O crescimento industrial e tecnológico da cidade.

9) Como você percebe a cultura local de Japeri refletida nas paisagens que analisamos no *StoryMap*?

a) A cultura é visível apenas em edifícios históricos e monumentos.

b) A cultura está presente em vários elementos, como construções, infraestruturas e áreas de lazer.

c) A cultura não parece influenciar as paisagens de Japeri.

d) Não consigo identificar a cultura na paisagem.

10) Como você se sente em relação a Japeri após a aula com o *StoryMap*?

a) Passei a valorizar mais o lugar onde vivo.

b) Não mudou minha opinião sobre a cidade.

c) Agora entendo melhor a importância de certos elementos geográficos da cidade.

d) Me sinto mais distante das paisagens locais após a aula.

11) Você acha que o *StoryMap* ajudou você a transformar as paisagens de Japeri em lugares de maior valor para você?

a) Sim, ao explorar as imagens de Japeri no *StoryMap*, pude ver como a cidade tem significado para mim, com base nas minhas vivências.

b) Não, o *StoryMap* me apresentou apenas um espaço abstrato, sem criar uma conexão pessoal.

c) O *StoryMap* mostrou apenas aspectos físicos da cidade, sem influenciar na minha percepção do valor dos lugares.

d) A atividade não contribuiu para a valorização dos lugares em Japeri.

12) Como você descreveria suas emoções ao ver imagens de locais familiares de Japeri durante a atividade com o *StoryMap*?

- a) Senti uma conexão afetiva, pois reconheci lugares que são importantes para mim.
- b) Não senti nenhuma conexão emocional, apenas vi o espaço como uma representação geográfica.
- c) As imagens me causaram uma sensação de repulsa, por aspectos negativos que percebo na cidade.
- d) A atividade não despertou nenhum sentimento em relação aos lugares de Japeri.

13) Como o *StoryMap* ajudou você a perceber Japeri de uma maneira diferente, com base nas suas experiências pessoais?

- a) O *StoryMap* me permitiu refletir sobre como minha relação com Japeri molda a maneira como percebo os lugares da cidade.
- b) Minha percepção de Japeri não mudou, mesmo com as informações apresentadas no *StoryMap*.
- c) O *StoryMap* reforçou a ideia de que Japeri é apenas um lugar como qualquer outro, sem significados particulares para mim.
- d) A ferramenta apresentou informações que não se conectam com minhas experiências pessoais.

14) Você acha que o *StoryMap* ajudou a valorizar sua relação com a cidade?

- a) Sim, porque mostrou como Japeri mudou e como essas mudanças afetam minha relação com o lugar ao longo do tempo.
- b) Não, a apresentação das paisagens no *StoryMap* não me fez refletir sobre a passagem do tempo e sua influência na minha percepção da cidade.

c) O tempo não é relevante para entender minha relação com Japeri, mesmo com as mudanças mostradas.

d) A atividade não abordou a questão do tempo de forma significativa.

APÊNDICE 3 – QR *Code StoryMap*

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGGEO**

QR code de acesso ao *StoryMap*

